

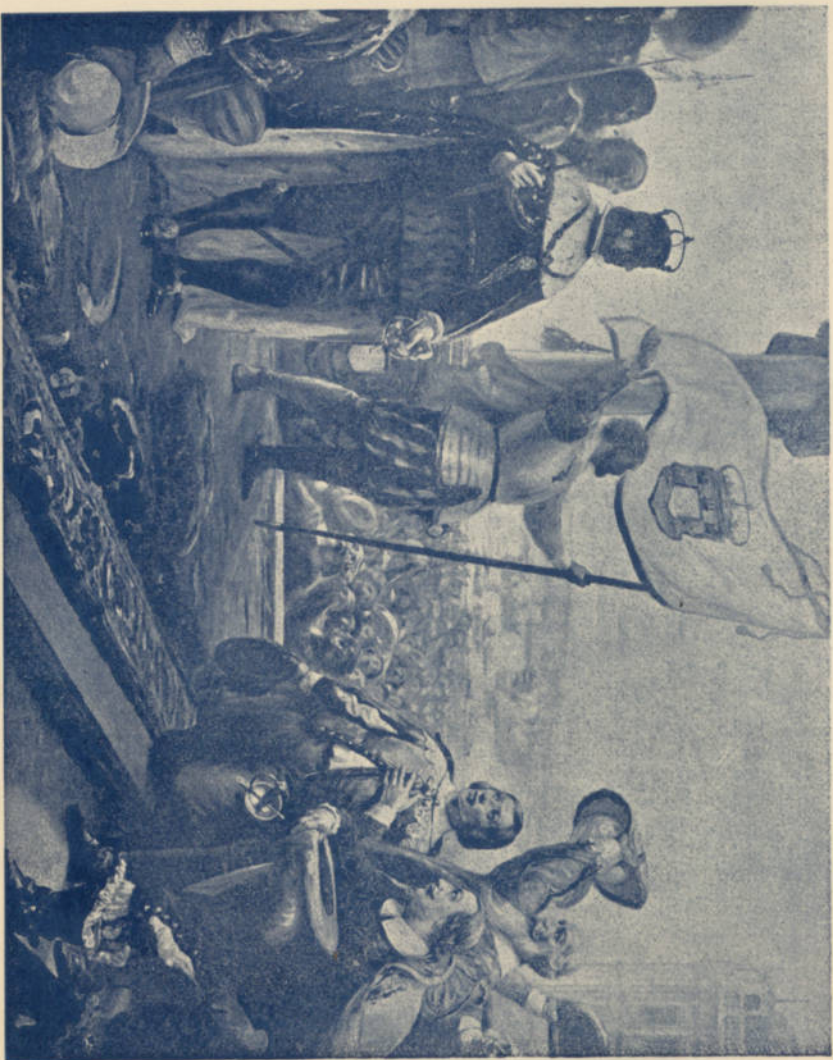
16 26 376  
**Heroínas Portuguesas**





L

26376



A CLAMAÇÃO DE D. JOÃO IV (quadro de J. V. Selgado, Museu de Artilharia — Lisboa)

HEROÍNAS  
PORTUGUESAS

## Colecção "ONTEM E HOJE"

---

### VOLUMES PUBLICADOS :

N.º 1 — Paulo Reboux, *Uma das maravilhosas: Madame Tallien.*

N.º 2 — Jacoby (João), *Lénine.*

N.º 3 — Rocha Martins, *Heroínas portuguesas.*

### PRÓXIMOS VOLUMES A PUBLICAR :

Rocha Martins, *Grandes estadistas nacionais.*

Funck-Brentano, *Os segredos da Bastilha.*

Nolhac (Pedro de), *Maria Antonieta em Versalhes.*

João Grave, *A Condessa da Ega.*

Tinayre (Marcela), *Madame de Pompadour.*

Rocha Martins, *Amores à margem da História.*

ROCHA MARTINS  
DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA



*R. 121:587*

# HEROÍNAS PORTUGUESAS



Livraria Lello, Limitada—EDITORIA  
144, Rua das Carmelitas—PÓRTO

AILLAUD & LELLOS, Limitada—R. Nova do Carmo, 30 a 34—LISBOA

*A propriedade literária e artística está garantida  
em todos os países segundo as leis em vigor.*



D. FILIPA DE VILHENA



# HEROÍNAS PORTUGUESAS

---

## I

### D. FILIPA DE VILHENA

O terceiro conde de Atouguia, D. Luiz de Ataíde, era vice-rei da Índia quando lhe chegou a notícia de morte do cardial D. Henrique e da aclamação de Filipe II.

Viver cativo é como ser cèguinho e Portugal caíra na treva.

O grande guerreiro, cujas proezas no Oriente recordavam as dos gloriosos batalhadores do passado, quisera embarcar o exército e ir em socorro de D. António, Prior do Crato, que disputava a corôa ao intruso. Sentira-se invadido pela doença, recolhera ao leito e, recebendo do soberano de Ceilão, D. João Prea Punhar, a entrega daquele reino, entrara na agonia, soluçando :

« Ora, que morra eu e seja tudo contra Portugal ! »

Finara-se; nem soubera que o monarca castelhano o amercara com o título de marquês de Santarém. Deposto o seu cadáver na igreja dos Reis Magos, de Gôa, ficou aguardando a trasladação para o convento do Bom Jesus de Peniche, terra de seu senhorio.

Não podia mais erguer-se. Era um despojo amortalhado em galas. Ao saber de sua atitude, o rei, retomou o pergaminho da honraria desistindo de premiar a descendência do fidalgo que pretendia arrancar-lhe das mãos a nação à qual se habituara a ver como sua pertença pois « a herdara, a conquistara e a comprara » aos renegados, aos gananciosos, aos vís.

Falecido sem herdeiros directos passara seu título aos Câmaras, na pessoa de D. João Gonçalves de Ataíde, cujo filho, D. Luiz de Ataíde, como o intrépido antepassado, foi o quinto conde de Atouguia.

Desposara uma Távora, D. Joana, filha de Luiz Álvares de Távora, a qual partira cedo do mundo e o viúvo consorciara-se com a herdeira de D. Jerónimo Coutinho, membro do Conselho de Estado e Presidente da Mesa do Desembargo do Paço. Competia-lhe decidir nos empates de votos de petições; despachava com os governadores do reino, da confiança de Filipe III.

O conde de Basto, D. Diogo de Castro, debalde supplicava ao rei que convocasse côrtes; o alto magistrado da sua intimidade, naturalmente lamentaria, sem se atrever a falar de rijo, os males da Pátria. A filha escutara, desde criança, os lances desoladores da política no seu Portugal escravizado.

Chamava-se D. Filipa de Vilhena e ia ser condessa de Atouguia. Usava aquele apelido visto as senhoras tomarem os de suas avós e ela descender de D. Margarida de Vilhena, da casa dos condes de Portalegre, neta de D. Fernando I, duque de Bragança. Por parte de sua mãe, D. Luíza de Faro, as suas veias continham sangue real.

Residiam, os Atouguia, no seu palácio do lado ocidental da rua dos Cabides, que desembocava um pouco abaixo da igreja dos Mártires. Vizinhava com os padres do Espírito Santo, e com os Távoras. O arco de D. Francisco ligava a resi-

dência a outra moradia da família. Ali, no bairro aristocrático, noivara D. Filipa de Vilhena e, ao cabo de dois anos de casada, viu descer à jazida da casa do Capítulo do convento de S. Francisco da Cidade o primeiro filho do seu amor. Chamara-se D. João em memória do notável ancestro dos Câmaras descobridor da Madeira.

Logo Deus a amerceara com outro menino, D. Jerónimo, como o avô, de tão grande categoria no governo do país alge-mado.

Cresciam sua prole e o mal da nação. Mais três descendentes alegraram aquele lar em brincadeiras infantis: D. Francisco, D. Luíza e D. Maria. Andava folgando por aqueles salões uma outra criança na qual luziriam talentos e amor patriótico. Era o filho de João Rodrigues de Sá e Menezes e de D. Joana de Castro, irmã do conde de Atouguia. O pai fôra agraciado, por Filipe III, com o título de conde de Penaguião. Seria camareiro-mór e alcaide do Pôrto. O pequeno já demonstrava sua tendência para o estudo e affecto maior pela priminha D. Luíza. Ao falecer o marido de D. Filipa de Vilhena ela ficara dirigindo a educação dos filhos, recordando-lhes, de-certo, aquele antepassado nobilíssimo de nascimento tanto como de carácter e que exclamara à hora da morte:

« Ora, que morra eu e que seja tudo contra Portugal ! »

A voz do velho D. Luiz de Ataíde sumira-se no último solum e tudo fôra contra Portugal. Havia já cinqüenta anos que a goliha estrangeira enlaçara a garganta do gigante encadeado pelo abandôno, pelo dolo, pela venda dos fidalgos. Tão cara custava a traição de alguns que o primeiro Filipe, chegara a perguntar: « ç Merecerá o reino o que por êle me pedem ? »

Sofriam, os dignos, em dolorido silêncio. A condessa de Atouguia já não tinha conhecimento com os governantes porque seu pai fôra juntar-se ao pequenino neto no tûmulo que

mandara erigir em S. Francisco da Cidade, a dois passos do palácio. Morrera em 22 de Julho de 1630.

O conde de Basto suplicara a sua demissão ; mandara-se de Madrid, onde residia D. João Manuel, arcebispo de Lisboa, substituí-lo no primeiro cargo do país. Êste vinha, por bastardos, de el-rei D. Duarte; aceitara a mercê mas pouco a gozara porque morrera hidrópico como se lhe dilatasse o corpo a infâmia da alma. De novo se entregara a vice-realeza de Portugal àquele nobre senhor que a repelira merecendo maior galardão : o da popularidade.

Movera, desde logo, suas queixas que os sãoos portugueses aplaudiam como um comêço de protesto. Dizia assinarem-se em Madrid despachos de tal maneira atentatórios que irritavam a opinião nacional. Não se proviam as reclamações dos lesados e o conde duque de Olivares, ministro omnipotente do rei castelhano, mais ordenava a seu alvedrio desprezando os requerimentos justos. João Pinto Ribeiro publicara o seu folheto no qual apresentava as colónias desamparadas enquanto os capitães nacionais serviam nas guerras da Flandres.

Os filhos de D. Filipa de Vilhena, D. Jerónimo, o que herdara o título de conde de Atouguia e D. Francisco Coutinho, cresciam neste ambiente. A mãe adorava-os em extremo. Eram os seus preciosos bens nessa cidade cativa onde chegavam os ecos do desdém com que se tratava todo o reino exaurido pelos constantes dízimos. Levavam-lhes o oiro e as espadas. Ela temia a hora em que viriam arrancar-lhe dos braços os mancebos ungidos de patriotismo e indicados, como todos os outros mancebos portuguezes, para o serviço do rei espanhol.

Debalde se requeria. O conde de Basto continuava com fortes e queixosas razões, mas não o atendiam. Deliberara abandonar o seu pôsto. Reformara-se a organização do govêrno. Chamou-se para o despacho das mercês, padroado e

ordens militares, a Gabriel de Almeida Vasconcelos; o da Índia e conquistas coubera a Luiz Falcão; Diogo Soares, o servil valido do conde-duque de Olivares, alcandorara-se à secretaria da fazenda e justiça; Marçal da Costa a escrivão do registo das mercês, colhendo Miguel de Vasconcelos igual cargo na fazenda. Era cunhado e sogro do favorito do ministro poderosíssimo de Filipe IV e residente em Madrid. Sofrera um grande desastre na mocidade. Seu pai, o doutor Pedro Barbosa, de tal maneira pleiteara pelo que chamava os direitos do rei de Espanha ao trono português e tanto se movera a seu favor, que uma onda de ódio galgara dos corações aos cérebros excitados pela vitória da usurpação defendida pelo jurisconsulto em alegações interesseiras. Estava encarregado, com Jorge de Cabedo e Vasconcelos, de coligir as Ordenações Filipinas; incorrera nas iras do povo, o qual, se ama, até ao delírio, seus defensores, mesmo ignorantes ou desvalidos, jámais perdôa, antes móres culpas lança, a sábios seus adversários.

Durante os tumultos que alvoroçaram a capital, a multidão, em fúria, acometera a casa do letrado; rugira e imprecara em raivas formidáveis e, apedrejando as vidraças da sua moradia, estilhaçando-as, mal recuara ante os mosquetes dos terços acorridos a defender o tredo escapulido pelos telhados.

O seu nome, de peregrina inteligência, tornou-se o símbolo do nojo. Mau português, indignava os que sentiam repugnância pela Espanha dominadora. Julgou-se, o legislador, ao abrigo das armas invasoras; blasonava de sua importância mal contando com uma lâmina justiceira. O povo não perdoara. Certa noite, o doutor Pedro Barbosa, caiu sob uma estocada que lhe roubou a vida tão certamente como êle praticara para com a liberdade dos portugueses. O filho, Miguel de Vasconcelos, herdara-lhe os talentos e tomara sôbre si a vingança. Devia lembrar-se, em 1634, do pai assassinado dezoito anos

antes; da sua casa invadida pela turba alucinada, cheia de patriotismo, mal concebendo que portuguezs de valia, corregedor do cível, desembargador dos agravos, tido por insigne, fôsse tão falho de carácter. A mancha do sangue paterno ficara-lhe na retina em bétas atractivas de mais sangue, o dos rebeldes— como lhes chamava—o dos que pretendessem libertar o país no qual mandava em excessos como se buscasse haver terríveis juro de sua orfandade.

Tomara-se de uma soberba inegalável; encarando os nobres com desprezo, mandava discricionariamente, mas não era melhor para os plebeus. Da turba saíra o rancor contra seu pai; talvez pertencesse à aristocracia a fôlha da espada que o punira.

Tremia-se diante do seu poderio; as queixas soavam a ocultas e, no palácio dos Atouguias, a condessa viúva, olhando os filhos e o sobrinho, o herdeiro do conde de Penaguião, revolveria na mente as suas dores, recordando, sempre, o antepassado do espôso buscando, apressadamente, juntar as hostes da Índia para a defesa de Portugal. Pretendia-se dar novó vice-rei à nação que o conde de Basto não queria mais governar sob os tiranos, pois se lhe negava recurso a seus propósitos. Falara-se em D. Francisco de Borja, príncipe de Esquilache, que, por ser descendente de portuguezes, talvez fôsse bem aceite, a-pesar-de espanhol.

O duque de Vila Hermosa, seu irmão, turbara-se ante a honraria que concediam ao príncipe e fôra persuadir o conde-duque de Olivares melhor caber tão grande mercê à duquesa de Mântua, D. Margarida, viúva de Vicencio Gonzaga e prima de Filipe III. Alegara que perdera seus estados pela opposição do duque de Nevers; a Alemanha buscava ligar aqueles territórios ao império e ela, na desdita, sendo enérgica e valorosa, poderia governar Portugal com mais acêrto e direito que o de



Esquilache. Retirara-se para Pavia; pleiteava-se pela sua vice-realeza. Fôra mau o conselho. Mais valera ter-se escolhido um homem para gerir os negócios do reino sujeito. A imposição de uma mulher irritou mais os ânimos, e ela, habituada a reinar, mas vindo assistida pelo marquês de Puebla, que a acompanhava, só para a aconselhar, instalara-se no Paço da Ribeira, em Janeiro de 1636. Miguel de Vasconcelos encarou com desprazer o conselheiro enviado de Madrid. Julgava-se mais apto para encaminhar a duquesa, e, dentro em pouco, o mando estava em suas mãos. O genro, Diogo Soares, ia manejando o conde-duque de Olivares que se concedia honras lhe decretava que o sogro amealhasse para a Espanha todo o oiro de Portugal. Era insaciável. Mandara edificar o palácio do Bom Retiro e carecia dinheiro; ordenava o máximo dos tributos não atendendo desculpas. Chegavam sucessivos correios cujas letras só tinham um fim: transferir o erário, vasá-lo nos cofres de Filipe IV. Acabara-se por exigir quinhentos mil cruzados e, considerando-se como um favor, pediu-se esta quantia anualmente.

Passaram-se ordens aos corregedores. A cobrança dos dízimos devia ser feita com rapidez. As obras não podiam esperar.

Rezava-se, baixinho, a mêdo, nalguns oratórios. No da casa de Atouguia, D. Filipa de Vilhena, elevando as suas preces a Deus, olharia desvanecida e esperançada os filhos que se tornavam homens, as meninas educadas em ternos enleios. Apertava-os nos braços, carinhosos e frenéticos, como se quisesse transmitir-lhes as palpitações ansiosas do seu nobre peito.

O duque de Bragança, D. João, fôra a Évora visitar o seu parente D. Francisco de Melo, marquês de Ferreira. Grandes mercês lhe tinham feito os reis de Espanha aos quais êste aristocrata seguira em grande pompa com o luxo pago pelo fruto

das exacções. Recebera o maior fidalgo do reino com as honras devidas à sua jerarquia. O duque hospedara-se na Cartuxa, padroado de sua casa, a fim de ser amável para com os frades. Êles, porém, conforme a regra de sua ordem, a tôdas as comidas o trataram a peixe. O Bragança, caçador, habituado a manjares de viandas, sorrira, e assentara : « Eu me vingarei na visita ao Colégio ! » Contava que os padres jesuítas melhor o servissem em sua mesa famosa e delicada. Tomou um lugar no refeitório vasto ao fundo do qual ia gorgolejando a água da bica a espalhar frescura e agrado. Julgava que os inacianos com lautos banquetes o deviam receber, mas quando os fâmulos, em vestes negras, apresentaram o primeiro prato, deparara com um belo peixe sob a sua camada de verde salsa. D. João esperou pelo seguimento, vislumbrou alguma perna de vitela assada a capricho, talvez leitão de pele esgarçada, loirinha a prometer macias polpas ; possivelmente, galinhas em espêto, saborosas, rescendentes. Voltaram os servos com a nova iguaria e era ainda de magro ; outro peixe acomodado de forma diferente mas aborrecido para o seu paladar em enjô das melhores presas das rêdes, preferindo-lhes mesmo a pior das carnes.

Havia, com certeza, no Colégio, galinheiro e açougaria. E o futuro rei de Portugal, D. João de Bragança, quedou-se talvez mais esperançado no prato de seu apetite que no trono ocupado por seu primo de Espanha.

Mais uma travessa de boa baixela surgiu ; os olhos de Sua Excelência desviaram-se desencantados. Continha ainda pescado. Não se lembrara que era sexta-feira. Balbuciou, com o sorriso preciso para mascarar o desengano :

— Vim a Évora jejuar !

Logo um dos jesuítas, fazendo a sua côrte e atiçando na alma do duque a brasa que já se acendia contra os usurpadores, exclamara :

— Senhor, os jejuns são vésperas de grandes festas !

Êle entendera-o ; voltou a sorrir e, desta vez, satisfeito. Depois, quando o levaram à Sé, o padre Gaspar Correia, ao prègar ante o silêncio devido ao templo e à presença de tão grande fidalgo, dissera « esperar ver o duque com uma corôa ». Detivera-se, reticenciara, concluíra: « de glória ». E subira um rumor amigo, lisonjeiro, cortesão.

Correra, depois, de bôca em bôca, a história do peixe e a frase do orador. Quiseram ver alusões a grandes festas pela liberdade de Portugal e os patriotas, entreolhando-se, comunicavam-se, baixinho, tais dizeres.

Fôra tudo. Os espanhóis, se tinham percebido as esperanças palavras, faziam-se desatendidos e só acordaram quando, três anos depois, se levantara o povo de Évora indignado contra os tributos. Atribuíam todos os ditos e pasquins a certo semi-louco, alucinado em cóleras umas vezes, outras jogralesco, o *Manuelinho*, popular de cuja alucinação se fizera um símbolo. Era êle o pobre Portugal, ensandecido e rebelde, curvado para as chicotadas mas rangendo os dentes, gargalhando, engulindo os ais na sua fúria insofrida, a rumorejar contra os grandes, os nobres, os que deviam tornar-se chefes, conduzi-lo e o abandonavam. Trazia ao pescoço os grilhões de escravo; os fidalgos usavam as gargalheiras de oiro das comendas. Ao pretender cobrar-se o imposto, a multidão revoltara-se e o que se denominou *As alterações de Évora* fôra o prólogo da maior insurreição.

Nem tudo era a fôfa lama do servilismo. Já se erguiam cabeças ; o povo só respeitava os que adivinhava capazes de se ofertarem ao cutelo do algoz filipino. Lançara-se em braveza contra o corregedor André de Moraes Sarmiento que procurava arrancar-lhe as décimas. Êle atraíra o juiz do povo, Senizando Rodrigues e seu escrivão João Barradas, ameaçara-os, quisera prendê-los mas, ao primeiro brado solto pelos magistrados po-

pulares, a onda avançara. Perdera-se o mêdo, galgaram-se as escadas da moradia, arremetera-se em busca do agente do governo ; destruíra-se, aniquilara-se tudo e redobrava de raivas ao saberem o exautor, occulto, em fuga, escapo à sua justiça.

Como um mar bravio a multidão devastou as casas dos que julgava assalariados dos Filipes. Depois as labaredas subiram na praça onde se iam queimando as alfaias doutros assaltados.

O antigo governador do reino, D. Diogo de Castro, conde de Basto, ao sentir a turba a invadir-lhe o palácio, saíra-lhe entre uma ala de lacaios de archotes acesos e preguntara, de cabeça alta, rijamente :

« Povo de Évora, que me quereis ? »

Os revoltados calaram, a súbitas, o seu rumor de oceano irado. O velho prosseguira :

« Sou vosso natural ; três vezes governei estes reinos sem vos fazer agravo ! Aqui me tendes ! Se para vossa quietação serve a minha morte, matai-me e sossegai-vos. Se quiserdes poupar-me a vida para vos ajudar ao remédio que vos convém, olhai como vos parecer mas não vos esqueçais que sois portugueses onde nunca se conheceu mancha de deslealdade ! »

Calara-se o ancião. Não o condenaram ; saíram de ânimos turbados e vozes recolhidas.

A notícia chegara veloz aos oratórios onde as fidalgas como D. Filipa de Vilhena, condessa de Atouguia, acendiam velas em oblatas aos Santos e, chorando, rezavam pela Pátria.

\*

\* \*

As quatro bandas de prata com seu timbre, a onça faixa de argênteo, esculpidas na pedra de armas sobre o portão do palácio dos Atouguias, na rua dos Cabides, cobriam a passa-

gem, por deshoras, do moço conde e de seu irmão D. Francisco Coutinho. Seguiam embuçados e cautelosos. Talvez fôsem a amorosos encontros, porque eram jóvens ou a citas de arruaças por aquelas ruelas da cidade escura pejada de palácios vastos e sombrios, igrejas e casebres lôbregos.

Avultava o borrão negro do Castelo, onde se aquartelavam as tropas castelhanas; em baixo, junto ao Tejo, o Paço da Ribeira espargia claridades pelas janelas do gabinete onde Miguel de Vasconcelos trabalhava nas combinações gratas a Filipe IV, ao conde-duque de Olivares, à Espanha. Sentinelas soturnas atalaiavam a sumptuosa morada dos reis onde a duquesa de Mântua residia. Era em Outubro; as noites arrefeciam, não se estranhava a passagem de embuçados. Temia-se, a tôdas as horas, que de Madrid mandassem chamar os grandes fidalgos como os de Atouguia. Já para lá tinham partido seus parentes, quási como refens.

As mãis receavam aqueles chamamentos. D. Filipa de Vilhena, ao facto do que estava decorrendo, mais lhe agradaria saber os filhos no rebuço das capas negras correndo as ruas, indo ao destino seu conhecido do que ávidos de partir para o serviço do castelhano.

O rei espanhol tinha partidários em Portugal. Havia grandes damas, como a marquesa de Montalvão, lamentando não possuírem mais filhos para lhe dar. Ela, a condessa de Atouguia, e sua prima D. Mariana de Lencastre, viúva de Luiz da Silva, que governara a Relação do Pôrto, desolavam-se à idea de para combater haverem apenas quatro rapazes. Vizinhavam seus palácios no bairro onde se erguiam os dos Távoras, de S. Miguel, dos Ribeira Grande, no Ferregial, e o dos Vimieiros, da família daquela senhora tão intrépida como a parente D. Filipa de Vilhena. No alto da riba, ocupando o largo espaço, sobranceiro ao rio, como um condor em firme rochedo a

mirar até ao Paço da Ribeira, ressaía o morro no qual os Braganças tinham sua residência citadina.

O duque estava em Vila Viçosa, no solar da sua nobre raça, desviando-se das suspeitas dos espanhóis que mandavam a nobreza de Portugal apetrechar-se para a guerra contra os catalães rebelados. Moviam-se as hostes reunidas por D. Afonso de Lencastre, marquês de Pôrto Seguro. A cavalaria portuguesa recebera ordem para embarcar na Corunha.

Lisboa amodorrava ; curvava-se mais a cabeça de Portugal prisioneiro. D. João, duque de Bragança, recebera aviso para entregar a D. Afonso Telo, mil dos seus vassallos armados. Depois convocariam sua própria pessoa, pois, residindo no reino, avigorava as esperanças que os de além raia suspeitavam em ânimos portugueses. Pretendiam miná-las, desagregando a nobreza pela fôrça, pelas mercês, pelo castigo ou pela ameaça.

Os officiaes dos terços castelhanos, dos arcabuzeiros, miqueletes e tudescos, retorciam os bigodes petulantes, erguiam as cabeças desafiadoras engoladas nos colarinhos tufados e brancos. Levantavam as capas curtas com as espadas bem seguras, pelos punhos dourados e, cobertos nos vastos sombreiros de plumas, julgavam-se, com seus soldados, capazes de conter uma nação, um mundo.

Os portuguezes olhavam-nos em disfarçada ira e as mulheres, cobiçadas por seus sorrisos, cerravam as ventanas em dedéns. Nas casas de Jorge de Melo, em Xabregas, houvera uma reunião de seus parentes e amigos a qual não se annunciara às damas. O mestre de campo confidenciara com o monteiro-mór Francisco de Melo e com D. Antão Vaz de Almada, descendente do celebrado cavaleiro conde de Avranches, na Normândia, que cingira a Jarreteira e ao morrer no campo pelo seu amigo, o infante D. Pedro, gritara, já por terra, aos que o investiam : — « Eh ! fartar, rapazes ! E tu minha alma, já

tardas! Fartar, fartar, rapazes!» Tal sangue impunha obrigações.

D. Antão cumpria-as e tanto, que convidara a imitá-lo alguns de seus pares por aquele Outubro de 1640, quando as donas como Filipa de Vilhena e Mariana de Lencastre increpavam Espanha ajoelhando em preces por Portugal. Estavam com o fidalgo, no seu palácio do Rossio, no segrêdo, nem sempre bem guardado, das noites, senhores como D. Miguel de Almeida, dos Abrantes, Pedro Mendonça, alcaide-mór de Mourão, o monteiro-mór, Jorge de Melo, o padre Nicolau da Maia, o notável jurisconsulto João Pinto Ribeiro, procurador da Casa de Bragança, que tivera a coragem de alegar em tersa prosa contra os despachos de Madrid. Era comendador de Santa Maria de Gimunde, luzindo, por consequência, fidalguia. Fôra o último convocado. Esperavam levá-lo a ajudar o alçamento ao trono, do amo, duque de Bragança.

Tinham-se escolhido, cuidadosamente, os representantes dos grandes nomes nacionais Câmaras, Figueiredos, Sás, Teles, Noronhas, Menezes, Coutinhos, Ataídes, os Atouguias, que apareciam, como seus pares, envoltos nas fartas capas pelas noites de reünião dos aliciados. O palácio brasonado na pedra bandada quatro vezes, sob o timbre da argêntea onça, guardava o seu segrêdo.

Formavam-se os terços, os contingentes, as levas de portugueses com destino à Catalunha sublevada contra a Espanha, pois estava longe de se considerar unida a esta nação. Desorientavam-se os espíritos dos conspiradores. Achavam demorada a acedência do Bragança; queriam-no a chamá-los, não a desatendê-los. A precaução em senhor de sua jerarquia representava cuidados de conjurado arguto. Livrava-se de atrair as vistas dos inimigos que lhe mediam a atitude. Impacientes, os patriotas, aventavam chamar-se D. Duarte, irmão do duque,

que militava na Áustria, ou, no entender de outros, melhor seria talhar uma república como as de Veneza, Génova ou Holanda.

Sofria-se nos palácios onde os cúmplices da conjura viviam, nas casotas pobres, por toda a terra portuguesa, minguando-se a dôr, e, antes de gala se revestindo as almas, noutras salas pomposas e até em templos e conventos onde se votavam amor e rezas à Espanha. O duque de Bragança visitara a duquesa de Mântua; acorrera a nobreza a Almada a veniá-lo como ao de mór estirpe mas não lhe ouviram palavras de boa resposta a suas insinuações contra os usurpadores. Desembarcou no cais do Paço da Ribeira; subiu ao salão, onde a governadora do reino o aguardava. Rápida mente ela ordenara que se retirasse a cadeira de espaldas destinada ao visitante, colocando-a em lugar mais distante da sua. Tomé de Sousa, em decisão altiva, a remeteu ao sítio conveniente à dignidade do duque de Bragança. Êle pouco se demorou na cortesia. Partiu. Ia sorumbático, melancólico, em disfarce conforme a sua índole. Metera-se no seu solar alentejano. Prosseguia a chamada de soldados, para Espanha. Chorava-se, antevendo a má hora em que não houvesse mais fidalgos em Portugal. Seria o epílogo de Alcácer-Kibir. Urgiam as decisões e os grandes senhores, com Francisco de Melo à frente, já ofereciam, peremptoriamente, ao duque brigantino a corôa de Portugal. Filipe IV, bem avisado por suas esculcas, mandara-lhe ordem de partida para a terra rebelde aonde a majestade se dirigia a fim de a submeter à sua vontade, aos seus tirânicos designios, ao seu poderio.

Na Catalunha fraguava-se a chave de ferro, tinta de sangue, para abrir o cárcere onde Portugal gemia.

Decidira-se naquela reunião do palácio Almada, a doze de Outubro de 1640, que fôsse Pedro de Mendonça, alcaide-mór



de Mourão, entender-se, de vez, com D. João de Bragança. Exultou; traçara caminho por Évora, e confidenciando com o marquês de Ferreira e com o conde de Vimioso logo, sem detenções, dêles recebeu cartas para o grande senhor de Vila Viçosa.

Os conjurados esperavam, em Lisboa, em freimas e temores, a decisão do que buscavam alçar ao trono. Em casa dos Atouguias, e noutras, sabia-se da agência do alcaide-mór. Êle, em igual anseio, penetrou na tapada onde o duque andava à caça. Afastou os couteiros, embrenhou-se na espessura do bosque, calcando a terra húmida, já descuidoso dos veados que passavam, batidos de longe, velosíssimos, quebrando os ramos.

Ouviu o enviado falar-lhe das intenções da nobreza, dizer-lhe que se não o persuadissem a aceitar o usurpado cetro os fidalgos « erigiriam república a-pesar-de o haverem por seu príncipe natural. »

Tinha o grande fidalgo por secretário, António Pais Viegas, e, como se lhe receasse influência no seu ânimo, Pedro de Mendonça pedira segredo, para com êle, sôbre a deligência feita. O duque respondeu não o guardar, pois muito confiava em sua dedicação.

Caminhavam da Tapada para o Paço, e, lidas as cartas do Vimioso e do marquês de Ferreira, saíu-lhes à presença o bispo de Elvas D. Manuel da Cunha, por visita. Era prelado douto e contrário a Filipe IV junto do qual seu pai, Simão da Cunha, exercera o cargo de trinchante-mór.

Por altas horas, o duque de Bragança mandou acordar o secretário, fiou-se de seu engenho e, bem, porque logo acudiu com interrogativa formal embora respeitossíssima: « Se acaso os portugueses formassem república, que partido havia de seguir: o de Portugal ou o de Castela? Volveu-lhe o amo que

« sempre estivera deliberado a se não apartar do comum consentimento do reino e qualquer perigo a que se arriscasse, pela defesa da Pátria, teria por muito suave. »

Não haveria, dessa hora em diante, mais vigilante e cioso conjurado. Quis, porém, escutar sua espôsa, a duquesa D. Luíza de Gusmão. Era espanhola ; irmã do poderoso duque de Medina Sidónia. Parente dos reis castelhanos, não os amava, altiva de seu nascimento, pesando os riscos mas desdenhando-os, com orgulho, concluíra :

— « Antes morrer reinando do que acabar servindo ! »

Ainda a aurora não dedava o céu e era negra massa o arvoredo da tapada ducal, quando Pedro de Mendonça, chamado à pressa, ouviu a resposta do Bragança. Rejubilou ; curvou-se, tentando beijar-lhe a destra. Seria o seu primeiro acto de vassalo, porém, o duque retirou a mão explicando que « para essa cerimónia não faltaria tempo e que para conseguir o que dispunham faltavam muitas circunstâncias. »

Inundou-se de lágrimas o rosto do conjurado. Os primeiros raios de sol beijaram-nas, enxugando-as.

No palácio de D. Antão de Almada a chegada do emissário galvanizou os conspiradores. Escutaram-no em delírio. Já não corriam o risco sem aquela égide ; não falharia a aclamação de um rei português. Faltava marcar a data para o ataque ; João Pinto Ribeiro, o administrador da Casa de Bragança, partiu para Vila Viçosa a tratar dêsses pontos. O número dos conjurados aumentara e de tal forma que uma larga espionagem se desenvolvera por parte dos agentes da duquesa de Mântua.

O grande fidalgo escutou o novo enviado. Tomara a atitude de um decidido chefe. Desde que se comprometera mandava e suas ordens eram claras, firmes, audazes. Queria saber os nomes dos partidários ; indicava a rapidez com que se deviam

manifestar visto ter notícias da passagem de muita gente para Espanha a levar notícias do que não se pudera ocultar com o devido recato. Acrescentava que se em Lisboa se hesitasse êle proclamaria a revolta com fidalgos e povos do Alentejo. Davalhes pressa e sossegava tão pouco no intento que ficou impatientíssimo. Quando o homem de leis lhe quis beijar a mão, desviou-a, sorrindo. Ironizou :

— « Não compremos a couve, primeiro do que a carne ».

Era em vinte e seis de Novembro. Desta vez os filhos de Filipa de Vilhena, o conde de Atouguia e D. Francisco Coutinho, e os de D. Mariana de Lencastre, António Teles da Silva e Fernão Teles da Silva, não tiveram grandes passos a dar. A reunião realizava-se no próprio palácio dos Braganças, na riba do Ferregial, sôbre o Tejo marulhento. Outros fidalgos tinham deixado os carros em diversos sítios procurando alhear as atenções da nobre morada.

A condessa de Atouguia esperava muito daquela assembléa. Ungira-se de patriotismo ; dava seus filhos à Pátria e devia desolar-se e sofrer pelas demoras, mas, ante a narrativa do sucedido, seu espírito iluminar-se-ia como a de uma fervorosa crente ante a visão divina.

Presidira João Pinto Ribeiro. No vasto salão as luzes eram fracas, débeis e poucas. Tinham-se cerrado as portadas das janelas. Outras claridades, e das mais vivas, iluminavam as almas dos culpiciados na nobre empresa à medida que se escutavam as palavras de D. João de Bragança fielmente repetidas pelo seu representante.

Uma figura de sacerdote se ergueu ao indicarem-lhe o seu dever. Era a do padre Nicolau da Maia, aliciador dos elementos populares. Convinha convocar o Juíz do Povo, o escrivão dos mestéres e a gente da Casa dos Vinte e Quarto com os quais se entendera. Mover-se-iam logo que a nobreza se manifestasse ;

— asseverava o reverendo — ; não faltariam ; podia contar-se com a solidariedade dêsses humildes.

Declarava-se que o arcebispo de Lisboa, D. Rodrigo da Cunha, concordava com tôdas as resoluções. Chamado a Madrid, ante as suspeitas em que o envolviam, conseguira licença para se dirigir a Lisboa. O seu clero estaria prestes na hora do grande brado libertador.

D. Filipa de Vilhena exultara ao ouvir as vozes abafadas dos filhos a narrarem-lhe os lances dessa longa reunião na qual se marcara o primeiro de Dezembro para se deflagrar o movimento. Três dias depois, sobressaltos enormes a turbariam ao escutar, de novo, o sucedido, os transe que poderiam causar as maiores desgraças. Estremecia os filhos ; doara-os à Pátria para o combate mas não para os ver prisioneiros e condenados, com o resto da nobreza filiada na conjura, só porque uma voz timorata, cautelosa, se levantara. Mal a acreditava pertencente a um fidalgo. Era como se lhe dissessem ter esfriado o sol. D. João da Costa grangeara fama de valente e de ponderado mas nunca se julgara que levasse tão longe o que alguns capitulavam de bom senso. Dissera o duque de Bragança capaz de sucumbir sob tão pesada corôa. Sentia o país desfalcado de homens e de dinheiro necessários para o triunfo cabal do cometimento. Vencer seria fácil mas difícil sustentar a vitória. Dera balanço às fôrças dos revolucionários : quarenta fidalgos com séquitos que não completavam duzentos homens ; algumas adesões no Alentejo e « um povo volúvel e inconstante ». Só isto contra todo o poder castelhano, nas tôrres, nos navios, nos quartéis ! Embora se ganhasse a partida logo se arremessaria contra Lisboa o exército destinado a combater a Catalunha. Essas legiões esmagariam tudo. Via um campo de desolação ; sangue e mortos, castigos e opróbrío. Só por milagre !

Acrescentava àquelas instantes frases a de maior descrença :

« E milagres, senhores, é justo que se creiam, é bom que se mereçam, mas não é razão que se esperem ! »

Entreolharam-se, os conjurados. Tais palavras pareciam um dobre. Lentamente, D. João da Costa, terminara oferecendo a sua vida, dispondo-se a correr o perigo com os seus pares mas sem esperanças no êxito. D. Miguel de Almeida, um ancião, levantara-se em firme resposta :

« Não se trata de morrer mas de vencer ! »

Sentia-se, porém, um desalentado rumor, como o contágio da prudência levada até à cobardia.

No gélido ambiente moral daquela sala nobre começavam a crescer rancores. Mesmo ao espírito dos mais arrebatados acudiu a desigualdade dos elementos que o avisado fidalgo evocara.

Sabia-se invencível o Castelo de S. Jorge. Dominava a cidade. O governador da fortaleza, D. Luiz del Campo, desde-nhava dos portugueses. Os arcabuzeiros, com artelharia, guarneciam as tôrres de S. Julião, Belém, Bugio, Tôrre Vélha, Santo António e Almada. Fundeavam no Tejo os galeões de Espanha. No resto do reino a fôrça era castelhana. O marquês de la Puebla, o conde de Baioneto, D. Tomaz Calderon, D. Diogo de Cardenas, estes grandes senhores, que rodeavam a duquesa de Mântua, não temiam os rumores espalhados. Mesmo um grande movimento seria esmagado. Valiosa lhes parecia a presa ; os despojos pingues. E riam.

Coubera a dúvida nos ânimos. Excitara-os. Dissera-se a João Pinto Ribeiro para que avisasse o amo. Devia deter os preparos da acção indicada para o dia primeiro de Dezembro.

Saíra-se da assembléa. Uns mostravam-se furiosos, outros contentes ; havia também os que mediam o perigo maior de não acometer, deixando-se apanhar por uma sortida sem tentarem a aventura.

D. Filipa de Vilhena, bem como algumas outras damas, estava a par dos trâmites da conjura; ao saber do adiamento, o seu nobilíssimo ânimo recordaria a voz daquele vice-rei da Índia, D. Luiz de Ataíde, antepassado do espôso e que, no soluço derradeiro de seu passamento lhe parecia mais do que nunca, profético :

« Que morra eu e sejam todôs contra Portugal ! »

\*

\* \*

Dezembro é de tarde dealbar. Demorava por longe a madrugada. Por quási tôdas as casas de Lisboa se acendiam luzes nas alcovas, nas livrarias e nos oratórios, no dia inicial do mês, em 1640, e com a noite cerrada.

Velara-se no palácio da Rua dos Cabides, na moradia dos Atouguias. D. Filipa de Vilhena sentira renascer em seu espírito, a esperança. Só os dois fidalgos descansavam porque iriam para a luta. Tudo se compusera. A nobreza reflectira. Passara um rápido correio para o Alentejo a prevenir o duque de Bragança de não se ter adiado a revolução.

As filhas da nobilíssima senhora, D. Luíza e D. Maria, rezavam cheias de fé. A decisão firmara-se. O encontro seria à oito horas daquele sábado no Terreiro do Paço. Costumava-se dizer com fé: Sábado, dia de Nossa Senhora, porque à Virgem o dedicavam. Ia tentar-se um grande milagre : ressuscitar a Pátria. As mãis choravam pelos filhos; tinham-lhes mais amor do que à liberdade. Frutos de suas estranhas temiam vê-los entrar no seio da terra ou no dos cárceres. Uma grande comoção passara ; desejava-se sem fim a treva, distante a manhã que os aproximaria do lance tormentoso. Em grande número de palácios se moviam os conjurados. Tinham armas ; carre-

gavam-se pistolas, vergando as finas lâminas das espadas sorria-se. Passava um enorme pranto; a aurora ainda dormia no seu ninho; dominava o negrume da noite fria.

De janelas bem cerradas, candelabros acesos, esperanças oscilando como brandões vasquejantes à aragem, rezas nos lábios, pavores nos olhos a afogarem-se em lágrimas, assim se vivia na madrugada escura. Muito distante devia estar ainda a alva.

Dezembro chegara álgido e tórvo.

D. Filipa de Vilhena ergueu-se do genuflexório; aguardava o ruído de passos dos heróis que deviam ir batalhar por sua Pátria. Podiam morrer ? ! Só julgava que não podiam faltar. Queria-os despertos; cada minuto que corria parecia-lhe uma traição. Não esperou muito. Estavam na sua frente; e, de sorriso nos lábios, as mãos estendidas para as dêles, que talvez, em breve, ficassem tintas de sangue ou frias sob o beijo gélido da morte, apertou-lhas, aqueceu-lhas, a querer transmitir-lhes o seu vigor como lhes dera a vida, havia vinte anos, quando outro amor a enchia. Hoje a paixão devorava-a. Já não era necessário o segrêdo. Iam bater-se pelo que amava acima dêles : a Pátria. Preferia vê-los mortos a não se sacrificarem pela liberdade de Portugal. Sorria-lhes como se fôsem para bôdas, estivessem noivos, os esperassem beijos de virgens sob a graça de Deus em vez dos ósculos tredos das agonias. Êles, porém, seriam heróicos.

Contemplava-os e queria-lhes mais e, por isso, maior dom fazia a Portugal entregando-lhos.

Tomou as armas ali dispostas; olhou-as ternamente, como se fôsem suas filhas também, e, ela própria, destra, perita, parecendo que jâmais fizera outra coisa, dispunha-se a afivelar a espada à cinta do seu primogénito, falando-lhe ao segurar a arma, bem firme, em suas mãos heróicas. A Pátria

acima de tudo; era extremosa a viúva cujos maiores bens consistiam nos seus rapazes; não os trocaria por tôdas as riquezas do orbe; amava-os mais nesse momento em que poderia enviá-los à morte. Preferia, porém, vê-los por terra do que desmerecendo da grei dos Ataídes, daquele vice-rei que se finara, sonhando com a Pátria, e a murmurar, havia sessenta anos, que há tantos durava o cativoiro:

« Que morra eu e sejam todos contra Portugal! »

Não seriam; pelo menos os que usavam seus apelidos correriam a ofertar-se à morte pela querida Pátria.

Tudo isto constituía seu pensamento, morava em seu espirito, e, apertando-lhes os cinturões cariciosa para os punhos daquelas flexíveis e bem temperadas lâminas de combate, a grande dama incitava-os, em jubilo, a baterem-se através de todos os perigos. O seu coração dizia-lhe que voltariam. Se assim não fôsse — devia pensá-lo — luto na alma, luto nas vestes, luto no brasão, mas ninguém veria o dó em seu rosto. Não se chora em público, nem mesmo ante os amigos, pelos que morrem pela Pátria. Luto eterno seria o de seu coração pelos filhos e por Portugal.

O que D. Filipa de Vilhena pronunciou ao cingir-lhes as espadas, « ajudando a armar seus dois filhos », foi imenso, talvez menos eloqüente em frases do que em atitudes: « exortou-os a conseguir a valer a acção que empreendiam ».

Depois de apetrechar o conde de Atougua, voltou-se para D. Francisco Coutinho, praticando do mesmo modo; como severo escudeiro em vésperas de batalha, animava seus filhos cheia de fé. Entregou-lhes as pistolas pesadas. Ajustava-lhes as capas com tanto carinho como se os envolvesse, ainda, nas faixas infantis.

As meninas continuavam rezando. D. Luíza, sabia seu noivo e primo, o filho do camareiro-mór, conde de Penaguião,



ajuramentado para o mesmo nobre lance que lhe arrastava os irmãos ; D. Maria, a mais novinha, lembrava fresca açucena aos pés do altar. D. Felipa de Vilhena viu os seus rapazes a curvarem-se, ajoelhados e abençoou-os.

Pela Pátria ! Pela honra de vosso nome !

Deu-lhes a mão a beijar e logo os apertou estreitamente nos braços. Foi longo o amplexo ; podia ser o último.

Vinha de longe um rumor de seges. Lisboa acordava. Os conspiradores saíam dos portões armoriados. Não deviam ser dos últimos, os Atouguias. Rodavam carros pela Rua dos Cabides, nas ladeiras de S. Francisco e dos padres do Espírito Santo. De-certo eram os Távoras que partiam.

Mais um abraço ! A grande dama ficou a ouvir o tilintar das esporas dos filhos nos degraus das escadarias ; depois a largada do coche em cujas portinholas o escudo bandado de prata mal ressaía ao débil alvor.

Abriram-se as janelas do palácio ; nuvens pesadas turbavam o espaço. Lá em cima, o castelo de S. Jorge era um borrão no seu morro, ameaça terrível, gigantesca, o altar maldito da vitória alheia.

A valorosa dona ajoelhou de novo mas desta vez no frio mármore do oratório, entre as duas filhas.

Na casa nobre de D. Mariana de Lencastre passara-se idêntica cena. A intrépida senhora ajudara a armar seus filhos, dissera-lhes do seu dever, em frases veementes. Sob essa bênção dos lábios maternos partiram para a luta António e Fernão Teles da Silva.

A alvorada da vitória romperia, em breve, o torvo do céu com seus dedos de doce luz.

\*

\* \* \*

Clareara ; o sol surgira. Eram oito horas e meia da manhã do primeiro de Dezembro. Friava. Os fidalgos, cumpliciados na conjura, iam chegando à porta do palácio da Ribeira. Os lacaios, palafreiros, moços e estribeiros resguardavam sob os capeirões bacamartes e punhais. Ao bater a última badalada das nove os conjurados saltaram impetuosamente dos coches. Sumidos no fundo dos seus carros, Jorge de Melo e Castro e Estêvão da Cunha deviam aguardar o sinal para o assalto da guarda principal.

Os tudescos da antecâmara viram, a súbitas, Afonso de Menezes, Gastão de Brito Freire e António de Azevedo avançando para êles de pistolas aperradas e luzindo os brilhantes ferros. Derrubaram os armeiros, e, apossando-se das alabardas, estilhaçaram as portas. Pedro de Mendonça e Tomé de Sousa tomavam a passagem aos apavorados archeiros enquanto o criado do duque de Bragança, Luiz Godinho Benavente, com outros, ia prostrando os soldados que guardavam a entrada dos aposentos da duquesa de Mântua, governadora do reino.

D. Miguel de Almeida, de cabeça descoberta, ancião, mas de energia moça, desembainhara a espada e gritava :

« Liberdade, Portugueses ! Viva El-Rei D. João IV ! »

Fazia esta aclamação da varanda para o terreiro e o povo convocado por seu juiz e gente da Casa dos Vinte e Quatro, ouvia, entusiasmado, aquela delirante saudação ao duque de Bragança.

¿ Onde está Miguel de Vasconcelos ?

D. António Telo, o moço D. João de Sá e Menezes, primogénito do conde de Penaguião, e noivo de D. Luíza de Atou-

guia, caminhavam com os filhos de D. Filipa de Vilhena. Álvaro Avranches, Aires de Sá Saldanha, António Álvares da Cunha e muitos mais fidalgos seguiam pelos vastos corredores do Paço. Disparara-se uma pistola ; fôra ferido no braço, António Teles da Silva, um dos filhos de D. Mariana de Lencastre. Toparam Francisco Soares de Albergaria à porta do secretário de estado. Detiveram-no :

— Viva El-Rei D. João IV !

Respondeu-lhes em ímpeto :

— Viva El-Rei D. Filipe !

Um tiro soou e o final do segundo brado colheu-o na garganta o projectil disparado por mão certa. O alvejado ficou por terra, golphando sangue ; calcaram-lhe o corpo na fúria da corrida. Deparou-se aos olhos dos conjurados António Correia, oficial-mór da secretaria. António Telo, que o odiava, feriu-o em raiva cruenta.

¿ E Miguel de Vasconcelos ? ¿ E Miguel de Vasconcelos ?

Queriam o árbitro do mando, o tredo, o vil que tantas denúncias fizera, à mistura com vexames e infâmias contra os seus compatriotas. Um dos apaniguados do ministro, Manuel Mansos da Fonseca, apparecera a dar-lhe aviso. Estava na cama. Ouviu o áulico dizer-lhe da chegada dos fidalgos ao Terreiro do Paço ; chasqueou da prevenção mas ante o rumor distante, logo a aproximar-se, com seu barulho de armas e de passadas no corredor, levantara-se, tentara vestir-se, e fugira à pressa, desordenadamente, cheio de desespêro.

Diante dos conjurados apparecera o valido, Adriano Salazar Sarazá, um espanhol.

— Que quereis ? — interrogou com arrego.

Preguntaram-lhe pelo amo e amigo. Sentiu contra o peito as pontas das espadas, enlvideceu, voltou costas escorraçado. Êles entraram, de roldão, no gabinete onde se tecera o mal da

Pátria. Viram papéis remexidos, cadeiras arredadas. Fortes golpes de machado abateram as portas que deitavam para a casa da Índia. Apareceu uma serva. Ouviu-os rouquejar a pergunta apressada :

— ç Miguel de Vasconcelos ? ! ç Miguel de Vasconcelos ? !

— Não sei, meus fidalgos, não sei ! e, ao mesmo tempo, o seu dedo indicava um armário enorme metido na parede e que podia albergar mais de um homem. Arrombaram as portadas ; escondido sob um monte de papéis e apertando convulsamente uma carabina, estava o secretário de estado. António Telo disparou dois tiros que o alcançaram ; ao sentir-se ferido pulou para a sala e caíram sôbre êle à espadeirada. Jorrava sangue do seu peito ; e, abatido sob aqueles ferros, como um javali em boa montaria, espumejava, desfalecendo. Ainda estava vivo. Tomando-o nos braços, aquele corpo ensangüentado, arremes-saram-no ao terreiro, entre imprecações.

Depois, nos arrancos da fúria contida durante tantos anos, como se as vélhas cóleras dos antepassados os movessem, arrojaram à praça papéis, trajos, alfaias, do traidor ; até móveis se despenharam das varandas sob as quais jazia despedaçado o cadáver do que, há pouco, era, ainda, tão poderoso.

Acorrera o povolêu da Ribeira das Naus, como para um regabofe farto.

Morrera o português inimigo de Portugal.

Lançando-se sôbre aquele despojo, privavam-no dos dedos, arrancavam-lhe as barbas, calcando-o em fúrias. De repente, luziu uma navalha de cortar cordame, faíscou, e, logo ao som de ensurdecedor berreiro, foi decepada cerce uma das orelhas do ministro. Pingava sangue negro, escorria em laivos grossos ; farrapos de carne altearam-se nos chuços emquanto a turba cuspiã no rosto amaldiçoado. Mulheronas, colarejas, comborças, populacho, que não fôra convocado para a revolução, ber-





D. FILIPA DE VILHENA, armando seus filhos cavaleiros (pintura feita em 1801 por Vieira Portuense)

rava, lançando punhados de terra sôbre aquelas faces retalhadas por gilvases horrorosos.

Os conjurados continuavam a arrombar os móveis; surgiu do fundo de um armário o capitão Diogo Garcês Palha segurando ameaçadora carabina. Disparou-a; pegou noutras armas, mas, levando-o à ponta de espada, obrigaram-no a saltar pela janela. Foi cair no terreiro em transe de morte; na quéda quebrou as pernas.

Já se tinham encaminhado para os aposentos da duquesa de Mântua, D. Miguel de Almeida, D. Antão de Almada, Tomé de Sousa, João Rodrigues de Sá, Francisco de Melo, D. Fernando Teles de Faro, D. Rodrigo de Menezes com tantos outros senhores. Os Atouguia e o resto do nobre bando voltavam da sua caçada aos traidores. Diante dêles D. João da Costa, que se apressara a combater, interpunha-se na defesa de alguns magistrados que estavam nos tribunais.

O sol, e bem formoso êle se mostrara, sorvia, no terreiro, o sangue do imolado; a plebe, rugindo, aguardava a nobreza que procurava a governadora do reino.

Corajosamente, confiada em seu poder, assomara a uma das varandas e increpava o povo depois de lhe pedir auxilio. Já fôra desarmada a guarda principal; estavam abertas as passagens. Ela falava sempre, mas os conspiradores detiveram-na, proibindo-lhe a saída. Encarou aqueles homens de espadas nuas e cabeças cobertas e bradou-lhes:

« — Basta, Senhores; já o ministro culpado pagou os delitos cometidos; não passe adiante o furor que não merece entrar em peitos tão nobres. Eu me obrigo a que El-Rei Católico não só perdôe mas agradeça livrar-se êste reino dos excessos do secretário!»

Já o renegava; quási aplaudia aquela patriótica justiça que passara cruel mas segura. A resposta saíu, clara e forte, dos lábios dos conjurados:

« — Não conhecemos mais rei que ao duque de Bragança, por nós aclamado ! »

Cresceu para êles, arrojada, altiva e injuriou-os a ponto de D. Carlos de Noronha lhe pedir que se retirasse a fim de não dar ocasião de se lhe perder o respeito.

— A mim ? ! E como ?

A governadora do reino era de têmpera orgulhosa :

« — Como ? ! Obrigando-a a sair por aquela janela se não quizer entrar por aquela porta ! »

E fremente, indignado, o fidalgo sentiu-a dominada. Correrá-se à varanda ; bradara-se, em júbilos sem par :

— Liberdade ! Viva El-Rei D. João IV !

Já o arcebispo de Lisboa, D. Rodrigo de Menezes, ao saber do feito, saíra da Sé; dirigira-se ao terreiro e vira fechadas as portas da Câmara. O conde de Cantanhede, presidente do Senado, assim o ordenara. Os filhos cúmplices na conjura, e que lha tinham ocultado, acorreram a pedir-lhe a bandeira da cidade. Logo se escancarou o portão do edificio; D. Álvaro de Avranches, de nome igual ao do seu antepassado, o leal cavalleiro da Jarreteira, Álvaro Vaz de Almada, outrora alcaide de Lisboa, erguera o pendão e fôra mostrá-lo ao povo. Aparecera o prelado com sua mitra; sob o pálio, resplandecia. Ajoelhava-se diante dêle e, a súbitas, os populares gritaram que a imagem de Cristo, erguida à frente do antístite, levantara o braço direito como a saudar a liberdade de Portugal.

O sol envolvia de fulgores aquele cortejo que celebrava a emancipação do país.

No Castelo de S. Jorge, os espanhóis, entrincheirados, miravam o torvelinhar do povo no Terreiro do Paço, quedos, atónitos, à sombra do seu estandarte. Desfilava a procissão: o arcebispo, junto do crucifixo, aconselhava:

— Paz ! Paz ! Tudo será pelo melhor !



Diante do Filho de Deus, cujo braço de prata se movera, a multidão rezava contrita :

— Milagre ! Milagre !

E grande prodígio fôra a libertação de Portugal.

O venerável prelado ia dizendo :

— É este milagre obra de Deus para que tenhais rei português !

No Paço reinava o desassossêgo. Colocaram-se alguns fidalgos de guarda à duquesa governadora. Ela recolhera-se ao seu oratório. Ia pedir ao céu a calma para os nervos exacerbados. Pela segunda vez, em curto espaço, perdera o poder: os vasallos escorraçaram-na do ducado de Mântua e Monteferrate; os cativos portugueses atiravam-lhe com as cadeias de seu jugo. A artelharia do Castelo, assestada sôbre a cidade, punha-a em grave risco mas os conjurados tinham como excelente refém a representante do rei de Espanha, a qual morreria com êles sob os escombros da capital se a varejassem à bala.

Passara, imediatamente, ordem a Luiz del Campo, tenente de mestre de campo general, para que não tomasse qualquer deliberação. Assinara o escrito; era a sua derrota.

D. Antão de Almada ficara à porta do refúgio onde D. Margarida de Áustria rezava por não lhe ser já fácil increpar. Entre vivas, aclamações, bandeiras e júbilos ia passando a procissão, com o Cristo de braço solto, rebrilhante à luz do céu, resplendor divino, em sua gala, para o primeiro dia da Liberdade portuguesa ao cabo de sessenta anos de grilhões.

— Milagre ! Milagre !

Glorioso e nobre milagre fôra, senhor Deus !

Soluçava-se e ria-se; trocavam-se abraços; cantava no espaço a aleluia dos campanários.

— Milagre ! Milagre !

Ao cair da noite apareceram, de repente, tôdas as janelas

iluminadas. Não seriam de menos brilho as do palácio Atouguia. D. Filipa de Vilhena, apertando contra o seu coração os filhos volvidos do grande feito, chorara. Podia mostrar-lhes o seu amor; o seu orgulho de mãe. Derramava lágrimas porque não era mais necessário ocultá-las. Vencidos e mortos, represá-las-ia porque não se pranteiam os que sucumbem pela Pátria.

Badalejavam os sinos, resplandeciam as fachadas dos palácios. Os espanhóis, hesitantes, aguardavam reforços. Prisioneiros da surpresa, como fascinados por aquele deslumbramento, escutavam os alegres cânticos dos campanários e as rumorosas vozes do povo e dos nobres que já tinham escolhido govêrno enquanto se aguardava a chegada do duque de Bragança, do seu rei D. João IV.

Um dos fidalgos do séquito da governadora, olhando a cidade, perguntava, no auge do pismo :

— ¿ É possível que se tire um reino a sua majestade D. Filipe de Espanha, com luminárias e vivas, sem mais exército nem poder ? !

Tudo é possível, devia compreendê-lo, quando se dão vidas por uma bela causa, por uma bela mulher, por uma bela Pátria, e Portugal era sublime de beleza porque até as mãis, como D. Filipa de Vilhena e D. Mariana de Lencastre, preferiam que os filhos de seus seios se sumissem honrados, nas entranhas das jazidas do que vivessem sem brio, à luz do sol que, ao tocar a deshonestidade, lhes pareceria um astro vilipendiado.

\*

\* \*

Cinco dias depois do triunfo da revolução, o duque de Bragança entrou em Lisboa. Vinha para o trono. Chovia muito. Não se dirigiu para o seu palácio; quis instalar-se no Paço da

Ribeira, ocupando os aposentos da vice-raínya duquesa de Mântua já recolhida no convento de Santos.

Em 15 de Dezembro realizou-se a aclamação solenemente. O paiz submetera-se à nova realleza.

Erguera-se um tablado mesmo junto da régia moradia. O monarca apparecera de negro, com bordados de oiro no traje, pendendo-lhe sôbre o peito grossa cadeia de pedrarias; era da côr das vestes o chapéu no qual se desenrolava a pluma branca. Majestosamente segurava o cetro. O desembargador Francisco de Andrade Leitão lêra um discurso em cujas regras se demonstravam as razões legais para a escolha do novo soberano que jurou sôbre os Evangelhos defender a Pátria ressuscitada e cumprir com os seus deveres de rei. O arcebispo de Lisboa beijou-lhe a mão, desta vez firmemente estendida para os preitos. Seguiram-se outros prelados. Em nome dos Três Estados, prestou sua vassalagem o mais categorizado titular do reino, abaixo dos Braganças: o duque de Caminha. Era seu par, naquele encargo, o marquês de Ferreira, perante próximo do monarca.

Esbelto e moço, aquele grande fidalgo, filho do marquês de Vila Real, desposara D. Julieta de Lencastre, neta dos duques de Aveiro, por sua mãe e da casa de Faro por seu pai, prima de D. Filipa de Vilhena, cuja ascendência materna tinha raiz naquela nobre estirpe. Diante da mór parte da nobreza, pois acorrera mesmo a do dissídio, disfarçado em obediência, para não dar nas vistas, o alferes-mór do reino, soltara os brados acclamatórios:

— Real! Real! Real! Por El-Rei D. João IV rei de Portugal!

Chorava-se de alegria. O povo enchera as ruas; a-pesar dos rigores de Dezembro, que só desencarrancara o seu dia inicial, vestiam-se galas e a turba não se arredava do caminho da Sé para onde se dirigia o cortejo régio.

O soberano, montado em seu soberbo cavalo, de ricos jaezes, ia sob o pálio em direitura à Casa do Senado, fronteira ao templo, onde o conde de Cantanhede lhe entregou as chaves da cidade. Ouvira o *Te-Deum* e, entre aplausos, vivas, júbilos, regressara ao Paço da Ribeira.

O conde-duque de Olivares recebera a notícia do triunfo da revolução portuguesa sem resistência de tómo, pois os espanhóis que tentaram opôr-se ao movimento, tinham acabado por se render.

Sentira abalado o seu prestígio; não defendera suficientemente o que chamava possessão de seu amo. Pretendeu cobrir com alarde o fruto da sua imprevidência.

Filipe IV estava jogando quando ovalido lhe apareceu em aspecto que buscava mostrar sorridente, alegre, feliz.

— « Meu Senhor — disse saüdando baixo e reverente — dou os parabens a Vossa Majestade. Acaba de ganhar um ducado e doze milhões! »

Volveu para o ministro o rosto atónito; marcou na sua pasmada expressão, como mal entendia semelhante fortuna surgindo-lhe, de repente, àquela mesa de jôgo. Os parceiros do soberano encararam, com igual pasmo, o poderoso favorito. Ensaivavam sorrisos felicitadores para o estadista, do qual dependiam e que anunciava ter acabado de obter tão famosa vitória para seu amo.

Não foi possível demorar longo tempo a curiosidade do premiado pelo destino, nos dizeres felizes do seu valido.

— « Sim, meu Senhor — explicou êle — o duque de Bragança coometeu a louçura de se aclamar rei de Portugal e o confisco de seus bens vai encher os cofres de Vossa Majestade! »

Desceu viseira sombria pela face lívida do monarca. Sêcamente, carrancudo, sentindo o ludíbrio, ocultando sob as pál-

pebras as cíntilas do ódio, ordenou que se atacassem os vassallos sublevados. Chamava assim aos portugueses libertos.

E, de repente, em cólera que, finalmente explodira, arremessara as pedras do tabuleiro.

Perdera uma partida e um reino. A guerra ia acender-se por longos anos nas fronteiras. Marchariam muitos soldados e começavam já a mover-se, em Portugal, os conspiradores.

A nobreza que conjurara e vencera era pouca; havia os indiferentes e os adversários. Precisava-se reunir junto do trono os fiéis que mereciam os mais elevados postos, os quais formariam defesas e atalhias contra as más vontades latentes entre algumas famílias de grande estirpe e prelados de ruins manhas.

Em compensação, continuavam aqueles exemplos de patriotismo que se tinham afervorado.

Falava-se de D. Filipa de Vilhena, ajudando a revestir as armas a seus filhos, como de uma alma maternal à romana capaz de ver morrer pela Pátria os entes mais amados.

Ofertar-se-ia, depois, à jazida mas de espírito satisfeito, após o dever cumprido. Apontava-se, igualmente, o acto de D. Mariana de Lencastre tão pronta em enviar os seus rapazes ao combate. O conde de Atouguia, D. Jerónimo e seu irmão D. Francisco, com os Teles da Silva, António e Fernão, sentiam recair sobre êles a grandeza das atitudes de suas ilustres mãis.

D. Luíza de Gusmão, que deixara Vila Viçosa e o seu título de duquesa de Bragança, para entrar no Paço da Ribeira como rainha de Portugal, admirava aquelas almas iguais à sua. Chamara para junto de si as duas valorosas donas. D. Filipa de Vilhena, fôra nomeada marquesa de Atouguia, com o cargo de camareira-mór. A D. Mariana de Lencastre entregara-se a direcção do herdeiro da Corôa, o pequenino duque D. Teodósio.

Contava seis anos e já esplendia em inteligência e graças. Desde 28 de Janeiro de 1641 era o sucessor do oscilante trono português. Se acorriam muitos fidalgos a defendê-lo, como sólio de rei nacional, outros buscavam entregá-lo de novo ao usurpador.

Rebentara a guerra no Alentejo e D. Filipa de Vilhena bem como a sua parente e émula no voto do holocausto de sangue de seus filhos à Patria, queriam que êles, mais uma vez, partilhassem dos tormentos e dos perigos a fim de ganharem, ainda, por seus esforços, os galardões condignos de sua grei. Correram a bater-se no Alentejo e na Beira.

A filha da marquesa de Atouguia, D. Luíza, desposara seu primo o jovem João Rodrigo de Sá Menezes, terceiro conde de Penaguião, que seria camareiro-mór de D. João IV como o pai exercera o cargo junto de Filipe IV. Aos vinte e três anos, o moço aristocrata, era conselheiro de guerra. Seus talentos celebravam-se com muita justiça e alguma inveja; pouco tardou que subisse à dignidade do conselho de Estado. Cientista, grande cultor de idiomas, escritor, ganhara muito cedo os louros que iam ser aproveitados em serviço da Nação à qual dera o seu esforço ao ligar-se à conjura com seus cunhados de Atouguia.

D. Maria de Ataíde, a mais nova das filhas da que se capitulava, acima de tôdas, heroína portuguesa, entrara como dama de honor ao serviço da rainha. O irmão primogénito subiria em honras até ao govêrno do Brasil, das armas do Alentejo e Trás-os-Montes e ainda ao comando geral das armadas.

O coração de D. Filipa de Vilhena mais uma vez teria que mostrar-se estóico. Descobrira-se uma conspiração contra o rei; pretendia-se reintegrar no domínio castelhano a nação, liberta à custa de tantos esforços e dramáticos lances. Entrara nessa conjura como um dos principais chefes o marquês de Vila

Real, pai do moço e galhardo duque de Caminha, D. Miguel Luiz de Menezes, casado com D. Juliana de Lencastre, parente da camareira-mór. Prêso como aliciado no movimento de alta traição, aquele mancebo, ao saber o pai condenado irremediavelmente, escrevera uma carta a El-Rei acusando-se de apenas ter calado os propósitos ouvidos. Em verdade cometera, para com a real pessoa, um delito : o de não lhe denunciar o seu progenitor ao qual pretendia desviar da má vereda para onde o encaminhara, sobretudo, D. Sebastião de Matos Noronha, arcebispo de Braga. Filiavam-se naquela trama indivíduos de tôdas as categorias desde o prelado e o marquês a um mercador de nome Pedro Baeça, que era também tesoureiro da Alfândega.

Debalde o duque de Caminha pretendia desviar seu pai de semelhante crime a perpetrar-se a meses de distância da Restauração e quando as tropas se batiam nas fronteiras pela independência de Portugal. Escrevera ao monarca asseverando-lhe ter dito ao arcebispo de Braga « havê-lo de acusar por traidor ». Não praticara dêsse modo por « o cegar o Diabo, entendendo, também, que tais homens mudariam de opinião vendo os bons sucessos que Deus dava em tôdas as Províncias às armas dêste Reyno ». Dêste modo se dirigira a D. João IV, que talvez amolecasse em seu ânimo a idea do castigo, satisfeito por exercer, pela primeira vez, o direito de perdoar.

A condessa de Faro, sogra do condenado, dirigira-se, com sua filha, ao paço da Ribeira, onde D. Filipa de Vilhena, sua parente, exercia o cargo de camareira-mór. D. Luíza de Gusmão recebeu as duas senhoras de semblante severo ; viu-as ajoelhar a seus pés e foi cruel. Sentia ainda muito mal plantado o trono para dar um exemplo da fraqueza. Era tão patriota e rígida, em seu amor a Portugal, como as nobres mulheres que à Pátria tinham votado os filhos.

O arcebispo de Lisboa, D. Rodrigo da Cunha, um dos maiores elementos da obra da libertação do reino, solicitara, igualmente, a piedade da rainha para o moço condenado, cuja única culpa consistira em não acusar seu pai.

Grave e serena, a soberana, voltou ao prelado, muito de sua estima : « que o mais que podia fazer por seu respeito, era guardar-lhe segredo daquela proposta ».

Se na atitude da espôsa do monarca a condessa de Faro e a duquesa sua filha vislumbraram qualquer esperança, de-pressa se desenganariam.

Erguera-se o cadafalso, junto dumas casas no Rossio, e, em 28 de Agosto de 1641, o duque de Caminha, em cadeira mais alta que as destinadas aos outros cúmplices na revolta, foi degolado por mão de um carrasco cujo rosto se encobrira sob o mistério duma máscara.

Empapou-se de muito sangue nobre aquele patíbulo. No Alentejo, no Minho e na Beira os soldados continuavam a bater-se intrèpidamente por Portugal. Em 1643, D. Filipa de Vilhena sofrera a dôr da perda de um dos seus filhos. D. Francisco Coutinho morrera na fronteira onde estava em serviço. Sucumbira pela Pátria o mancebo que sua mãe lhe doara.

Vivia no Paço assistindo a seu cargo, do mesmo modo e vestida de luto.

No palácio da rua dos Cabides, onde tantos sofrimentos tinham sido compensados pelo triunfo da revolução de 1640, ela morava com a filha mais nova. O conde de Atouguia andava na guerra ; D. Francisco morrera ; D. Luíza desposara o já célebre conde de Penaguião. Restava-lhe a sua Maria, a açucena caída aos pés do altar na hora tormentosa em que seus irmãos corriam a bater-se. Ao cabo de seis anos passados sôbre a morte do soldado das linhas fronteiriças, ia finir-se o affecto mais terno da nobilíssima senhora. Para aquela sua filha guardara os



derradeiros e melhores carinhos. Era uma florinha débil aquecida ao seu coração estóico. Morrera, e desta vez, podiam correr as lágrimas de D. Filipa de Vilhena porque não se tratava duma heroína a sacrificar-se pela Pátria mas dum lírio suavíssimo e rescendente que Deus desejou a perfumar o céu.

Foi a enterrar na igreja de Santa Maria de Xabregas, padroado da família dos Atouguias, e, ali, a voz eloqüentíssima do padre António Vieira a celebrou sob as vistas da côrte e ante a cruciada mãe. Pronunciara um dos seus mais belos sermões :

« O amor de Deus para connosco, falhando neste sentido, tem duas Eternidades ; porque nos amou seu princípio e nos há-de amar seu fim. O nosso amor para com Deus, tem só uma Eternidade porque ainda havemos de amar sem fim, amamo-lo em princípio. E como Maria não podia pagar a Deus duas Eternidades, deu-lhe uma, mas esta acrescentada : acrescentou à Eternidade a parte que tirou à vida ».

E prosseguira :

.....  
« Também a gentileza não tem razão em suas queixas. O morrer não foi perder, foi melhorar a formosura. »

A mãe que tanto a amara, apenas ficou na terra mais ano e meses. Acabou seus dias em 1 de Abril de 1651 e foi repousar na casa do Capítulo do convento de S. Francisco da Cidade, na jazida em cujo epitáfio se lia :

« *Esta sepultura mandou fazer D. Jerónimo Coutinho, do Conselho de Sua Magestade, presidente da Mesa do Desembargo do Paço e nela descança com sua mulher Dona Luiza de Faro, seu pae, sua may, Dona Francisca Coutinho e Dona Filipa de Vilhena e seus filhos D. Francisco Coutinho e Dom João Coutinho. Falleceu em 22 de Julho de 1630, em idade de sessenta annos, gastos até á ultima em serviço.* »

Os ossos da heroína iam ali juntar-se com os do pai, que recebera mercês dos Filipes e de Filipa a baptizara. Quisera, num mimo, a Providência, que de um nome odiado por portugueses surgisse outro para êles resplandecente.

A dona que revestira as armas a seus filhos, e tanto amara aquela linda D. Maria, da qual o padre António Vieira dissera ter sido « o morrer melhorar a formosura » não repousaria junto dela. Preferira o túmulo do seu primeiro filhinho, D. João, desaparecido do mundo na infância, sem ter idade para sentir o cativo do seu país, o mesmo onde apodrecia o soldado D. Francisco Coutinho que morrera, como o avô, « em serviço », porém da Pátria redimida.

II

D. MARIANA DE LENCASTRE

(DEFENSORA DE MONÇÃO)



## II

### D. MARIANA DE LENCASTRE

(DEFENSORA DE MONÇÃO)

Eram como sombras vagas, saltando das embarcações, cautelosos para que as armas não tinissem, aqueles soldados descendo na areia de Salvaterra, pela noite maia, sem lua.

Havia três anos que Portugal se desagrilhoara do jugo espanhol. Acendera-se a guerra nas fronteiras, e, por 1643, em vez de esperar o assalto das hostes galegas, o conde de Castelo Melhor, João Rodrigues de Vasconcelos e Sousa, determinara vencê-las no seu próprio território. Mal desembarcaram os primeiros homens com seus mosquetes e bombardas, os batéis, no maior silêncio, amantados no negrume, partiram a buscar reforços para o assalto. Iam à Lapela, de cuja torre quadrada, assente no seu eirado, os peões, saíam rápidos e contentes. Falavam em júbilos que os cabos calavam, a meio do rio Minho, para ser proveitosa a surpresa lançada contra a terra galega. Para trás, ficava Portugal com aquela fortificação vetusta,

guardiã de alguns casebres duma praiazinha, de dia tôda côr de oiro, negra por tais horas mortas. Nem se desenhava o recorte das ameias; a guarnição que ficara, minguada e atenta, tornara-se muda como as próprias pedras da defesa, seladas, sôbre a porta ogival, pelo escudo tismado dos onze castelos, os do tempo em que o reino só êsses possuia.

A súbitas, rebentou algarada na outra orla das águas; soavam gritos e o entrechoque de armas; disparavam-se tiros de mósquetaria, por vezes de bombardas; luzes em danças vacilantes de pirilampos loucos, contorciam-se; fuzilavam em rondas ou em flechas, eram, agora, cintilas e logo chamas vermelhas, alteadas no meio do combate. Quebrara-se, de vez, o silêncio no arruído do rebate dos sinos de Salvaterra, que os galegos não poderiam já salvar. Sua terra ia ser dos portugueses. Em Lapela e Monção ouvia-se aquele frenético badalejar, distante, levado pela brisa favorável. Aş sentinelas, atacadas de repente, mal puderam sustentar-se nas trincheiras pelas quais entrava o conde de Castelo Melhor com a sua avançada. Tinham descido dos barcos a distância, com água pelos peitos, e, rechaçados os primeiros defensores, sempre metidos em trevas, vendo a sarabanda dos archotes na vizinhança da fortaleza, galgaram pela linha amuralhada, já vazia, em direcção à vila surpreendida.

Passava da meia noite quando começou o assalto. Castelo Melhor espalhara, nas vésperas, notícia de sua largada de Monção para Trás-os-Montes, indo, porém, em direitura para Melgaço pela Valinha. Ordenara ao mestre de campo Viote Datis, comandante de Vila Nova de Cerveira, que tivesse quinhentos infantes prêstes a embarcar. Cumprira; levou consigo o sargento-mór Roquemont, francês ao serviço do reino, e lá estavam, já a caminho do palácio do conde de Salvaterra para onde tinham fugido os destroçados. Luiz de Oli-



MORTE DE MIGUEL DE VASCONCELOS (desenho de Manuel de Macedo)





veira Famel, outro sargento-mór, auxiliava bravamente o chefe, que vingava, enfim, em espanhóis, suas amarguras e torturantes dores. Os espias da Galiza enganaram, por pouco zelosos, os seus amos. Gregório Lopes de Puja, governador de Salvaterra, batia-se como um soldado, à frente das suas cinco companhias; a sexta perdera-se; ficara derrotada no escuro. Os portugueses iam tropeçando nos corpos abatidos sob os seus golpes.

Havia maior resistência no centro da vila; as armas encontravam-se, as imprecações subiam e quando o comandante dos galegos baqueou, crivado de golpes, já com a agonia na garganta, um jovem de Monção, João Sanches de Moscoso, ainda matava espanhóis. Por fim, caindo, fôra calcado no fragor do combate e expirou. Contava dezasseis anos; era uma criança segurando a arma recém-baptizada com muito sangue, como se fôsse brinquedo querido. As vozes dos sinos finavam-se, também, sob as labaredas que encobriam a vila tomada; os refugiados na casa do conde de Salvaterra, ao saberem da morte do seu governador, rendiam-se e osaque começava por entre chamas. Devia ser pingue porque a vila abrigava muitos mercadores opulentos; gente de grossos haveres. Pagara-se aquela surpresa com a morte de catorze portugueses. Vencera-se; porém a guerra ia continuar, terrível e impetuosa, sobre Monção, Melgaço e Valença fortificadas. Rompia a manhã, docemente. Encontrava um pequeno exército cansado e enriquecido de despojos; os galegos submissos e a torre quadrada de Lapela unvida de luz. Abicou um barco; conduzia o triunfo; soltava-se seu anúncio da bôca de um moço oficial. Jubilosos brados subiram e as águas calmas do lindo rio, correndo entre verduras tenras e viçosas, douravam-se ao sol como se a glória, ao passar sobre elas, as sagra-se com seu oiro de boa lei.

Fôra êste o passo da estreia do conde de Castelo Melhor no govêrno das armas do Minho.

\*

\* \*

Havia oito para nove anos, que João Rodrigues de Vasconcelos e Sousa, filho do alcaide-mór de Pombal, Luiz de Sousa Ribeiro de Vasconcelos, desposara D. Mariana de Lencastre. Reinava, ainda, Filipe III em Portugal. A mãe do noivo fôra dama de honor de D. Margarida de Áustria; chamava-se D. Maria de Moura de Távora e, como mercê real o consórcio se realizara. Estivera longe de ser um casamento de paixão. A menina estivera prometida a Francisco de Vasconcelos e Sousa, o primogénito do alcaide de Pombal que falecera antes das bôdas; passara a esponsais com o novo herdeiro da casa levando-lhe o título de conde de Castelo Melhor e os senhorios de Valhelas, Almendra, legados por seu avô.

Era grande o valimento que tão nobre família fruía na côrte de Espanha. Os condes, recebida a ordem régia, sentiram que um imenso amor os ligava: o da Pátria. Aquela descendente do fidalgo cujo título proviera de rei estrangeiro, mostrava-se bem portuguesa; não era menos amigo do seu país o marido que lhe deram.

De tal maneira o julgavam desafecto aos espanhóis que o tinham enviado ao Brasil num galeão da armada de D. Rodrigo Lôbo. Por lá andava quando D. João IV fôra aclamado. Sabiam, os restauradores de Portugal, do pensamento do conde, o qual exultou com a libertação do reino. Como mensageiro da nova partira João Pais de Carvalho que el-rei escolhera.

Um temporal arremessara os navios para Cartagena, nas Antilhas, domínio espanhol. Lá chegou o enviado; entregara

as reais letras a Rodrigo Lôbo mas descolou o segrêdo em conversas. Caíra prisioneiro e só pudera resgatar-se da morte pagando aos captos quinzentas patacas. Constará o successo. Castelo Melhor deliberou fugir empreendendo, porém, acto de maior monta. Largava Francisco Dias Pimenta — o delator e verdugo do agente de D. João IV — com dez naus destinadas a recolher a prata de Pôrto Belo. Carregação magnífica, tributo maravilhoso elas conduziriam. O conde congeminou apossar-se do precioso recheio, e transportá-lo a Lisboa nos galeões atochados. Seria um tesouro de guerra. Contava com a infantaria portugueza da guarnição de Cartagena; pensou em embarcá-la nos quatro navios que tinham ficado no pôrto e, ganhando a cidade, pela dobleza dos espanhóis ou dando-lhes combate, tomando o forte de S. Filipe, que a atalaiava, prenderia, na volta da viagem, o capitão das naus desferrando-as, depois, para o reino liberto.

Convocara Rodrigo Lôbo, os capitães António Raposo e António Rebelo Falcão com Pedro Jaques de Magalhães que devia aliciar António de Azevedo, pois, dizia êle, evocando três Antónios — nome tão portuguez — que tudo lhe seria propício.

O último, porém, acolhera friamente a proposta, e tanto, que Pedro Jaques foi de entendimento lhe dessem fim. Deteve-o o chefe da conspiração, e, mais uma vez, se provou a certeza do ditado, igualmente portuguez. Poupara o inimigo; êle o quereria conduzir à morte por suas mãos. Denunciou-o e aos camaradas a D. António Maldonado Texada, governador da cidade e a D. Francisco Cortejon, almirante da armada. À tarde, o conde estava encerrado na fortaleza que pretendia tomar. Fingira-se o assalto de oitenta naus holandesas para se tomarem as armas e Castelo Melhor foi ençarcerado com outros portuguezes e o capitão Rotea, castelhano. Levantou-se um

processo que deveria ser sumário. O traidor acusava em ranco-roso vozeio ; Pedro Jaques de Magalhães volvia-lhe com arregoanho pretendendo destruir as provas, levando à conta de amorios aquele procedimento, dizendo o delator cheio de zelos. O outro, em cólera, rouquejava a verdade mas os juízes, indecisos, preferiam pôr a tormentos o seu servo, com o de Castelo Melhor, de nomeada Jacinto Lôbo. Não resistiram à polé ; os tratos esportos dilaceraram-lhes as carnes ; vertiam sangue dos arroxeados pulsos e dos artelhos contundidos. Succedeu-lhes no engenho o próprio Pedro Jaques. Seu ânimo revestira-se na forte armadura da esperança. Deixou que o verdugo lhe dilacerasse o corpo ; sentiu estalarem os ossos sob as pressões do torniquete ; as cordas, ensebadas, iam rasgando lentamente sôbre chagas ; e, no banho de suor que lhe escorria, gélido umas vezes, outras escaldante, o torturado, mordendo a língua sequiosa, não denunciava o amigo e superior.

Pouco importou aos algozes aquele sigilo da vítima. O fidalgo illustre continuou no cárcere, e ante os magistrados, altivo e com o pensamento na Pátria, queixou-se da maneira porque o tratavam. Era grande do reino ; não reconhecia aos juízes poderes para o seu julgamento. Em jerarquia igualava-se aos maiores de Espanha, e cheio de desembaraço, forte, impondo-se, a dá-los por mesquinhos e iníquos, viu-se condenado à morte.

Francisco Dias Pimenta, de regresso nos seus galeões atafulhados com a prata dos índios, sorria rancorosamente. Tinha-o à sua mercê. Mandou embarcar todos os portugueses temendo-lhes a revolta ante o suplício a infligir ao condenado. A sentença correrá. Primeiro sujeitá-lo-iam a vexames e aos tormentos ; padecê-los-ia em público, despido de suas roupas e descategorizado por tredo ao rei castelhano. O almirante Cortejon, alma torva cheia de ódio aos portugueses, cobriu-o de infâmia.

Que delatasse os cúmplices ; acusando-os, salvar-se-ia. Lá longe, no Portugal pequenino, tinham ficado a mulher e dois filhos de tenra infância ; estavam livres sob o estandarte novo do país ressuscitado. Era tão valorosa e digna, a sua Mariana, que jãmais em sua presença o acolheria sem desprezo se consentisse na infâmia proposta. Nem um vago vislumbre de tal possibilidade lhe empeçonhou o ânimo valoroso, e, em resposta condigna, disse aos julgadores, aos militares, aos carrascos que seus poderes só os podiam exercer sôbre um corpo vencido nanja no domínio de uma alma revestida de fé. No segrêdo torvo do cárcere o desnudaram ; arremessando para a polé aquele fidalgo de tão esclarecida estirpe, envolveram-no nos cordames. Rangiam as aspas nas quais entalavam os braços afeitos a combates, agora presos nos embreados cordéis finos como serras de joalheiros e que rasgavam fundamente. Jungindo o pescoço na golhilha de madeira, os dedos apertados nas laçadas rijas, nem assim os carrascos conseguiram ouvir daquela bôca ressequida pela febre mais do que palavras a Deus dirigidas. De seus olhos brotavam faúlhas de ódio que as lágrimas de dôr não conseguiram apagar. Debalde esperavam ler súplicas na mais conturbada cintila daquelas pupilas injectadas de sangue.

Desapertaram-lhe as carnes ensangüentadas e os membros torturados, atiraram-no para o catre ao qual acorreram cirurgiões em guisa de o lenitivarem. Chapejaram-lhes as feridas com vinagre e pólvora, agravaram-lhe as chagas com tais pensos.

Rodrigo Lôbo dirigira-se ao comandante da frota, e de mão no punho da espada, preguntara porque pusera a tratos de escravo tão grande senhor português.

Custou-lhe a prisão, aquela atitude ousada. Desferrara a frota espanhola ; numa das suas naus ia Jorge Furtado de

Mendonça, com procuração do sentenciado. Apelava para juízes condignos de sua jerarquia. Em Madrid buscava-se conquistar fidalgos para reaver o reino liberto. Concordou-se na inanidade da sentença. Devia ser diferente para julgar sua prosápia o tribunal de Cartagena.

Deu-se ordem para se pouparem, um pouco, Castelo Melhor e os seus criados. Contemplando as chagas por sarar, ao subir à esplanada da fortaleza, constrangido pelo esplendor da luz, mais amou Portugal, maior ódio lhe cresceu contra Castela. Queria conquistar para o seu rei as muralhas que tinham escutado os seus gemidos e preces mas não suplicantes dizeres, saídos de sua bôca sequiosa que só o orgulho dessedentara. Sentiu-se impotente para o feito. O seu confessor, o beneditino frei António do Espírito Santo, já atraíra soldados para o ataque. Capitularam de exíguas suas fôrças e mandando a Portugal, escondidos no porão de uma nau, os alfêres Domingos da Silva e António de Abreu, êles conseguiram chegar aos pés de D. João IV e contaram-lhe todo o sofrimento do seu nobilíssimo vassalo.

Já o denunciante António de Azevedo requeria em Madrid a paga de suas delações. Viam-no esfarrapado, sinal de pouco acesso ao tribunal das mercês. O soberano português chamou D. Mariana de Lencastre, condessa de Castelo Melhor. Contou-lhe as desditas do espôso ; viu-a de frente serena, a escutar aquelas revelações trágicas. Esperava pranto e reviu-se na energia da valorosa dona. Ao falar-se no apresto de navio, que largasse para socórrer tão heróico guerreiro; ela erguera a voz pedindo para apressar a partida da embarcação. Não disse mais nada e, saíndo do paço, metendo-se na cadeirinha, dirigiu-se para o seu palácio e foi orar a Nossa Senhora. Na sua alta esperança na volta do marido embrechava-se o orgulho por usar o seu nome.

Sentiu-se digna dêle e agradeceu a Deus ter dado tão valeroso pai aos filhos de seu ventre.

Disfarçado em mercante, approara o navio português a Cartagena. Conduzia os dois alferes que logo se entenderam com frei Ambrósio do Espírito Santo, o qual tinha a entrada franca no cárcere do conde.

Combinaram a evasão. Peitaram-se os soldados da guarda mais acessos do prisioneiro. Um era castelhano, de Sevilha, e de seu nome António Ruiz; portugueses os outros, António Ferreira, santareno e Barnabé Caldeira, alentejano, filhote de Vila Viçosa. Sem êles tornava-se impossível a fuga. Aceitaram coadjuvá-la.

Não há português cativo por traças de guerra ou de rimance ousado, que não tenha quem por êle se deixe cativar. O conde de Castelo Melhor contava quarenta anos galhardos. Por seu cavalheirismo e donaire se prendera dona espanhola, a qual lhe assistira na prisão com oferendas e presentes e outros mi-mos concedidos a mór recato.

Julgá-lo-ia para sempre, ou ao menos por largos anos, à sua beira quando lhe chegou às mãos carta na qual combinava com António de Abreu o preparo da evasão a bordo de um corsário holandês fretado para o arrôjo. Frei António trocara as missivas. Aquela em cujas regras o fidalgo se dirigia à dama fôra parar às mãos do cúmplicado. Logo, porém, recebeu a que lhe era destinada, pois a espanhola lha remetera; lera-a em dôr, soluçando pela partida súbita do prêso, mas era-lhe consôlo por sabê-lo feliz com tal projecto. Outra ela seria e as letras iriam parar ao gabinete do governador. Honrada fôra a espanhola que, se amara em culpa aquele português, grande perdão merecia por seu brioso procedimento.

Os soldados da guarda praticaram do modo combinado na noite de Junho. O pirata fundeara perto da Bôca Chica; lar-

gou o conde do antro, com seus servos e dirigiu-se para os paredões. A sua mão esquerda, molesta pela tortura sofrida, carecia de fôrça para se servir da corda bem amarrada ao reparo de uma peça. Deslizaram, primeiro, dois dos seus criados ; a custo Castelo Melhor pôde agarrar-se ao esteio da salvação. Tocavam os pés na areia. Sôbre a sua cabeça fuzilou o tracejo luminoso de um morrão com o qual António Ferreira, o soldado santareno, fizera para bordo o sinal combinado.

Evadiam-se nove portugueses. Dealbava ; ao render da guarda deram pela fuga. Troou a artelharia em aviso do escape. A distância, os barcos que os transportavam salvaram à sombra dos pavilhões flutuantes em júbilos. Velas pandas, galhardetes nos mastros e a viagem começou. A tempestade faria sos-sobrar o navio português. Passada a tormenta bateram uma fragata castelhana, apresaram-na e, após novos temporais, fundearam em Lisboa os dois veleiros corsários.

D. João IV acolheu o seu ilustre vassalo em mostras de subida consideração. Disse-lhe que êle « apurara como oiro na fornalha » ; amerceou-o com duas comendas pingues ; deu-lhe entrada no seu conselho de guerra e nomeou-o governador das armas de Entre-Douro-e-Minho.

Na sua missão se estreara tomando Salvaterra aos galegos, vingando suas torturas e os sessenta anos de cativo da querida Pátria.

\*

\* \* \*

Por Agosto, naquele ano de 1643, escaldava. Tremulinas atordoantes vibravam. As árvores, quedas, pareciam cenário. Abafava-se. Pintalgavam nas uveiras, os grossos cachos enfor-



cados em olmeiros e choupos do rio, que era como uma calda, quebrantado, sob a soalheira. E havia guerra.

Monção abrira as suas portas para deixar penetrar as tropas. Cerrara-as depois. Sôbre as muralhas negras, vetustas, do tempo de D. Deniz, amodorravam as atalaias.

D. Martim de Redim, prior de Navarra, governador das armas de Galiza, quisera vingar a surprêsa de Salvaterra. O conde de Castelo Melhor mandara mover as hostes, e, sob o comando de Pedro de Betencourt, destruir certas obras de fortificação inimiga, perto de Caminha. Operando com fôrça e presteza, reünira na praça, à sombra do castelo e dentro de seus muros, cinco mil infantes e cinqüenta cavalos. Não havia forragens. Depois do incêndio da vila galega, abandonada aos moradores, quis remuniçá-la. Iam largar os terços bem compostos com seus arcabuzes e mosquetes, providos de morrões, balas e forquilhas. Luziam os piques; rebrilhavam em massa à luz ardente.

Os espanhóis possuíam muita cavalaria; desvairava-os o desejo da desforra e preparavam-se, ansiosamente, para o encontro. A vila ficara entregue a minguada guarnição visto tôdas as fôrças terem avançado para Salvaterra. Sôbre as muralhas perfilavam-se vultos de soldados. Acudiam a ver a partida dos camaradas. A pouca distância, passadas as restingas e as águas indolentes e mornas do rio, era a Galiza.

A condessa de Castelo Melhor, D. Mariana de Lencastre, deixara as saias embalonadas, envergando o vestido escorrido, que deixava ver as botas altas e a roseta das esporas. Não luzia armas mas sentia-se que as tomaria visto o ar resolutivo que revelava. Cobria-lhe a cabeça enérgica um chapéu militar de plumas, e junto dela, como pequeninos soldados, seus filhos Luiz e Simão, de sete e cinco anos, olhavam os terços, tão

ordenados, sob as bandeiras alteadas ao rufo dos tambores. Atrás seguiam os cavalos, que os oficiais montariam a distância da vila e o som cavo dos instrumentos e da marcha parecia encantar os meninos cujo pai ia combater. Era em tais momentos que o herói devia lembrar as torturas de Cartagena, a mão direita sempre lesa, as cicatrizes de seu corpo. Acompanhava-o aquele soldado António Ruiz, que o ajudara a salvar do cárcere. Nomeara-o capitão na hoste; bem o merecera e continuaria a demonstrar não ser o mêdo que lhe empeçaria o ânimo.

Seguiam para a batalha. A condessa, hirta sob o estonteamento da luz, parecia fazer parte das muralhas rebrilhantes. Ficavam as mulheres na vila com aqueles poucos soldados; as crianças acompanhavam-nas e sorriam para a senhora que as animava junto de outros infantes.

Devia pairar a legendária fama de Deu la Deu Martins que todos os garotos do Minho aprendiam nos contos das avós, narrados às lareiras quando o vento, zunindo nas ramadas, evocava avejões ou, pelas primaveras, à sombra amiga dos arvoredos minhotos.

Mulher de Vasco Gomes de Abreu, alcaide de Monção, nos tempos de D. Fernando I, a dona ficara na vila da qual o marido se ausentara. Também havia guerra e o *adelantado* da Galiza, Pedro Rodrigues Sarmiento, investira a praça, esperando vencê-la por falta de comando. Mal contara com a coragem da alcaidessa. Surgiu nas muralhas, incitou os soldados e, ante a brecha aberta nos muros, aparecia, denodada, acalentando feridos, movendo armas, sorrindo e batendo-se, excitando os ânimos. Os espanhóis teimavam; resistia a varonil Deu la Deu.

Andava a sua história nas bôcas, por aquele Agosto de guerra, quando a condessa de Castelo Melhor, sôbre as defesas

de Monção, talvez no mesmo sítio que a heroína calcara, via partir os terços de seu marido.

Os feitos da espôsa do alcaide do século XIV avigoravam-se. Dir-se-ia a ressurgir. Naquele tempo, para maior ânimo dar aos combatentes, mandara trancar as portas da praça, improvisara linhas, distribuíra dos seus celeiros, milho e víveres. Batia-se sempre; velava sem detença. Os espanhóis puseram apertado assédio à vila que ela não queria entregar, preferindo a morte. Fôra em outras eras como na hora da largada das tropas de Castelo Melhor. Sempre a guerra com os castelões.

Demasiado forte e de estreitas malhas se tecera o cêrco. Diminuíam as possibilidades de o sustentar. Pagara de generoso ânimo aos que mandava, arriscando-se e sofrendo com êles. De dias a dias um rufo anunciava que parlamentarío se chegava em propostas de entrega do reduto. Ela acudia e, já quási sem farinha, falha de munições e comestíveis, volvia, orgulhosamente, sustentar-se ali, à vontade, incitando-os aos ataques. Se os faziam, repelia-os; se estreitavam o sítio padecia mas nem uma pedra lhes deixava. Também já escasseavam os víveres no campo adverso. Certo dia mandou fabricar grandes pães apetitosos. Passaram sob os olhos da guarnição esfaimada; despertavam torturas, enchiam as bôcas de água e os olhos dos sitiados iam-se nessa fornada loira e macia de brôa que a dama tomava em abadas e atirava aos espanhóis, gritando:

« A vós, que nos quereis tomar pelas armas e nos quereis fazer render pela fome, diremos: Somos mais humanos do que vós, e como nos achamos bem providos, vendo que não estais fartos, vos enviamos êste socorro e vos daremos mais se o pedirdes. »

Passara um frémto de espanto na mesnada adversa. Gente tão bem abastecida não se entregaria e devoravam as bôlas em dentadas de lôbos famintos entrados em aprisco farto. O *ade-*

*lantado* mandou levantar o cêrco. O exército rompeu a marcha. Deu la Deu pôde abastecer-se tendo vencido e salvo a praça.

A sua história passava como um frémito heróico ; as crianças sabiam-na ; as mãis evocavam-na com o seu nome cantante e belo :

— Deu la Deu ! Deu la Deu !

Parecia um sino de oiro alèluiando. Os de Monção, ao morderem a brôa cheirosa, deviam abençoar a fome que lhes dera grandeza e mór gôsto para o pão da liberdade. A condessa de Castelo Melhor também amava, enternecidamente, a história da alcaidessa.

Espôsa do governador das armas de Entre-Douro-e-Minho, ficara na vila. Já se perdera o último pó levantado, pela marcha do exército. Novamente Salvaterra foi investida e com tanto arrego e braveza que os officiais se expunham acima das linhas ante as primeiras fortificações da praça.

António de Queiroz Mascarenhas, capitão da companhia de aventureiros, composta por gente nobre minhota, batera o alemão conde de Torreson, mestre da cavalaria. Erguera-se na trincheira, tentado a um audacioso golpe de mão ; lançara-se, atrevidamente, a descoberto e topara o conde de Castelo Melhor. Ficara atônito ante aquele ardimento, que os generais não deviam usar por perigoso para o exército, ao arrojarem-se à louca maneira dos intrépidos alferes. O capitão preguntara-lhe :

« — Senhor, quem trás aqui Vossa Senhoria ? »

Singela e estòicamente, o herói, volvera :

« — Ninguém me traz ; eu venho ! »

A arremetida fôra enorme ; o mestre de campo Viola Dates, recebera uma bala no peito e baqueara.

Galgara-se ao alto das casas ; encontraram os galegos defendendo-as, ainda com as armas quentes. As espadas portuguesas preparavam-se para degolar os cento e quarenta prisio-

neiros, entre os quais se contava o alcaide D. Francisco de Sotelo. Estava ferido ; ia morrer. A generosidade dos vencedores poupou-o ao suplício ; concedeu-se-lhe a vida, que não duraria muito. Sucumbiu aos estragos das balas recebidas a combater. Os outros cativos, foram, igualmente, salvos. Tinham morrido vinte e seis dos bravos defensores de Salvaterra, cujos muros o conde de Castelo Melhor ia refortificar rápidamentee. Dos feridos finaram-se uns cem.

Quisera, o vencedor, lançar uma ponte sôbre o Minho que ali corre caudaloso e tem fundos pégos ; entrou a realizar o trabalho e arvoraram-se quatro baluartes enquanto a gente de D. Martim Redim se entrincheirava no caminho de Filha Boa. Mandou contra êles António Ruiz, o soldado de Cartagena, que, mais uma vez, demonstrou ter bem ganho a patente.

Corriam vozes raivosas na Galiza. Queria-se tomar Monção, mal defendida. Aquela vitória desanimara os galegos. Salvaterra poderia servir de chave para as correrias até Tui. Lançaram bandos para Baiona, Corunha e Montereí onde a soldadesca veterana acantonava às ordens do alemão Torreson.

A um quarto de légua da tomada dos portugueses se alojou o general de cavalaria teutónico ao serviço de Filipe IV. Em vinte e cinco de Agosto, o sol esbraseava a terra e os arcabuzeiros sufocavam ; os de mosquete, carregados com as armas e as forquilhas de apoio, suando em largas gotas sob os morriões, davam o sinal de que no monte do Facho apareciam os castelhanos. A cavalaria falhava aos defensores no Minho. Empregava-se tôda no rescaldante Alentejo onde a guerra ardia, como o solo e o espaço, nesse ano de 1643.

Os infantes deviam atacar os cavaleiros do conde germânico que os mandara aproximar das trincheiras. Furiosamente, molhados pela exudação, acêsos os cordões dos arcabuzes e

leves os cassoletes, o terço seguira António de Queiroz Mascarenhas e seus nobres do Minho, juntos com os homens de Rodrigo de Moura Coutinho. Comandava trezentos mosqueteiros pesados pelas armas e munições, fardados em panos grossos, as correias traçando-lhes os peitos e suspendendo as bôlsas das cévas para os mosquetes e arcabuzes. O inimigo surgiu acutilando feramente; soavam os seus clamorosos incitamentos; as montadas, branqueando-se de espuma, galgaram as distâncias rebrilhantes nos arreios; espirravam centelhas das armas. As bandeiras, a esvoaçarem na carreira, pendiam nas detenções sob a atmosfera de fogo.

Durante quatro horas a infantaria portuguesa sustentara a refrega e quando os timbales espanhóis deram o sinal da retirada, rufaram as caixas engalanadas dos vencedores. Tinham ficado quarenta mortos sob os cavalos. Os mosqueteiros, bravamente, souberam agüentar-se nas fileiras como os infantes de arcabuz.

A vitória, porém, não seria de tómo nem definitiva. Os adversários correram a buscar reforços e de tal maneira que conseguiram, ao cabo de três dias, embuscar-se a um tiro de Salvaterra. Podiam incomodar e muito, tentarem o assalto ou o assédio, vencer a campanha naquela margem áspera de além Minho donde queriam sacudir os audaciosos. Mandara-se Pedro de Betencourt à descoberta; sem as defesas naturais do sítio teria sido derrotado.

Castelo Melhor chegara-se aos bastiões; dera ordem ao tenente do mestre de campo general para socorrer a bravá infantaria e logo o próprio mestre, Diogo de Melo, partira com o resto das companhias da praça.

Empenhava-se, terrivelmente, o combate. Em Monção temia-se pelo resultado.

D. Mariana de Lencastre não deixara as muralhas naquele

dia ardente. Guardava a serenidade de uma batalhadora ; não a assustavam os tiros nem os reencontros. Para demais, confiava no valor do espôso que dirigia a defesa de Salvaterra. Certo capitão, de nome António Mousinho, ávido de fama e entontecido pelos exemplos, cheio de braveza e fé, saltara dos valados onde se encobriam os terços e com êle parte dos seus soldados e oficiais.

Ninguém quisera ficar para trás. As tropas, entusiasmadas por semelhante arrebatamento, atiraram-se em seu seguimento e o inimigo, topando-as a descoberto, arremessou sôbre elas a cavalaria. Dificilmente se formariam para a receber. A guerra tornava-se uma matança. A súbitas, ouviu-se o ribombo da artilharia das bandas de Monção. Passavam as balas, rápidas e troantes, em direitura ao campo onde os espanhóis içavam o seu estandarte e, varejando, rugindo, implacáveis e seguidas, obrigaram o inimigo a recuar. Ao aviso dos tambores, os cavaleiros detiveram-se em pasmo.

A condessa de Castelo Melhor abandonara as linhas de defesa ; fixara os soldados que restavam e, como se a animasse o espírito da alcaidessa do tempo de D. Fernando, mandara arrastar duas peças para as portas da vila. Jungiram-se aos tirantes improvisados os homens mais fortes e os engenhos rudimentares foram, em carretas vagarosas, até ao sítio que a nobre dama indicara. Mulheres e crianças, em brados, seguiam a varonil senhora que mandava abrir a passagem para se collocarem as bôcas de fôgo na orla do rio a alvejarem o campo espanhol.

Obedeceram-lhe e, no mais acêso da peleja, aquele ruidoso vozear e os projecteis, alcançando o quartel-general dos espanhóis, apressaram a retirada.

Dera-lhes a tempo tão precioso auxílio ; os cavalos que iam esmagar a infantaria portuguesa, difficil de remunciar, eram

esporoados e iam à rédea solta para a campina onde os espanhóis reuniam os terços afastando-se do alcance da artilharia que D. Mariana de Lencastre mandara disparar na margem do rio Minho, junto a Monção, naquela ardentíssima tarde de Agosto.

A única sombra refrescadora e grata que animava os combatentes era a daquela mulher heróica, condigna sucessora da que defendeera dos castelhanos a vila de el-rei D. Fernando I, ainda não marido conhecido de D. Leonor Teles.

Os feridos portugueses naquela luta, à beira de Salvaterra, eram muitos. Estavam entre elles, o francês Francisco Latuche, tenente-general da artilharia e Rodrigo de Moura Coutinho, chefe de um dos terços.

\*  
\*   \*  
\*

Ao agonizar do dia e da batalha, quando Portugal já contava mais uma heroína, soubera-se que os galegos se tinham entrincheirado em Linhares. O conde, enfuriado pelas perdas, chamou o sargento maior Roquemont e incumbiu-o de desalojar os adversários. Partiu e logo Diogo de Melo o quis seguir com o resto das companhias; assaltando as trincheiras, em arrebatado ímpeto, passaram a fio de espada grande parte da guarnição que constavá de duzentos infantes.

Os habitantes fugiram espavoridos; o sangue dos veteranos, saídos dos presídios de Baiona, Corunha e Monterei, empaparia a terra sem a sêde que a devorava na noite de verão requemante.

Para que o fogo da vitória se conjugasse com a ardência do sol, incendiou-se Linhares, após o saque. Os torvelinhos de







DUQUESA DE FICALHO — D. Eugénia de Almeida  
1784 — 1859

fumo, as faíscas e logo as labaredas enormes alumiarão parte do caminho dos portugueses vencedores.

A notícia do feito da condessa de Castelo Melhor chegara a Madrid. Devera-se à sua artilharia, ralhadora e fera, o movimento da derrota do exército espanhol; soubera-se não ter sido possível desalojar os dominadores de Salvaterra e a cólera encherá o conde-duque de Olivares. Explodira. Sentia o seu poder a ruir hora a hora. Destituiu o Prior de Navarra do governo das armas da Galiza. Substituiu-o pelo cardinal Spinola, arcebispo de S. Tiago. Logo pedira cavalaria a Flandres onde os azes espanhóis estavam costumados a vencer. Parecia-lhe assombrosa a tomada da vila galega; era como um espinho bem atanchado no peito da vaidosa Espanha. Reünira dez mil infantes e mil cavaleiros. Poriam cêrco à praça, pouco guardada, onde a bandeira de Portugal se alteava. Chegara Setembro; ia fazer-se a pisa do verdasco. Escassamente se podiam defender as trincheiras com os restos das companhias dizimadas ao cabo dos combates. Os reforços não apareciam. Monção, dentro das suas muralhas, voltava a recear, todavia mais amparada pelo valor da espôsa do vencedor da terra galega. Mulheres e crianças, as minhotas que tinham ficado com a pequena guarda, seguiam a condessa como se lhe vissem a auréola da Deu la Deu. Aquela gente humilde aprendia com ela a bater-se, o tratamento das feridas e a rezar. Os espanhóis escolheram a treva a-deshoras para o assalto de Salvaterra.

Castelo Melhor dissera aos seus soldados: « ser a noite mais favorável aos defensores do que aos que assaltam porque aqueles seguram só o lugar que tem certo para não errar os golpes e estes caminham por sítios não conhecidos em que encontram tão perigosos acidentes que os obriga a diminuir o ardor e a errar a execução »

O cardinal Spinola tinha opiniões contrárias. Saíra de Tui e

falara aos seus homens, lembrando-lhes « o dano que se seguiria àquele reino se os portugueses conservassem Salvaterra, que já contava como rendida, sendo atacada de tão valorosos soldados, ajudados do escuro e confusão da noite, mais favorável para os que assaltavam do que para os que eram investidos porque aqueles, para atirar, tinham as trincheiras por ponto certo aonde as balas fariam, sem dúvida, mortal emprêgo e estes, para acertar os golpes, careciam de alvo pela falta de luz ».

Concluira animado em bravata menos de italiano que da própria gente que servia :

« Esperava fazer prisioneiro o conde de Castelo Melhor e segurá-lo com prisões tão fortes que as não rompesse com tanta facilidade como as de Cartagena da Índia ».

Não lhe tinham perdoado e êle ainda menos. A sua mão direita recordava-lhe as torturas dos potros ; cicatrizes vastas lhe ilustravam o corpo ; memórias mais fundas que os laivos da sua pele, o alanceavam. Esperou os espanhóis e, na calada da noite, os derrotou. Um francês, Duquisné, acabara por saltar das trincheiras com a sua tropa, para acutillar o inimigo na abalada. O comandante aparecia em todos os lados. Da banda do convento de S. Francisco rompeu, então, um grande tiroteio de bombas e granadas. Valorosamente investiram aquele sítio porque, sempre desapossados de Salvaterra, ve-riam retalhada a Galiza como uma rês rasgada pelo flanco. O cardial estava ali ; a sua inteligência sugeria-lhe uma artimanha. Desmontara a cavalaria ; colocara-a como émula dos infantes e, pela rivalidade das armas, renasceram milagres e prodígios. Acudiu Diogo de Melo com gente de boa vontade. A treva era cortada pelos archotes e os artifícios de fogo, caindo sôbre as paredes do mosteiro, não desviavam os defensores. Cinquenta mosqueteiros, bem providos, iam atacar a

rêtaguarda do inimigo. Imaginaram serem socorros de Monção e, largando o posto, deixavam o solo atulhado de armas e de mortos. Os portugueses rufavam as caixas cobertas, fazia-se mais bulha do que se tiroteava, ao cabo de algum tempo, mas a retirada dos galegos efectuou-se. Ao alvorecer estavam no outeiro do Facho; assestaram-se as bôcas de fogo e logo largaram para Linhares. Só ali, Spinola se julgou seguro. O homem da Igreja mal acreditava na derrota de tantos milhares de soldados; tinha oito capitães e outros oficiais feridos e até o mestre de campo, D. Fradique Valadares, recebera algumas balas. Dirigir-se-ia para Monção o ataque; uma dúzia de sargentos e cabos atravessara o rio a tomar a língua, querendo aprisionar alguém para obterem informes, e saber do estado da terra. Logo seguira um dos terços em ameaça.

A condessa de Castelo Melhor dera pelo rumor das tropas e pedira um cavalo. Saltando para o silhão, acicatou a montada e percorreu a vila, a despertar gentes nos quartéis, gerando o alarme, em rufos de tambores. Formou a minguada tropa que lhe restava e tal rebate deu, e tanto alardo fez, que os galegos se retiraram sem tomarem a língua, sem conhecerem qual a situação da vila que a heróica dona defendia.

Lançar-se-iam os desiludidos sôbre Valença, mas, ao passarem o rio, os religiosos de S. Bento de Gafei tocaram a aviso e a praça pôs-se em pé de guerra. Reembuscaram-se na treva e assaltaram Cerveira fingindo atacar Lanhelas, do têrmo de Caminha. Defendeu-a tão bravamente o seu capitão-mór, Gaspar Mendes de Carvalho, que entrara nas fileiras dos arremetentes a batê-los à espada cobrindo-se em seu broquel. Tanto lhe admiraram o ímpeto e valentia que lhe ofereceram a vida; acutilou ainda. Caiu morto; só depois os adversários avançaram para a vila onde Manuel de Sousa e Abreu ganhara o comando. O capitão de Coura, Francisco Rebelo de Sousa, apparecera com

a sua hoste a qual, junta à de Vila Nova de Cerveira, causou a perda de quinhentos homens das mesnadas do cardinal Spinola. Sobre a madrugada de vinte e cinco de Setembro de 1643, estavam os derrotados pedindo licença para enterrar os seus mortos e, por isso, atravessaram o rio nas margens do qual os sepultaram sob as árvores em cujos ramos reverdecidos a passarada arraialava.

Dèbalde tentaram, mais uma vez, recuperar Salvaterra. O cardinal já pedira para Madrid a sua substituição. Entretanto os terços moviam-se e eram batidos. Construíram um reduto em Salgosa; foi lá o mestre-de-campo Diogo de Melo e desalojou os ocupantes aprisionando o cabo de guerra Belchior de Ulôa, dois capitães e muitos soldados. Destruindo as trincheiras, atirou-se a diversos lugares da Galiza, saqueando-os, e já farto, queimava-os em gáudio. O mestre-de-campo estava em Alcabra, defronte de Monção, e dando ordens a António de Queiroz e a Rodrigo de Moura, viu retirar as mangas inimigas.

O inverno ia chegar. Castelo Melhor fortificara Salvaterra. Enchera-o de maior glória o valor da espôsa do que a grandeza dos próprios feitos. Os galegos não tinham desistido do assalto; de quando em quando, pretendiam atingir, incomodando, os numerosos gastadores em lida nas obras da defesa.

A guerra prosseguia. Luiz e Simão de Vasconcelos e Sousa, os filhos da heroína e do governador de Entre-Douro-e-Minho, cresciam, com suas irmãs Maria e Isabel, à sombra das muralhas do castelo erçadas de armas. Temperavam-se ante pelegas; brincavam com pelouros.

\*

\* \* \*

No início de Março, em 1645, o valoroso guerreiro tivera que se despedir das pedras de Monção. Uma ordem de el-rei mandara-o para o Alentejo, onde havia mais de quatro anos que a guerra ardia implacável, como por vezes na Beira, em Trás-os-Montes e ali no Minho.

A Espanha não desistia da reconquista de Portugal. Naquela época, a condessa daria mais um filho ao seu lar onde já brincava com os dois mais velhos, Sebastião, destinado a cavaleiro de Malta.

Ela reentrava na côrte; o marido ia combater nas linhas de Elvas cujo comando deixara Joane Mendes de Vasconcelos. Devia inteirar-se dos aprestos para a nova campanha. Fôra muito bem acolhido por D. João IV após os seus feitos militares. Não o acompanhara para a fronteira a espôsa, cujas acções andavam, em louvores, por tôdas as bôcas. Dedicava-se à sua casa, à vida doméstica da qual se arredara durante tanto tempo em serviço da Pátria, pois outra coisa não fôra o estádio no Minho que o marido governara. Esquecera, talvez, aqueles disparos da artilharia às suas ordens, contra as hostes do Prior de Navarra, os rebates e alarmes dados nas muralhas de Monção contra as avançadas do cardial Spinola. E, daí, talvez se ensaüdasse.

Portugal ainda se batia pela sua independência ao cabo de tanto tempo do levantamento de Lisboa. Castelo Melhor era o general de D. Sancho Manuel. Deixara no Minho Diogo de Melo Pereira; sua fama subia, mas guardava sempre, ante a sua mão torturada pelos algozes de Cartagena, o sentimento de que a Espanha ainda não pagara suficientemente as suas

arremetidas e jámais desapareceriam de suas carnes os sinais fundos das violências sofridas na polé. Andavam já desavindos os comandos de Monção ; faltava-lhes a presença de um indiscutível chefe. Mandara el-rei o conde de Sarzedas a assumir o cargo. Impusera-lhe que deixasse a família na côrte. Renunciou o posto. Debalde lhe insinuara, o monarca, que reflectisse aceitando-o nas condições que desejasse. Não o quis por preço algum. Mal comprehendera porque, de entrada, o buscavam separar dos seus. Casado com a filha do conde de Linhares, se no ânimo do soberano não se aninhava desconfiança, contra quem procurava honrar, poderiam os officiais e o povo lembrar-se que o pai da espôsa do seu general estava em Madrid, junto de Filipe IV, agraciado com os títulos de marquês de Gijon e duque de Linhares, sendo grande de Espanha de primeira classe e general das galés da Sicília. Servia o rei castelhano. Tal era seu valimento que até ao genro o monarca intruso amerceara com o título de marquês de Sobreira Formosa. Êste, porém, mostrara lealdade. Concedia-se-lhe a vice-realeza da Índia onde iria morrer de peçonha e as armas de Entre Douro-e-Minho foram entregues a D. João da Costa.

No outono do ano seguinte chamou-se de novo a êste alto emprêgo, o conde de Castelo Melhor. Monção viu a sua heroína e acolheu-a tão jubilosamente como ao grande soldado que ia governar a província. Apenas se escaramuçava no Minho e antes da morte de D. João IV escolheu-se o fidalgo para o govêrno do Brasil.

Regressou ao cabo de alguns anos. Em 1657, D. Luíza de Gusmão, regente do reino, nomeou-o mais uma vez para o posto onde vivia ainda, tão viçosa como é sempre a paisagem minhota, a memória de suas proezas. Ia completar setenta e quatro anos ; acompanhavam-no e à condessa dois dos seus filhos : Luiz e Simão, mancebos desempenados e altivos, os



quais, quási nascidos na guerra, lhe queriam como a vélha ama que lhes recordasse lendas e contos.

As meninas voltavam-se para o estado monástico, muito prêsas à regra carmelita, em Carnide e em Santo Alberto. Deixariam o paço pelo hábito ; uma professara na casa onde vivia a infanta D. Maria, bastarda de D. João IV, outra nas Albertas das Janelas Verdes.

Os povos acolheram os Castelo Melhor em delírio. Os velhos lembravam-se das crianças fidalgas junto da mãe nas muralhas de Monção ; os pequenitos de 1643 eram, agora, mancebos ou donzelas. Buscariam imitar tão nobres senhores se a peleja volvesse a ser renhida.

Tempos houvera de intervalos nas lutas não sempre dilatadas mas que se podiam julgar de apreciável paz. As enxadas luziam e as canções soavam ; armavam-se as rêdes e engenhos no rio pelos invernos e sôbre as mesas avultavam os salmões grados e pomposos, as trutas de febras vermelhas. Carrinhos, semelhantes a brinquedos, puxados por boizinhos anões, de armas largas, olhos oblíquos e ressaídos, saltitavam nas pedras. Guiavam-nos rapariguitas gentis e descalças como nas eras bíblicas. Comia-se a brôa loira e perfumada ; acendiam-se os fornos e o pão saía quente e mole polvilhado de farinha como de açúcar de galas ; os milharais embandeirados pareciam erguer flâmulas de arraiais ; espumejava o vinho nos pichéis e, dançando, aumentava-se a inveja dos espanhóis, afeitos à idea da guerra na casa minhota, quási irmã da Galiza. Então moviam as hostes, rolavam as artelharias, e enforquilhados os mosquetes, cintilando os piques, escondiam-se as enxadas, calavam-se as trovas, descia-se, a mêdo, ao Minho ; escasseava o peixe saboroso. Abatiam-se os gados, recolhia-se o pão à pressa e as moçoilas deixavam os aguilhões pela céva dos mosquetes e dos arcabuzes ajudando os soldados galanteado-

res ; arrancavam-se as searas e bebendo-se, por conta, o verde, morriam nas bôcas as cantigas. Substituia-as os « quem vem lá ? »

Era a guerra.

Quando o conde de Castelo Melhor chegou logo a recommençaram; e êle, como os seus rapazes, no meio de luzido quartel-general, enfrentava-a, deixando em Monção a espôsa que tôda a gente adorava. Envelhecera no rosto que não na alma.

Os castelhanos tinham arregimentado poderosas fôrças e por isso se reentregara aquele govêrno ao experimentado fidalgo. A região estava exposta a uma tomadia. Deixara-se avançar, por demais, o inimigo.

A idea do guerreiro, foi a da provocar em vez de se limitar à defesa. Desejava lançar-se sôbre Tui, a grande praça forte dos galegos à qual se opunha Valença. Êles tinham erguido um forte novo, sob o patronato de S. Luiz Gonzaga. Contra o vasto poder espanhol se marcharia. O chefe hesitara empreender o lance sem consulta ao conselho de guerra de Lisboa. Parecia-lhe temerário arriscar-se só por seu alvedrio.

D. Luíza de Gusmão enviara o plano do governador de Entre-Douro-e-Minho a Joane Mendes de Vasconcelos, que ambicionava, para seu uso, tôdas as fôrças disponíveis a fim de conquistar Badajoz. Contrariou o projecto.

Constava que o marquês de Viana, o novo chefe das armas inimigas, tentaria fortificar-se melhor juntando mais gente para uma batalha decisiva. Passariam para norte muitos dos terços do sul.

Antepusera-se aos redutos de S. Luiz o forte de Silva no qual se instalara o quartel-general. Continha mil infantes com seus mestres Francisco Peres da Silva e Diogo Brito Coutinho. Estavam deficientemente guarnecidas Monção, Salvaterra, Caminha, Cerveira, Melgaço, Valença, Lindoso e Lapela. Além

da infantaria paga, dois mil e quinhentos auxiliares, sob o comando de Almeida Carvalhais, aguardavam a hora da entrada no fogo. Abandeara-se um núcleo valoroso de oficiais voluntários, luzindo-se entre êles Luiz e Simão, os filhos de Castelo Melhor, D. Manuel de Melo, Francisco Rolim, Matias da Cunha, Manuel da Cunha, e outros do mesmo brio e ardimento.

Ao amanhecer do dia inicial de Setembro, daquele ano de 1658, por entre as árvores verdejantes, enroscadas de uveiras de negros cachos, os galegos largando em boa ordem, com seiscentos mosqueteiros, travaram combate novo e arriscado. Praticaram-se prodígios na defesa das linhas, mas oito portugueses ficariam sob o seu final agasalho de terra, com a vizinhança de muitíssimos dos assaltantes em iguais mortalhas. Os cirurgiões tratavam dos feridos numerosos e entre êles de Luis de Sousa e Vasconcelos. Batera-se como digno filho dos Castelo Melhor. Empenhara-se de novo o combate pois o general espanhol arremessara tôda a sua gente que obrigara, por quantiosa, o recuo dos portugueses para os quartéis. Pelejaram como soldados os oficiais e os adversários detiveram-se ante tanto arrôjo e denodo. Tinham ficado na luta Manuel Teixeira e André de Abreu honrando o brio da brava falange môça. Manuel de Melo morreria das feridas recebidas. Caíram duzentos e cinqüenta combatentes em mãos adversas mas trinta dos oficiais inimigos tombaram no campo.

Castelo Melhor acoutara a sua gente nas serras de Coura. Por aqueles terrenos, a pique, onde a natureza revestiu de verdadeira as profundezas, êle se salvou com os seus soldados fortificando o passo de S. Martinho e a ponte. Recolheu gente aos fortins de Betelem e à atalaia de Sardal e oficiou à raínha demonstrando-lhe como, pela primeira vez, perdera na guerra, por falta de lhe escutarem os avisos e requerimentos.

O marquês de Viana não descansara sob os troféus. Ganhara postos em Lapela onde governava Gaspar Lobato de Lanções o qual recolhera muitas mulheres, nas exíguas muralhas, bem como as crianças foragidas ante o avanço dos gallegos.

Contra aquelas paredes se começou o bombardeio. Lançara-se uma ponte de barcas em Lagos de Rei ; os pelouros brêchavam o castelo e o alcaide, ouvindo os choros do mulherio e dos meninos, decidira entregar-se, com cento e cinqüenta soldados, três peças, munições e víveres. Corriam mal os lances. O conde, ao saber dessa derrota, enfuriara-se. O bravo torturado de Cartagena achava poucos todos os tratos espertos para aquele oficial que pactuara podendo combater.

Para demais, adivinhara, como excelente tático, qual o empreendimento a seguir. O chefe das armas españholas rodearia Monção, cujos muros se encontravam aluídos, em parte, e, ganha a vila, onde se encontrava ainda a condessa, fácil seria a conquista de Salvaterra, o fruto de suas antigas acções e por cuja posse se desencadeava a formidável guerra. Pobres eram as linhas de defesa. Outubro chegara e com êle as chuvas. Um exército bem apetrechado não deixaria de vencer os míseros cubelos do ruim muro de cantaria com sua barbacã. Sôbre o arrabalde, do lado do rio, que investiriam, apenas se erguia uma trincheira de faxina e terra amassada. Para as bandas da campina, vasta e verde, na húmida extensão dos terrenos divididos por anteiras dominavam vagos baluartes que se viam de além com os redutos em serras teóricamente ameaçadoras. A tenalha de ângulos reentrantes e salientes, pomposamente denominada forte de Santo António, não resistiria às bôcas de fogo. Era esta mal engendrada defesa que pretendia guardar uma fonte de abastecimento. Ficava sob as balas inimigas. Muitos dos que procuravam dessedentar-se

matavam as securas de vez, pois lá ficavam exaurindo-se em sangue junto das bicas cantantes de fresca água.

No subúrbio mais exposto os conventos de bentas e franciscanas tornavam-se alvos magníficos. Governava a vila o tenente do mestre de campo-general Lourenço de Amorim Pereira. A defesa era difícil. Quási se anunciava a impossibilidade de combater com vantagens.

Mal se soube da perda de Lapela, a condessa de Castelo Melhor deixara dois dos seus filhos, ainda pequenos, e correrá para as muralhas. A heroína desentranhara-se em prole sem minguar de valor. Chamou Rodrigo Pereira e disse-lhe que mandasse para Vale do Rosal cento e cinqüenta dos soldados de seu terço a fim de impedirem a passagem do inimigo. Dispôs tudo; procedeu como no ano em que desbaratara com a artilharia os galegos do Prior de Navarra. Os portugueses atravessaram o rio, desejosos de cumprir o mandado da fidalga mas, pressentidos pelo inimigo, foram derrotados. Ela quedara-se nos baluartes de Monção vestidos pelos terços fortísimos de D. Baltasar Pantoja. Pela tarde, surgiu com os filhos e de novo se tornou o exemplo para as mulheres e crianças que em vez de levantarem gritos e choros, como as de Lapela, insultavam os assaltantes de cima muros quási desmantelados, às cavaleiras no rio de águas engrossadas naquele Outubro. Friava. Os espanhóis acendiam as suas grandes fogueiras e esperavam a vitória. Pareciam atentos demónios entre labaredas.

\*

\* \*

No seu quartel de Coura, tempo depois, o conde procurava os meios para correr em defesa de Monção onde já não estava a espôsa. Lembrava-se, porém, que o ponto culminante, a

razão máxima daquela luta, era Salvaterra e decidiu enviar-lhe socorro de trezentos e cinqüenta infantes enquanto os sitiados se lançavam no assalto. Entraram custosamente na vila fronteira os reforços mandados pelo ilustre fidalgo.

O seu corpo pequeno, mal resistia aos desaires da guerra que chegavam quando os seus setenta e cinco anos. Ao ter notícias desagradáveis, enviava o seu pensamento para a mulher que fôra digna dêle e da Pátria.

Chamava tôda a gente para as fileiras mas os espanhóis eram tantos que não havia maneira de os vencer e os paisanos, furtando-se às bandeiras, causavam ruína no exército.

Francisco Álvares Galé, pagador, chegara a Coura com o recado de Lourenço de Amorim, o qual não podia manter-se em Salvaterra. Tinham morrido muitos capitães e soldados; mais de cinqüenta portugueses se encontravam feridos.

O comandante enfermara; caíra em enorme melancolia. Sangrara-se oito vezes o soldado ilustre que tanto sangue deixara no potro de Cartagena. As sezões acometeram-no e retirou para Ponte do Lima.

Era em Novembro, mas jãmais falece a beleza da paisagem idílica na terra que o lindo rio vai acariciando em beijos por entre os arvoredos que o bordam. Dir-se-ia o elegíaco correr de uma lenda ora narrando endechas, ora contando heroísmos, em molduras de ramarias, musicais pelo sussurro da brisa ou pelo mais rijo soprar do vento, abrigando os cantores alados, em seus poleiros viçosos, a saüdarem as águas que dizem lindas nôvelas de amor, de guerra e de saüdade.

Sob a sua ponte de ameias, o Lima saltitava alagando as margens diante de montes que pompearam castelos, conventos, eremitérios e palácios.

Neste quadro agonizou, naquele Novembro de derrota, o conde de Castelo Melhor cumprindo seus deveres de cristão

sorrindo ao sacerdote depois de receber os sacramentos que o ungiam e o consolavam.

O general de artilharia, Nuno da Cunha, mandara prevenir a rainha do finamento de tão grande guerreiro e do perigo que representava para a campanha a falta de tão ilustre chefe.

Perdida Monção, estaria aberta tôda a ribeira do Minho. Deviam libertá-la a todo o transe. Foi nomeado governador o visconde de Vila Nova de Cerveira, soldado experiente, general perito. A fome era a grande dominadora na praça que D. Mariana de Lencastre tão bem defendera. Socorreram-na com víveres, a custo, e perdendo gente. Ia muito caudaloso o rio Minho.

Fragoavam-se dores em todos os corações. O último acto heróico na guerra fôra o da audaciosa ordem da condessa de Castelo Melhor que mandara morrer em Vale de Rosal os soldados de Rui Pereira.

O inimigo apertava o cêrco. Não faltava a recordação do exemplo da grande dama, mas falhavam os socorros materiais. Chegara-se ao extremo de se comer ratos e gatos. Tinham-se assestado seis baterias sôbre a praça ; já quási não havia quem respondesse pelos postos de rigor.

Já eram mulheres algumas daquelas crianças que tinham visto, outrora, a valorosa dona a bater-se, comunicando ânimo aos mais bravos. Logo surgira uma entre elas capaz de as capitanear. Helena Peres, viúva de João Filgueiras, não abundaria em títulos de nobreza mas por isso não lhe desfalecia o valor. Correrá para as muralhas e, incitando as companheiras a tomar grandes pedras, formidáveis lages, em risco de acabarem de derrocar as defesas, arremessaram-nas aos espanhóis que mais ardidamente queriam alcançar as escarpas.

Vivia-se em permanentes tormentos ; os corpos dos animais imundos, que os sitiados devoravam, originavam doenças hor-

ríveis e viam-se estendidos nas ruas e betesgas corpos chagados, cadáveres corroidos emquanto as bôcas de fogo galegas iam vomitando mais velozes a morte. As granadas derrocavam lanços de muralha e acudiam sempre às trincheiras as mulheres guiadas por Helena Peres. Segurando um chuço, a cabeça coberta por vasto chapéu militar, como o que usara a condessa de Castelo Melhor, de tal forma se batia e tanto animava a soldadesea, que todos a seguiam como a uma capitôa eleita por sua valentia.

Entre as combatentes contava-se a que alcunhavam de «Turca» talvez por seu ímpeto selvático.

Expusera-se de modo que bem se demonstrava não ter sido vã a atitude tomada pela fidalga antes daquelas plebeias. O espírito da alcaidessa do tempo de D. Fernando animava-as tanto como a dona que tinham admirado desde a infância, a condessa enérgica e arrebatada.

Ao chegar-se ao alto do muralhão uma bala de artelharia alcançara a «Turca»; abrira-lhe a barriga, e, por terra, segurando os intestinos, que se esventravam, ela, sem mais pudor do sexo, heroica e em fé ardente, pedira para a transportarem à igreja do Espírito Santo. Pareceu tomar alento diante do altar; baixos os vestidos, esvaindo-se em sangueira, de mãos erguidas, a moribunda, mulher do povo, pedira que com o pouquinho dinheiro que tinha no bôlso mandassem dizer missas por sua alma e expirou em tanta serenidade como se apenas o coração fôsse timbre naquele corpo de entranhas dilaceradas.

Pairavam, mais do que nunca, na vila assediada, a imortal legenda de Deu la Deu e os bélicos feitos de D. Mariana de Lencastre, viúva do bravo conde de Castelo Melhor, morto sem o desgosto de saber Salvaterra da sua tomada, em 1643, represa dezasseis anos depois pelo inimigo.



Monção render-se-ia, mas antes em tanta fúria se portaram seus habitantes que, ao verem entrar os galegos nas casas, os próprios feridos pegando, em derradeiros alentos, nas espadas, se lançavam contra êles, preferindo morte a cativoiro.

A fome de tal maneira pungira aquela gente que após as balas despedaçarem uma das sentinelas, os soldados, acoitados nas atalaias, se lançaram sôbre os seus restos em freimas de os atirarem aos brasidos e, espostejados, os devorarem, no que intervieram os não menos esfaimados, Francisco de Araujo Belo e João Pereira Pinto, impedindo a bárbara refeição.

Enlouquecera-se; e só, sob os tormentos e alucinações na vila de Deu la Deu Martins, se rufaram as caixas para rendição.

Dobravam os sinos.

\*

\*

\*

Por morte de D. Filipa de Vilhena competiriam à heroína de Monção maiores cargos no paço onde as filhas, D. Maria e D. Isabel, tinham sido damas de honor antes de tomarem o hábito carmelita.

Dos rapazes mais novos, Sebastião de Vasconcelos, cavaleiro de Malta, acabara bravamente no Alentejo, batendo-se às ordens do conde de S. Lourenço. Era uma criança émula dos dois irmãos ilustres, soldados na guerra do Minho sob o comando do heróico pai. António de Vasconcelos e Sousa vestiria o hábito. Manuel, era ainda menino. O primogénito herdara o título (1) e tal luzimento lhe daria que não foi fácil de embaciar. Simão continuava solteiro seguindo, em admirado enleio, as manifestações de talento do chefe da sua casa, senhor do con-

(1) *Os Grandes Estadistas Nacionais*, obra do autor nesta Colecção.

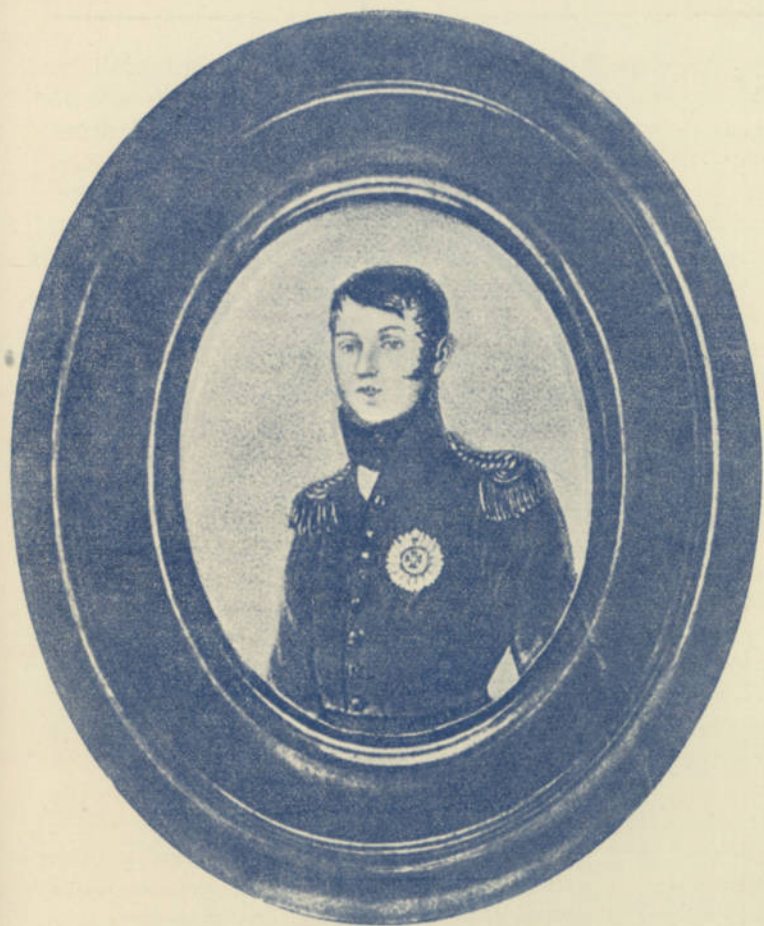
dado de Castelo Melhor, que lhe viera da mãe. O da Calheta caber-lhe-ia no futuro por parte dos Câmaras, donatários da « terra àquem do Canisso dez passos, como se vai pelo ribeiro acima e dali se atravessa a serra até à ponta de Tristão para êle dito João Gonçalves Zarco a manter e conservar na sua descendência ». Rezava dêste modo o alvará do infante D. Henrique concedendo àquele cavaleiro a primeira terra da Madeira, por seus herdeiros a « manter e conservar ».

Também recaíram no primeiro varão de D. Mariana de Lencastre os senhorios de Valhelas, Almendra, Mouta Santa e a alcaidaria de Pombal. Grande fidalgo era.

Na côrte não havia dama de mór respeito do que ela. D. Filipa finara-se; D. Mariana de Lencastre, a homónima da condessa de Castelo Melhor, que ajudara a revestir as armas a seus filhos, Fernão e António Teles da Silva, igualmente desaparecera do mundo. Fôra a severa, digna amiga e aia do infeliz e talentoso príncipe D. Teodósio. Ao ficar viúva, vaga a mais alta categoria das damas do paço, ela a assumiu, com o marquesado de Castelo Melhor, como o de Atouguia se dera à celebrada heroína de 1640.

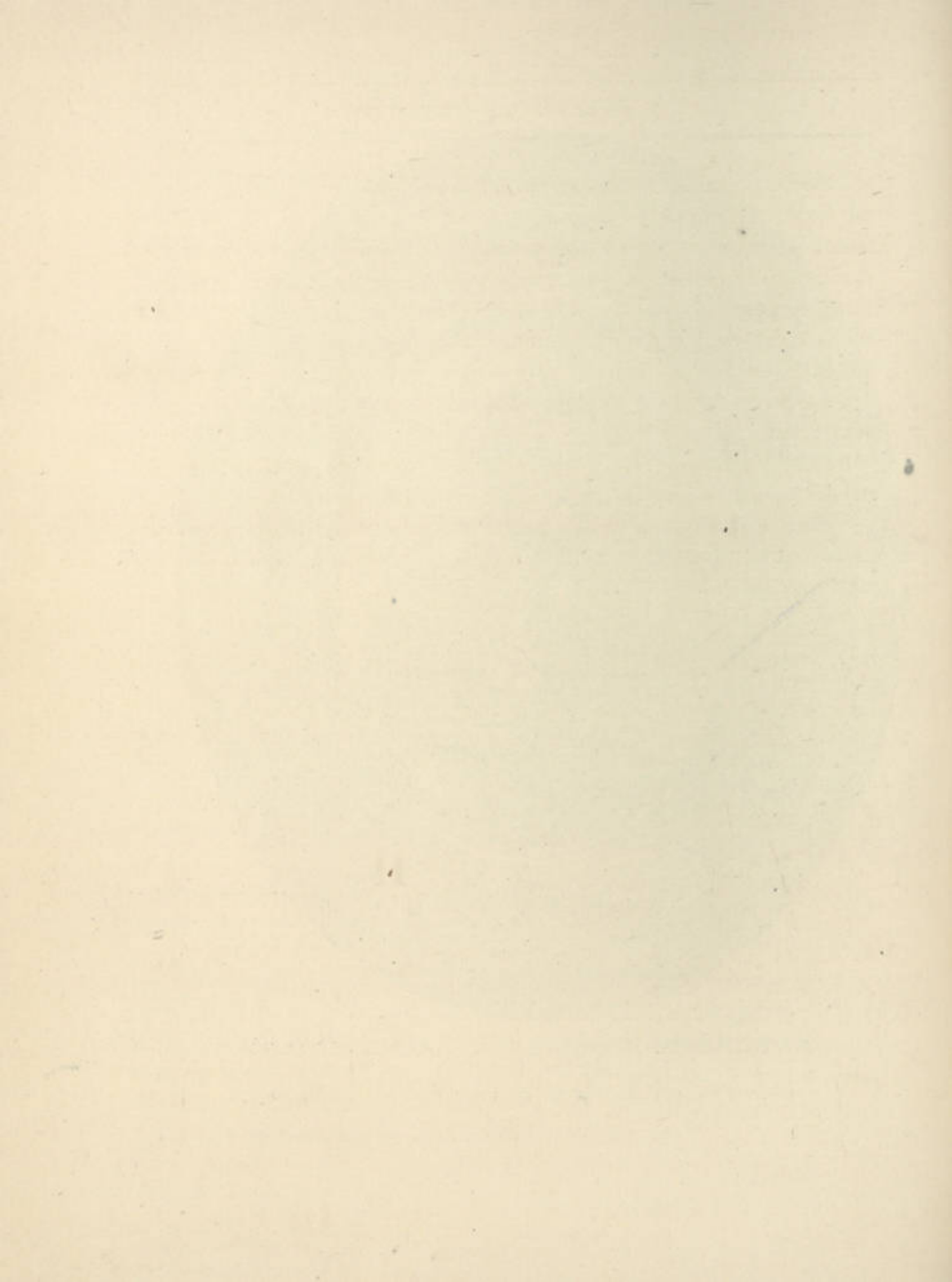
Bem os tinham merecido ambas por seus exemplos, feitos e atitudes. A viúva do torturado de Cartagena muito sofreria na côrte. Sôbre a sua cabeça valorosa acumular-se-iam as tempestades, padecendo ali mais do que no alto das muralhas da praça forte ante os inimigos.

Quando se representavam em palácio algumas das célebres comédias espanholas, houvera quem alcunhasse com seus títulos as figuras paçãs. Os defeitos e qualidades dos cortesãos, simbolizavam-se nas designações dos sainetes e doutras obras que, mesmo no idioma castelhano, se colavam às personagens. Algumas eram duma crueldade sem par, documentando verdades ou talvez só raivas, emulações e zelos.



O TENENTE-CORONEL FRANCISCO DE MELO, CONDE DE FICALHO  
(1781 — 1812)

Miniatura a côres, propriedade da actual Condessa de Ficalho



Porque em casquilhices e perfumes se envolvia o duque de Cadaval, diziam caber-lhe a rubrica da farça « Aprended flores de mi » ou, por sua cortesania, « La obediencia laureada ». A Sebastião César de Menezes, douto, énérgico e rígido sacerdote, denominavam-no : « Monstro de la fortuna », porque esta lhe acudia mais fagueira depois das desditas. A D. Francisco Manuel de Melo, tinham dito « Lances de Amor y fortuna ».

Assim se tentara definir tôda a côrte não se poupando as senhoras.

À condessa de Vila da Feira chamavam « A princesa de los montes » e à de Santa Cruz « La ventura de la fea ».

Para a marquesa de Castelo Melhor escolheram o título de estilo que na verdade mais quadrava á sua heróica vida : « El valor de las mujeres ».



III

À DUQUESA DE FICALHO





### III

#### A DUQUESA DE FICALHO

Entre os officiaes que, da esplanada de S. Julião da Barra, viam navegar a esquadra onde se embarcara a família real e a côrte com destino ao Brasil, estava Francisco José de Melo Breiner Teles da Silva, o qual seria primeiro conde de Ficalho.

Na tarde, chuvosa e triste, de Novembro as naus, sob a borrasca eminente, e as cordas de água, tinham desferrado escoltadas pelos navios ingleses. Retumbaram as salvas que não conseguiram abafar os prantos e clamores do povo, no cais de Belém. Aos seus estampidos içaram o pavilhão real molhado, murcho, triste para se agitar, quasi convulso, a dilacerar-se, quando a ventania começou a zunir rijamente. Chegara-se ao desespero; estava-se a 27 do mês. 1807, em Lisboa, equivalia a 1799 em Nápoles — a uma história, que todos os fidalgos sabiam, — a dos reis embarcando à pressa, sob a vigilância das poderosas unidades britânicas, do comando de Nelson, na rota para a Sicília. Somente os franceses que os afugentaram vestiam os uniformes da república, os que entravam em Portugal defendiam o estandarte do império. A Sicília

era no fundo da península italiana ; o Brasil tão longe da metrópole que a turba se considerava para sempre afastada do seu soberano.

Dir-se-ia que um D. Sebastião se sumia naquele negrume do temporal.

O fidalgo, comandante da fortaleza, falara aos quatrocentos homens da sua chefia ; dissera-lhes que deviam recolher aos lares, recusando servir os invasores.

Ele era oficial ; faria o mesmo. A voz dêsse militar tinha pausas dolorosas, magoadas. Apenas cem dos seus subordinados vestiam a farda desde há dois anos ; os outros não passavam de recrutas mas, como se todos fôsem experientes veteranos, não se mostraram em menor dôr e mágoa.

Já se perdera a última vela a caminho da barra quando um enorme rumor se ouviu ; abriram-se os portões da torre e, no meio do maior pasmo, appareceu um general de uniforme enxovalhado pelos salpicos da lama, seguido por alguns ajudantes, e por escolta de cavalaria. Correndo para as baterias, ordenou, em língua estrangeira, que se carregasse uma peça. Chamava-se Andoche Junot ; era alto, reforçado, enérgico, comandava o exército invasor, e, enlameado, o chapéu de bicos de través, as dragonas azebradas, parecia levar a pontapé o país onde entrara sem resistência. Ele próprio pegou no morrão ; fez-se a pontaria a um pequeno barco que velejava a custo na esteira dos outros, recebeu um córte na enxárcia. A galera *Chocalho*, assim alcançada, sumira-se na borrasca. O chefe pôs-se a espesinhar, em fúria, o chão lageado ; e, brusco, sacudido, voltou as costas àquelas águas turvas e encapeladas cúmplices dos ingleses e que lhe roubavam os Braganças.

Francisco de Melo, dias depois, despira a farda. Não pertencia à categoria dos célebres guerreiros e consentiram-lhe a retirada. Contava vinte e sete anos. Tinha dezassete quando

do Roussilhão, dezanove no período das escaramuças fronteiriças ; mal houvera tempo de se ilustrar. Assim se escapou, com outros de sua grei, a marchar na Legião Portuguesa do comando do seu parente marquês de Alorna e a qual fôra incorporada, à fôrça, no exército francês. Em Lisboa nascia a subser-viente côrte do invasor. Fidalgos, magistrados, comerciantes, pessoas de algo e de teres, ofereciam-lhe espadas, togas, brilhantes e mulheres. O povo afogava-se em ira.

O aristocrata refugiou-se na sua casa solarenga de Serpa com a espôsa, a primogénita Maria Margarida, o filhinho de ano e meio, António, nome do avô paterno, e o que nascera havia um mês, chamado Luiz, como alguns dos antepassados maternos.

Havia quatro anos que o fidalgo casara com D. Eugénia de Almeida Portugal. Deus abençoara-lhes o consórcio dando-lhes aquela prole. A senhora que se lhe unira descendia de D. Francisco de Almeida, primeiro vice-rei da Índia, em cuja lousa sepulcral se gravara : « Nunca fugiu e nunca mentiu ».

Enérgica, digna da linha nobilíssima dos ancestrs, fôra educada e instruída por sua mãe que, religiosa isenta de fanatismo, crente, porém, livre de excessos supersticiosos, a criara sem nunca altear a voz maviosa. Tornara-se mestra de virtudes das filhas e da boa conduta dos rapazes na casa de Lavradio, onde entrara com a grandeza dos seus apelidos heráldicos. D. Ana Teles da Silva vinha dos Penalvas, Vilar Maior e Tarouca. D. Eugénia era a mais vélha dos quinze irmãos, alguns dos quais ainda brincavam nas vastas salas do palácio de Santa Clara, quando ela já dera à luz os seus primeiros filhos.

Não lhe faltavam exemplos de valor, estoicismo e grandeza moral nos parentes que evocava, desde o conquistador de Almeida, no tempo de D. Sancho I, e por tal feito denominado de *Almeidão*, até ao glorioso vice-rei da Índia. Outros, condes

de Avintes, tinham governado o Brasil e o Oriente ; pertencera à sua família o preclaro D. Tomaz de Almeida, primeiro cardinal patriarca de Lisboa, respeitável e venerando.

Recolhidos à terra onde os Melo de Vila Verde de Ficalho possuíam vastas propriedades, o oficial ingressado na vida civil, enraizara o ódio aos franceses. Para o dia do combate, que sentia próximo, reparava, às claras, as muralhas de Serpa, preparando em segrêdo os explosivos e outras munições. Olhando as portas de Sevilha, Moura, Corredoura, Beja e a Nova, sentia-as unhas fortemente pela tradição militar. Procurara ali a calma o celebrado Infante de Serpa, no reinado de D. Sancho II ; investira a vila o duque de Ossuna ; conquistara-a Paio Peres Correia e vira as correrias da moirama. Vincavam-se ali, muito intensamente, os heroísmos. Na igreja dos Capuchos, sob a capela-mór, jaziam alguns dos Melos, senhores de Ficalho, guerreiros quási todos, gente de peleja celebrizada nos assédios de Mourão, Badajoz, Linhas de Elvas, por êsse Alentejo, nos tempos da Restauração.

Entre as searas, pomares, olivedos e hortas, regadas pela ribeira de Chouchou, diante do vale, contemplando as muralhas, para ver onde quadravam os remendos, levou algum tempo aquele soldado. Até o brasão da vila — o castelo ameaado com guaritas — falava de guerra.

Um dia recebeu recado do monteiro-mór, Francisco de Melo da Cunha Mendonça e Menezes, conde de Castro Marim que ia revoltar o Algarve contra os franceses. Ainda não tivera tempo de se enferrujar a espada do fidalgo. De resto, êle devia tratá-la com tanto amor como aos filhos que brincavam à sua volta. Conspirou-se na casa de Serpa. Acudiram ao convite, seu irmão Tomaz e parentes como o primo Domingos de Melo. Aquele também entraria de voluntário na guerra a travar-se. Por emquanto, diante das valiosas coleções arqueológicas, que

o pai cuidadosamente catalogara, exumadas em Serpa e Moura, os dois irmãos e os seus cúmplices, ambicionavam que não demorasse muito a hora das insurreições.

D. Eugénia olhando aqueles pequenitos, admirados ante o fruto das escavações ordenadas pelo avô, todo ligado à antiguidade romana, e as quais não lhes podiam servir de brinquedos, sentia-os pasmados para os senhores que falavam baixinho, mostrando pistolões e espadas luzentes.

Rebentou a luta contra os franceses e Francisco de Melo foi ajudante de ordens do governador do Algarve.

Queria bater-se; não se acomodava. Houvera quem lhe desdenhasse o conselho, atribuindo à mocidade a braveza intemerata do moço oficial. Andara na província como um esfaimado de vingança; só poderia sossegar quando a francesia, batida, atravessasse as fronteiras. Passara com as guerrilhas e as tropas improvisadas de Mértola a Beja, depois a Évora e, como fôsse necessário fazer um reconhecimento da posição do inimigo, logo se oferecera. Chegara, enfim, a sua vez de ser útil nessa campanha feita a mêdo. Mandou dar um passo em frente aos soldados que desejassem acompanhá-lo. Nenhum se recusou. A fileira uniu-se nesse passo. Escolheu vinte homens ante o desespêro dos outros; entregou a cinco contrabandistas o papel de guias da expedição e, correndo riscos sem par, começou a sua tarefa. Foram necessárias mil precauções; durante seis dias lidou. Descobriu estarem mil e setecentos soldados inimigos em Almada, com duas bôcas de fogo; participou-o ao general e, quando se deu ordem para o ataque, viu os franceses embarcados na direcção a Lisboa.

As suas mãos patrióticas içaram no castelo de Almada a primeira bandeira nacional dessa hora, ao sul do Tejo. Lisboa ainda arvorava o estandarte onde as águias abriam as asas cobiçosas sôbre o mundo. Pouco tardou que se assinasse a

Convenção de Sintra. Junot, batido, ia levar a França a notícia vergonhosa da sua derrota.

O fidalgo, em nome do conde de Castro Marim, entrou no quartel-general britânico Englof Happe e tratou de vários pormenores militares.

Altivo, sentindo-se mais militar do que fidalgo, rejubilou ao ser promovido a major. Nomearam-no, depois, coronel para um regimento que só entraria em campanha daí a seis meses. Era muito para quem só pensava em voltar a combater. Compreendeu desejarem agradar ao aristocrata, parente dos membros da Regência mais do que ao bravo eolveu « querer subir os postos com a sua espada, preferindo, por isso, servir no seu regimento que já partira ».

O comando em chefe do exército fôra entregue a Wiliam Carr Beresford, soldado valoroso, que da disciplina fizera um guião. Premiava e punia rigidamente. Para êle só existiam oficiais — mesmo os seus compatriotas — desde que os exornassem as grandes virtudes militares: jãmais recuar; bater-se sem temor, e, sofrendo as injustiças, sob o fogo, reclamar depois da última bala ter sido descarregada mas, ainda assim, sem arrogância, em continência. O major Francisco José de Melo Breyner Teles da Silva ocupava o seu posto em infantaria 13, quando se anunciara uma nova invasão.

Soult, derrotado, saíra do Pôrto, deixara Portugal. Viria Massena e a fama dó « *Filho Querido da Vitória* » preocupava os ingleses que ocupavam no exército português altas patentes. Na regência do reino estavam com o bispo do Pôrto, D. António de Castro, e o marquês das Minas, D. José António de Menezes e Sousa, o conde de Redondo, o Dr. Raimundo Nogueira, e o conde de Castro Marim, amerceado com o marquesado de Olhão do qual fôra ajudante o intrépido senhor de Ficalho. Acrescentara-se aos membros do govêrno mais um nome: o

de Carlos Stuart, enviado extraordinário e ministro plenipotenciário de Sua Majestade Britânica. Era a falência da honra nacional.

Nos regimentos figuravam muitos oficiais ingleses ; formavam-se as Legiões para a defesa de Lisboa e Beresford continuava, com a sua rudeza, a organizar as tropas. Combatiam pela Europa além os soldados portugueses que tinham partido por ordem de Junot. Em Espanha era rei José Bonaparte, irmão do imperador. A côrte estava no Brasil e os fidalgos envergavam com tanto brio as suas fardas que nenhum dos que ficara no reino preferia as situações cómodas.

Depois daquelas duas derrotas dos franceses, ia entrar no país o formidável exército do comando de Massena. Havia nove corpos de tropas napoleónicas na península e à frente de cada um dêles estavam marechais e generais de renome europeu : Macdonel, Suchet, Soult, Vítor, Reyner, Ney, Junot e Drouet de Erlon com as divisões isoladas de Dorsenna, Bonne e Kelermann, já muito conhecedor de Portugal.

\*

\* \* \*

Quási no fim do ano de 1809 o major Francisco de Melo conservava-se em Tomar, onde o seu general o encarregaria de certa missão de vulto. Tratava-se de guarnecer o intervalo entre a Serra da Estrêla e o Zêzere. O inimigo não iria, em semelhante quadra, no rigoroso inverno, tentar a invasão, mas era necessário prevenir tôdas as eventualidades. Os campos cobriam-se de neve. O oficial percorreu-os com a sua enorme vontade de se tornar útil mas, ao chegar a Castelo Branco,

sentiu-se tolhido pelo reumático. Ainda vinham longe as legiões imperiais. Sòmente no Julho seguinte poderiam atravessar a fronteira. Molesto pelo ataque, que não o deixava mover-se, o fidalgo pediu e obteve licença para ir tratar-se nas Caldas da Rainha. Poucos resultados lucrou. O mal enquistara-se ; e o enfêrmo, em Janeiro, entrava em Lisboa a fim de procurar tratamento mais eficaz. Havia na capital outros officiais, na mesma situação. Ser-lhe-ia fácil conseguir um emprêgo junto de qualquer dos comandos, porém, esperava sempre melhorar a tempo de partir para o seu regimento antes da entrada dos invasores.

Estava para daí a alguns meses a chegada do exército de Massena à fronteira, quando o major Francisco de Melo, vítima da doença que o assediava, leu a ordem do dia pela qual Beresford mandava apresentarem-se todos os officiais nas suas respectivas unidades. O inimigo ainda vinha longe, todavia, procurava-se o maior número de fôrças necessárias para lhe embaraçar os movimentos. O militar não pôde cumprir, naquele instante, o que se lhe determinava.

Pediu ao médico que lhe assistia, certidão de sua doença e enviara-a à secretaria geral do exército onde estavam servindo alguns dos seus camaradas, muitos dos quais nunca tinham entrado nas operações nem visto o fogo. Quedou-se à espera de melhoras junto da espôsa que sempre o soubera mais do que decidido, ansioso de combater. Rodeavam-no as crianças, filhas do seu grande amor pela nobilíssima senhora que assistira às lútas como digna neta dos visos-reis e sempre lembrada da lápide da sepultura de D. Francisco de Almeida onde fundamente se gravara a legenda: «Nunca fugiu nem mentiu». Para tão escrupulosa e digna dama desmereceria quem deixasse de praticar aquele ditame, síntese e timbre da honra fidalga. Seu marido dera já o exemplo ; seguiu-lo iam os filhos.



A-pesar da linha rígida do major Francisco de Melo, herdeiro do título de conde de Ficalho, que desde 25 de Abril de 1769 andava na família, uma grande desconfiança lançada sôbre o seu nome o ia alcançar pungindo-o e àquela mulher da sua paixão.

O marechal Beresford não se conformara com o atestado de doença enviado pelo oficial cujo passado respondia por sua bravura, lealdade e patriotismo.

Naturalmente influira no seu desejo de punir a qualidade de aristocrata, o seu parentesco com um dos governadores do reino, a jerarquia que, assim ferida, se tornava fortissima ameaça lançada contra os mais carecidos de estirpe.

\*  
\*   \*  
\*

Ante a alegação de sua doença, um médico inglês entrara no palácio da rua dos Caetanos, onde o aristocrata residia, a fim de verificar o seu estado.

Podia basear-se nos regulamentos militares a visita, mas não fôra ainda publicado qualquer documento naquele sentido.

O enfêrmo enviou como resposta ao quartel-general de Beresford uma carta na qual escrevera textualmente :

« V. Ex.<sup>a</sup> porá na presença do Il.<sup>mo</sup> Ex.<sup>mo</sup> Snr. Marechal que eu *nunca* falto à Verdade ».

Militarmente lhe retorquiram e, dirigindo-se à regência, solicitou a sua demissão que lhe foi concedida.

O seu antigo general, conde de Castro Marim, que fazia parte do govêrno, lamentara-o e influira para o bom resultado do que *considerava* a desafronta.

A resposta consistiu na *Ordem do Dia* que o comandante em chefe do exército português ordenara, com os títulos na-

cionais sob os seus apelidos britânicos. Feria, magoava, tornava-se irritante. A certa altura escrevera :

« Que a perda para o exército de uma pessoa que desejava deixar o serviço, quando todo o reino era chamado a êle para se opôr ao inimigo, como fazia o II.<sup>mo</sup> Ex.<sup>mo</sup> Snr. Francisco de Melo, não seria lamentada pelos oficiais e soldados portugueses assim como o não era por forma alguma por êle, marechal, que desejava tirar do exército pessoas que, em um tempo tal, que podendo passear e freqüentar os teatros se achavam sômente incapazes para fazer face ao inimigo do seu Príncipe e da sua Pátria ».

Chicoteava, dêste modo, a face honrada do espôso da descendente do visor-rei da Índia, o que « nunca fugiu nem mentiu ».

Talvez que o nobre major tivesse assistido, no seu camarote de S. Carlos, em 5 de Janeiro de 1810, ao beneficio de Mariana Scarameli com a burleta *L'oro non compra amore*, letra de Caravita, música de Marcos Portugal que regia a orquestra. Não havia mais espectáculos.

Como resposta às insolentes frases do estrangeiro, volveu com o pedido de o castigarem de outro modo. Tanto se impressionara que escrevera as seguintes linhas num livro íntimo:

« Logo que cheguei disseram-me que o marechal tinha levado a mal que o govêrno me tivesse dado a demissão e que pediu uma satisfação ; que os governadores esperavam que eu fôsse ocupar o posto que tinha deixado ; eu respondi que isso era impossível que eu não tornava atrás com o que uma vez tinha dito ; que havia de dar a última pinga do meu sangue em defesa do Príncipe e da Pátria, mas que havia de ser com a farda de Viador com que já tinha servido contra os franceses mas não com outra ».

Um dos membros da regência teimava na sua defesa ; o viador da princesa do Brasil, D. Maria Benedita, evocara os

pergaminhos mas concluiu ser melhor «mandarem-no para a Torre de Belém porque era bastante satisfação. Podia fazer pela Pátria o sacrifício da vida, da fazenda, da liberdade, mas o da honra não ».

Durante trinta e oito dias penou na fortaleza.

O inglês publicou outra *Ordem do Dia* generalizadora do procedimento que adoptara.

« He com pesar e surprêsa que o Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Marechal Beresford, comandante em Chefe do Exército, soube que em desprêzo da *Ordem do Dia*, de 16 de Novembro próximo passado, muitos officiaes, dando-se por doentes, se conservão ainda em Lisboa e ordena, positivamente, que todo o official com moléstia que não estiver absolutamente incapaz de o fazer ou não tiver permissão directa do Senhor Marechal para estar em Lisboa, deixe instantaneamente esta cidade e vá curar-se a quatro léguas de distância dela, pelo menos, visto parecer que dentro da referida cidade nunca se completa a cura de moléstia alguma.

O Senhor Marechal faz saber aos officiaes do Exército que daqui em diante as certidões de moléstias não servirão para desculpar o estarem ausentes dos seus corpos ; todo o mundo sabe o abuso que se faz destas certidões e a facilidade com que se obtêm.

Ordena, mais, o Senhor Marechal, que todo o official que estiver incapaz de se unir ao respectivo corpo, mande a Coimbra ao ajudante general, o seu nome declarando o lugar da sua residência actual e a moléstia que tem, a fim do Senhor Marechal determinar a respeito de cada um a Inspecção que se julgar própria ».

Três dias depois da verberadora *Ordem*, referente ao major Francisco de Melo, se publicavam aquelas determinações.

Cumprida a prisão na tôrre, o fidalgo reclamou para o govêrno do Brasil àcêrca do castigo imposto, da forma porque fôra verberado, e durante um ano aguardou a resposta. O marquês de Olhão desistiu de ocupar o seu cargo no govêrno do reino, sentindo-se atingido pela insultuosa maneira porque trataram o seu parente. Nobremente, o antigo major, vestiu uma farda de voluntário e correu a bater-se. No dia da batalha de Albuera foi ferido, no auge da refrega.

Ao cabo daquele período em que o aristocrata muito soffera, averiguara-se a improcedência do delito imputado. Apareceu, na *Gazeta de Lisboa*, uma retratação, honrosissima para o inocente, que nem diante dela se julgou completamente ilibado. Dizia assim :

« S. Ex.<sup>a</sup> o Sr. Marechal deseja que o exêrcito se lembre da *Ordem do Dia* de 19 de Janeiro de 1810. S. Ex.<sup>a</sup> deu então essa ordem convencido que era justa e que convinha ao serviço de S. A. R. o Príncipe Regente Nosso Senhor, porém, agora sente a maior satisfação em a fazer lembrar ao exêrcito para dissipar tôda a impressão desfavorável que ela possa ter produzido no carâcter e honra do official que fez o seu objecto, o Il.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Francisco de Melo. O Sr. Marechal tem depois testemunhado, êle mesmo, os desejos dêste fidalgo servir o seu Príncipe, a-pesar do seu estado de saúde, que tendo-o muitas vezes obrigado a deixar o exêrcito tem sempre para êle voltado o mais depressa que lhe tem sido possível ; êle se tem mostrado em todo o ponto de vista de aprovação do Sr. marechal e finalmente sendo ferido em Albuera, a-pesar disso não deixou o campo de batalha. O sr. marechal julga ser uma justiça devida à pessoa de que fala na dita ordem e à nação retratar-se de quanto esta disse não só em consequência das provas em contrário que depois tem tido, como também pelo procedimento da pessoa de que falou e em semelhantes casos S. Ex.<sup>a</sup> sentirá

sempre grande prazer quando tiver de retratar-se. O sr. marechal não faltará a recomendar a S. A. R. se digne restabelecer o II.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Snr. Francisco de Melo no posto e antiguidade que tinha como se não houvesse saído dêle. O sr. marechal não pode deixar de sentir o mau estado de saúde dêste fidalgo, pois que muitas vezes tem sido testemunha dos terríveis efeitos que o impedem de servir com a constância e o ardor que deseja ».

Era muito mas, intimamente, não se considerava ainda satisfeito, para consigo próprio, o honradíssimo fidalgo. A espôsa, ante aquele acto de forte nobreza, admirava-o com a comunhão de um espírito valoroso ante uma atitude sublime. A batalha dera-se em 16 de Maio de 1811 e êle escrevia à mãe de seus filhos :

« Tenho sido muito cumprimentado por todos os officiais e em particular dos ingleses e todos admirados do marechal dizer tão positivamente que se retrata de tudo que disse ; é verdade que a expressão é a mais forte possível mas na minha opinião a *Ordem* fez tanta ou mais honra ao marechal como a mim porque poucas pessoas nas suas circunstâncias diriam o que êle diz e é preciso ter um fundo de honra para confessar, de boa fé e em público, que se errou, mas o que é certo, e pode tirar-se como fundo desta meditação, é que façamos nós sempre o nosso dever à risca que a verdade sempre há-de apparecer ; prèga esta verdade aos filhos, sempre, e faremos muito se lha imprimirmos no coração ».

Ainda não se sentira perfeitamente desagradado a-pesar das frases com que enaltecia o procedimento de Beresford. O pundonor era seu maior brasão.

Por decreto de 17 de Junho de 1811, datado do quartel-general, em Santa Eulália, à beira de Elvas, entre as promoções do capitão J. W. Greer, do 1 de infantaria e a do porta-ban-

deira Pedro Machado de Miranda, que passava a alferes, para o 8 daquela arma, lia-se :

« Major do regimento de infantaria 1, ficando contando o mesmo tempo de serviço e antiguidade de major, como se não tivesse sido demitido, o major que foi do regimento de infantaria n.º 13, o Senhor Francisco de Melo ».

No tratamento que lhe davam e nos outros termos da mercê marcava-se muito bem a distinção com que pretendiam honrá-lo. Quando das batalhas em território espanhol, já quasi no fim das campanhas da Península, era conde de Ficalho e usava os galões de tenente-coronel de infantaria 8. Mais do que nunca, após aquela lisonjeira *Ordem do Dia* de Beresford, desejava demonstrar tê-la merecido. Andava ainda muito distanciado do cabal júbilo ; por vezes o espinho agudo do primeiro castigo revolvía-se-lhe no coração. O elogio e a justiça, nessas horas, não lhe eram bálsamo.

Em 22 de Julho de 1812, lord Wellington, marquês de Tórres Vedras, cujo nome gloriosamente elevado ganhara seu maior brilho na Península, vencera a batalha dos Arapiles. Houvera um canhoneio terrível na defesa e ataque dos morros nos quais se tinham portado bravamente portugueses e ingleses contra os soldados do general Chouvel que pretendiam unir-se ao exército de Marmont, duque de Ragusa. Era a pouca distância de Salamanca. O inimigo, batido, retirara avançando em sua perseguição as armas anglo-lusas. Tinham ficado no campo quinhentos ingleses, trezentos e trinta e oito portugueses e dois espanhóis. Os feridos, em número de cinco mil oitocentos e setenta e nove, atestavam a grandiosidade da refrega. Beresford fôra alcançado por uma bala e na relação dos bravos citava-se-lhe o nome, dizendo-o atingido «gravemente mas não de perigo». O cirurgião do quartel-general Winn tratava-o e os boletins eram otimistas.

Entre os officiaes que tinham recebido ferimentos graves encontravam-se, com os nomes de alguns outros, os dos alferes Joaquim de Sousa Pinto Cardoso e do major Francisco Eusébio Rocho. No meio de ambos lia-se o do tenente-coronel de infantaria 8, conde de Ficalho.

Wellington enviara, em 25 de Agosto, o seu despacho à cerca dos mais briosos officiaes na batalha de Salamanca. Citava os brigadeiros Bradford, Sprye, Pwer, Pack, os condes de Rezende e de Urban, os coroneis Tomaz Stubs, Luiz do Rêgo Barreto, Douglas, comandante do 8 de infantaria e o tenente-coronel do mesmo regimento, conde de Ficalho. Acrescentavam-se apelidos de mais dois heróis: António de Lacerda e Francisco Homem de Magalhães Pizarro.

Quando a *Gazeta de Lisboa*, de 9 de Setembro de 1812, chegou às mãos da condessa D. Eugénia, com aquele elogio aos intrépidos militares, já ela se sabia viúva. O espôso falecera dias depois de se ter portado como um herói na batalha dos Arapiles. Fôra verejado pelas balas francesas, agarrado à bandeira do seu regimento. Só assim se considerara resgatado. Morrera; e, cheia de dôr, vestindo os pequenos órfãos de luto, a neta dos grandes capitães devia recordar a carta na qual o seu querido herói escrevera:

« Façamos sempre o nosso dever à risca, que a verdade sempre há-de aparecer; prèga esta verdade aos filhos sempre e faremos muito se lha imprimirmos no coração ».

\*

\* \*

Os descendentes do glorioso fidalgo foram crescendo entre os velhos salões do palácio dos Caetanos, cujas traseiras dei-

tavam para a rua do Carvalho, e os da casa solarenga de Serpa, na qual se estadeavam os achados arqueológicos do avô.

O varão primogénito da illustre família, António de Melo Breyner Teles da Silva, segundo conde de Ficalho, contava catorze anos em 1820, quando ao rebentar a revolução liberal os ingleses foram banidos do exército e se proibira a Beresford, de regresso do Rio de Janeiro, que desembarcasse da nau britânica *Vengeur*; Maria Margarida, a filha mais velha dos Ficalhos, acompanhava a angustiada mãe na educação dos irmãos Luiz, José e Francisco que ficara de dezasseis meses quando o pai morrera no hospital de sangue de Salamanca.

Aquela derrota infligida ao marechal inglês, pelos homens da insurreição, agradava à condessa que jámais deixara de imputar o fim do espôso à *Ordem do Dia* na qual fôra injuriado. Embora o marechal depois pagasse com fartos juro, e quasi humilhação, o mal que praticara, era certo que na alma admirável do soldado se gravara, para sempre, a severíssima crítica sofrida. Não houvera lenitivo no incenso que perfumara o doesto e só a morte pelas balas dos franceses sossegaria aquele espírito, por instantes a consolar-se, mas, na mór parte das vezes, em exacerbamentos doloridos.

Quando D. João VI voltara do Brasil e a luta começara entre liberais e absolutistas, observara-se que o irmão de D. Eugénia, D. Francisco de Almeida Portugal, não ocultava as suas opiniões liberais. Educado no Rio de Janeiro, para onde os seus tinham seguido com a côrte, tivera por mestre o talentoso Silvestre Pinheiro Ferreira, constitucional de valia, que os vintistas escolheram para ministro dos negócios estrangeiros. O mestre, confiado na alta intelligência do discípulo, quisera que o nomeassem encarregado de negócios na côrte reaccionária de Viena de Áustria, esperando muito da sua finura e tacto. Romperam-se, porém, as relações diplomáticas entre



Portugal e a Áustria em virtude das sentidas reprovações populares diante das janelas da legação dêste país, visto não as terem iluminado em honra do juramento das bases da Constituição. No inverno dêsse ano, a condessa de Ficalho vestira novo luto. Falecera sua mãe e esmerada educadora. Entre todos os irmãos da viúva, era Francisco o preferido e êste vivia no âmbito dos liberais de cujas ideas ela partilhava sem exageros. Luiz, que fôra ajudante do conde de Amarante, finara-se; as meninas não contavam nas ideologias da época em que outro dos filhos do marquês de Lavradio, António, arvorava as suas arreigadas crenças absolutistas em antagonismo com o irmão mais novo. Casara com D. Mariana Rosa de Menezes da Silveira e Castro, filha do marquês de Valada, e exercia influência nos povos de Tórres Vedras aliciados para o seu crédo.

Sucediam-se os combates entre as duas facções em ódios que D. Carlota Joaquina fomentava arrastando para tôdas as conjuras seu filho D. Miguel. Travavam-se os conflitos armados. A *Vilafrancada* aniquilava o poder dos vintistas; caíra-se em plena reacção. Mais se afirmava o liberalismo de D. Francisco de Almeida, que não queria escondê-lo. Em 1824 era secretário de legação em Paris e o seu ministro, marquês de Marialva, informava ser êle « muito inclinado às ideas do tempo ».

A *Abrilada* encontra-o no estrangeiro; o moço Infante, que se rebelara contra a autoridade paterna, partira para o seu durado exílio de Viena de Áustria. Dois anos depois D. João VI falecia. Bichanara-se ter sido envenenado.

Ia recommençar a intriga, prólogo da tormentosa guerra civil. D. Pedro IV doara a Carta Constitucional que a regente do reino, D. Isabel Maria, devia pôr em execução. Rebutaram clamores dos absolutistas; adensava-se a atmosfera sobretudo quando se dissera que o exilado filho da audaz rainha chegaria

para governar a nação, ajuramentado ao diploma liberal, e noivo de sua sobrinha D. Maria da Glória, em cuja infância o pai abdicara visto ser imperador do Brasil. Faziam-se ameaças terríveis. Já se degladiavam as famílias.

D. Francisco de Almeida e Portugal, chegara ao ministério dos estrangeiros. Enramava em boa prática de política a glória que o devia coroar sob o título de conde de Lavradio. Novo, sabedor, instruído, por vezes discordava, não só pelo reaccionarismo dos colegas mas até por cincarem nas mais elementares medidas a tomar. Acudia a irmã a pedir-lhe para não abandonar o poder. D. Eugénia chegava sempre com argumentos de ponderação e valia. Cultivara na sua alma princípios idênticos aos do político. Sentira, talvez, que os homens de 1820, tinham desagravado, até certo ponto, a memória de seu marido. Ele sofrera sob o domínio inglês. Beresford, banido pela revolução, tentava o regresso. Cumpliciara-se, outrora, com D. Carlota Joaquina. O ministro da Gran-Bretanha, sir Charles Stuart, que ocupara o cargo de governador do reino, novamente se impunha à infanta regente, a qual entregaria o governo a D. Miguel.

A divisão de Clinton estava em Lisboa como sentinela paga.

Em todos os acontecimentos o herdeiro do título da casa do Ficalho demonstrara sentimentos liberais. Contava dezanove anos. Caber-lhe-ia o pariato, e sendo cadete, fôra promovido a alferes no campo da batalha em Arronches, na qual os absolutistas de Magessi sofreram derrota, refugiando-se em Espanha pela Codiceira. Outro jovem recebera igual patente por idênticos actos de bravura. Chamava-se D. Carlos de Mascarenhas, filho segundo dos Fronteiras, tornara-se amigo dilecto de António de Melo Bréiner, conde de Ficalho. Luiz, seu irmão, sentara praça em cavalaria que D. Tomaz de Mascarenhas, dos Óbidos, comandava. Detestara os vintistas; aos trinta

anos militava em tão alto posto. Ajudante de campo de D. Miguel, em 1832, praticara como absolutista, mas seu mais atento pensamento dedicava-o a D. Maria Margarida, filha mais velha dos condes de Ficalho, cujo irmão, José, igualmente, não falhava ao liberalismo da família. Queria ser marinheiro. Francisco, a-pesar-de ter só dezassete anos, já comungava em ideais com os mais velhos. Todos se expunham; difficilmente aquela nobre família, poderia ocultar os seus sentimentos. No palácio dos Caetanos comentavam-se com vivacidade os acontecimentos. Apareciam ali outros fidalgos da parentela constitucional e até o mordomo da condessa, Francisco da Cunha, era de feição para recadejar no partido.

Um tio-avô do bravo tenente-coronel caído em Arapiles, o desembargador Pedro de Melo Breyner, quasi octogenário, fôra ministro da infanta regente. Gozava fama de jacobino por ter sido governador do reino no tempo de Junot. Era conselheiro de estado. Sua filha, D. Tomázia Francisca, estava desde 1820 viúva do marquês de Niza e dirigia os estudos do seu herdeiro de futuro, o turbulento, talentoso e estúrdio D. Domingos, ainda muito distante, nessa época, da sua celebridade de boémio, arruaceiro, galante e político. O magistrado não seria das mais raras visitas das salas dos Ficalhos.

Aproximava-se a data da chegada do infante D. Miguel, já nomeado para a regência do reino, e tremia-se.

Ia dilacerar-se Portugal.

\*

\* \*

Em 22 de Fevereiro de 1828, as salvas de artilharia anunciavam a chegada da fragata *Pérola* que transportava sua alteza. Ao primeiro tiro de peça acudiram a todos os espíritos

ideas de guerra. Havia quem a pretendesse deflagrar. Duas fórmulas se impunham: liberalismo e absolutismo. D. Pedro outorgara a Carta Constitucional, a D. Miguel competia rasgá-la.

Por detrás das vidraças do palácio da Ajuda D. Carlota Joaquina, ansiosamente esperava o filho. Preparara tudo para se volver ao sistema reaccionário. Entrevia o mando e a vitória.

A criadagem da Casa Real, moleiros do Caramão e de Monsanto, marcas conhecidas das conspirações da *Vilafrancada* e da *Abrilada*, tinham acorrido ao Cais de Belém. Na loja do Tibúrcio, capelista, onde sempre se conjurara a favor de D. Miguel, tribunos da rua incitavam os correligionários a aclamarem o senhor infante.

Seguiram atrás do coche de gala; olhavam-no como a um ídolo — dizendo-o mais lindo do que a Senhora do Cabo, dos círios — passando entre júbilos e berros de fanáticos desenfreados.

Ele vinha de Viena de Áustria, dos esplendores imperiais, do protocolo rígido da côrte, saíra do gabinete de Meternich e recebera honras reais em Londres.

Galeava as suas pompas na farda coberta de oiro; achavam-no soberbo de attitude, mais principesco, altivo, diferente de quando rabejava os toiros e estoirava cavalos. Ganhara ares de verdadeiro rei. Se até aprendera línguas estrangeiras e escrevia tão bem — afirmavam os idólatras, pela bôca dos frades, — como toureara e se luzira em picarias!

Aclamavam-no; as senhoras acudiam às janelas como à passagem de uma procissão; os almocreves, escudeiros, cavaleiros e chanfaneiros, com o mulhero do bairro e subúrbios, encheram o largo da Ajuda e, sorrindo aos fidalgos da sua facção, já levantavam vozes contra os outros. À noite bailara-se, sob

o luar de Fevereiro, que chegara frio, e subira, improvisada, uma canção nova: o *Çá Ira* da realeza absolutista: *O Rei Chegou*.

D. Miguel, como um leãozinho transportado da selva para uma doirada jaula, nela se acomodara, longe da floresta e dos seus habitantes. Tinha vivido de maneira ponderada e sob vigilância, em Viena; remetiam-no para a pátria e aquelas fisionomias, os brados, o sol, a poeira, a febre que andava no ar, transformavam-lhe a educação postiça. Respirava o odor da turba; reconhecia-se nela. Regressara; estava no seu meio. Ensaivava rugidos modelados; agora podia soltá-los ante aquele côro feroz em que passavam incitamentos trágicos com preces de almas entontecidas.

— Morram os pedristas! Abaixo a Carta! Viva o Senhor D. Miguel! Viva o rei absoluto!

E logo as vozes, no regabofe formidável, entoavam o hino oferecido pelo baixo povo ao seu rei.

Continuara-se nos dias seguintes.

Ao dirigir-se à Sé, para assistir ao *Te-Deum*, o infante sentira o delírio; no regresso chegara-se ao fetichismo. Ante a cumplicidade da polícia subiram as ameaças aos contrários com os louvores da idolatria para o príncipe. Começavam os ataques. No dia do juramento da Carta, dizia-se baixinho que sua alteza não jurara sôbre os Evangelhos.

O presidente da Câmara dos Pares, duque de Cadaval, encobrira-o com sua alta estatura. Depois do beija-mão, o povolêu, à saída do paço, vociferava contra os amigos de D. Pedro. À passagem do conde da Cunha, par do reino, que ia fardado, capitularam-no de pedreiro-livre. Atiraram-se contra a sua sege, partiram-na, e, arrancando-o dentre os destroços, feriram-no, berrando e querendo-o no seu côro.

— Viva o rei absoluto!

Emquanto o magoavam em fúria, outros fidalgos liberais fugiam para o Cruzeiro. O próprio príncipe Félix de Schwarzenberg, que precedera D. Miguel, em Lisboa, como delegado austríaco, tivera que se defender de espada em punho. Os apodos mais terríveis soltos pela ralé, sob o disfarce idealista, sujavam como lama os nomes mais honrados.

Envolviam no seu ódio imenso Vila Flor, Fronteiras, Vila Real, a-pesar-de ter aceitado uma pasta, Palmela, Alva, Sampaio, um velho alcunhado de maçã. Não era dos que soava menos nos rancores que se lançavam o título dos Ficalhos.

Anunciavam-se perseguições. O conde da Taipa, em virtude da sua acção na Câmara dos Pares, tivera que se refugiar a bordo.

Fronteira, fôra avisado na sua casa de Benfica, bem como o irmão, que desejavam prendê-los e ao seu coronel conde de Vila Flor. Simão Infante de Lacerda, oficial da guarda ao paço, prevenira-os; o comandante inglês Hare levava-os para o seu quartel, esperando poder conduzi-los ao refúgio dum paquete cobrindo-os com a bandeira britânica.

\*

\* \*

Patrulhas de cavalaria escoltavam os sequazes do absolutismo. Dominavam Lisboa. Eram êles o sota Leonardo, muito familiar do infante, o *Senhor dos Passos de Argel*, o José Veríssimo, sargento da polícia, o Tibúrcio de Belém, industriado pelos frades jerónimos, o Verde, ferrageiro da rua do Arsenal, o capitão Morais por alcunha o *Chicória*, militar depravado, o Augusto José da Silva, a sôldo dos políticos e tôda a frandura

lagem que recebia inspiração do picador João Raposo, do *Troca*, alquilé e rico receptador e do Garrocho, de Ajuda. Comiam nas tabernas dos partidários, por deshoras, preparavam ciladas depois de bebericarem, à farta, nas tabernas dos fanáticos da sua laia, nas lojas dos acobardados e até nas cozinhas dos palácios onde a fidalguia miguelista não desdenhava, por vezes, de arranchar com êles.

Assim que a noite descia vinha, com a treva, o terror mais desenvolvido à medida que se aproximava a proclamação de D. Miguel, rei absoluto. Os oficiais de Clinton avisavam alguns dos seus camaradas de estarem sujeitos a desacatos, a prisões, a pior. Apareciam tropas excitadas quebrando o silêncio por deshoras. Começara a fuga para bordo dos navios estrangeiros. Vigiavam-se tôdas as residências suspeitas de abrigar liberais.

O próprio D. Tomaz de Mascarenhas, antigo ajudante de ordens do infante, tivera que se esconder. Casara, havia semanas, com D. Maria Margarida, filha da condessa de Ficalho. Pedro de Melo Breynner, considerado jacobino, a-pesar-de octogenário e conselheiro de estado, fôra prevenido de que o esperava o cárcere. Começavam a encher-se as casamatas.

E entraria em Maio nos cárceres de S. Julião da Barra.

D. Francisco de Almeida, irmão de D. Eugénia, queria seguir o exemplo do seu antepassado homónimo, o gloriosíssimo visor-rei que « nunca fugiu nem mentiu » mas fôra obrigado, após a aclamação do rei, a esconder-se em casa do comerciante francês Lefèvre, muito liberal. Ali aguardaria o momento de embarcar no *Dake of Kent*. Depois de capturado em Pero Pinheiro, conseguira escapar-se aos caceteiros e metera-se a bordo.

Até o velho marquês de Lavradio, D. António Máximo, seu pai, cuja vida era um exemplo, se decidira a sair de Portugal, após os outros fidalgos, mais ou menos acusados de

inimigos do absolutismo. Contava setenta e dois anos e escrevia a seu filho, D. António de Almeida, que era dedicadíssimo partidário do infante e ficara em Lisboa até ir representar, em Roma, o govêrno absoluto :

« Meu filho : Com muito pesar deixo a minha Pátria mas o dever de homem de bem e de cristão a isso me obriga. Devo dizer-te que amo e respeito o Senhor Infante que eu ainda espero um dia poder mostrar-lhe como sou seu amigo e que tenho interêsse por Sua Alteza e que não tenho nada contra Sua Alteza mas sim contra todos aqueles que o aconselham tão mal e que obrigam os homens de honra a separarem-se da sua Pátria e das suas famílias. Deixo-te uma procuração ampla para cuidares dos negócios da minha casa e tua e te recomendo que trates com muito carinho a minha querida Joaquina, a quem tenho muita amizade ; recomendo-te José António e a família do Guilherme e o mais faze tudo como entenderes. Adeus. Teu pai que te ama — (a) *António* ».

O mais velho dos varões desta casa dedicava-se ao usurpador, o que fôra ministro constitucional emigrava, assim como o ancião alanceado, vendo a sua família em conflito e ameaçada de horrores a filha e os netos.

\*  
\*   \*  
\*

A condessa de Ficalho sentia ulular a turba junto à porta do palácio. A espionagem era quási constante. Os seus quatro rapazes estavam ameaçados de morte ; caíam nas esperas torvas. Desaparecera a autoridade ; nenhum juiz condenaria os seus agressores sendo louvados, enaltecidos, os assassinos. Succediam-se desacatos horríveis ; feria-se, espancava-se, marca-



vam-se a giz as portas dos adversários. Um frade arrancara o laço azul e branco do chapéu de uma senhora. Pediam-se forcas. A grande dama entrevia todo o horror que ameaçava a sua gente: os filhos como o irmão, os parentes que repeliam o absolutismo, aquele velho desembargador e seu próprio pai. Até os seus criados estavam sujeitos aos olhares escarninhos ou ódio dos sectários espíões.

Chamou os filhos. O conde de Ficalho e seu irmão Luiz, tinham que despir as fardas para não servirem a tirania; José bem podia perder a esperança da carreira pela armada; Francisco, com os seus dezassete anos, cabia-lhe a sorte dos irmãos. E essa ia ela auxiliar, de alma dilacerada, mas de rosto serêno, ao recordar a carta escrita pelo marido após a ferida que o sagrara na batalha de Albuera. Não esquecera aqueles dizeres :

« Façamos sempre o nosso dever à risca que a Verdade sempre há-de aparecer ; prèga esta verdade aos filhos e faremos muito se lha imprimir-mos no coração ».

Educara-os sob êste lema. Encontrava fôrças na sua ascendência, educação e no exemplo do espôso, para tomar a attitude que julgava mais digna, sã e à altura da sua nobreza.

Altas horas ; Jesus estava, no seu altar, na capela do palácio dos Ficalhos. A aristocrática senhora encarou a sua desdita com firmeza e confiada na Providência.

Os jóvens entraram no recinto sagrado, como para uma velada de armas. Ela dissera-lhes ser necessário partir, irem bater-se pela Liberdade que o pai amara e à qual se deviam. Mostrou-lhes o horror da vida escravizada, os constantes sobressaltos dos atentados, dos desrespeitos, das infâmias. Orassem a seu lado ; largariam, depois, para o refúgio do navio que os levasse ou da casa, por mais humilde, onde não lhes pusessem mãos os sicários. Eram valentes, porém, ço que representa a

coragem diante da força bruta impunível, sobrelevando a própria autoridade ? !

Caíram de joelhos no oratório ; ela própria lhes indicava a emigração, onde iriam procurar ser úteis nos pontos onde os constitucionais levantassem sua bandeira. A Pátria carecia dêles.

Lembrava Filipa de Vilhena. Como ela, queria ver quebrados os grilhões que algemavam o país ! Prostrados, aqueles quatro homens, aqueles quatro soldados, que sua mãe doava à Liberdade, ouviram-na dizer ao cabo da oração :

« — Meus filhos. Só Deus dá a virtude e o valor é uma virtude. Peçam a Deus que lhes dê valor ! »

D. Eugénia de Melo, neta do grande visor-rei D. Francisco de Almeida e viúva do bravo de Arapiles, revestira-se duma estranha força. Estendeu a mão para os filhos, que lha beijaram, ajoelhados. Depois ergueu-os ; abraçou-os, viu-os pálidos, a saírem pela porta escura, àquelas horas tardas, no escuro e no silêncio da noite em que os votava às batalhas, às lutas, talvez à morte.

— À morte !

Afervorou-se mais na oração ante o altar.

Pouco depois os criados foram abrir a porta da capela. Encontraram desmaiada, por terra, aos pés de Deus, quem possuía a virtude máxima, e valorosamente a mostrara, pois o valor, em seus dizeres, é uma virtude. A fidalga, no seu oratório, praticara em tanto heroísmo como o espôso ao dizer-lhe, após a batalha de Albuera, « ser preciso cumprir o nosso dever à risca ».

Nobrememente, prègando tal verdade a imprimira nos corações dos seus filhos.

Fôra a primeira condecoração daqueles soldados da Liberdade.

\*

\* \*

Uma sege leveira parou com estrépito à porta do vetusto e distante convento de Carnide. Passara pelas estreitas azinhagas floridas de murta e rosas pendentes dos muros de quintas. Descerrou-se a grade da portaria. Apeou-se um homem e logo uma senhora envergada de luto. Acorrera a rodeira, seguira-se a escritã, por fim, caminhando pelo claustro, entraram no aposento da abadessa. Ao cabo de algum tempo, o indivíduo saíu; largou, rapidamente, o veículo atroando as ruelas; a portada rangeu; e, fechando-se com estrondo, recafra-se no silêncio bucólico do sítio. Afestoavam-se de galas os roseirais e as trepadeiras revestiam os muros, esmaltados de flores, no lugar semeado de solares vistosos, de pompa, entre as terras vastas. Voavam pombas sôbre os telhados.

A condessa de Ficalho, D. Eugénia de Almeida e Melo, ficara encerrada na casa religiosa para onde a enviava o absolutismo esquecido dos serviços de seu marido. Só via o que se passara no ânimo da fidalga em hora tormentosa. Ali entrou a ilustre senhora por ordem expressa do govêrno. Uma lacaia de língua sôlta denunciara-a no confissãoário ou na polícia, a um frei ou a um esbirro. Dissera daquela despedida no oratório, da partida dos fidalgos, do desmaio da grande dama. Talvez tivesse escutado suas palavras e logo, enxameada a rua de espíões, sibilaram as ameaças. Um magistrado a conduzira ao convento de Chelas, onde, no tempo de Pombal, tinham estado enclausuradas a marquesa de Alorna, suas filhas e a condessa de Atouguia, com os meninos que o cadafalso de Belém tornara órfãos.

Naturalmente acharam pouco rigor nas Grilas e passara-se a ordem para a condessa de Ficalho ser internada no convento de Carnide, cujas habitantes tinham bem ganha fama de absolutistas até ao fanatismo político, o qual, enxertado no religioso, é maleita adúlteradora de todos os bons sentimentos.

Pedro de Melo Breyner jazia nas casamatas de S. Julião da Barra, onde os seus oitenta anos e as faltas de cuidados com a saúde, em tão provecida idade, lhe abalariam o organismo ainda assim resistente, por mais de vinte meses, a semelhante tortura.

A irmã de D. Eugénia, condessa da Ribeira, também fôra encarcerada em Chelas; coubera, depois, a vez à marquesa de Castelo Melhor, D. Francisca Xavier Teles da Gama, cunhada da filha de Pedro de Melo Breyner. Até se remetera para as Salésias a jovem marquesa de Angeja, D. Maria do Carmo, com penas de muito apêrto. Riquíssima herdeira, o seu crime consistia em ser noiva de D. Carlos de Mascarenhas, liberalíssimo como os Ficalhos.

Mostrava-se severíssima a clausura em Carnide. Não chegavam à cela da condessa os écos do que se passava no mundo. A atmosfera era malsã com o rigorismo das janelas fechadas, a falta de lavagens, o cheiro característico das casas onde o ar não penetra. Queimava-se incenso na igreja; o fumo misturava-se ao perfume das flores que ornavam os altares. Pelas grades do côro, por fóra erriçadas de espigões, as monjas oravam sôbre o templo azulejado e vetusto, no qual se orara em devoção sentida. Livres das lútas do mundo, as boas religiosas procurariam só fazer bem e assim mais se alçarem aos olhos divinos. Refúgio de almas couturbadas assistira a amarguras que a religião teria consolado.

Transformado em prisão política para a mãe dos quatro fidalgos que ela própria enviara para a luta pela Liberdade, jámais houvera cadeia sob mór vigilância. As carcereiras eram

tôdas as religiosas, que recebendo seus parentes nos gradões, sabiam dos acontecimentos políticos e exultando ou em desvairos, conforme singrava, ótima ou duvidosa, a causa de D. Miguel faziam pagar à prisioneira as más e, igualmente, as boas notícias. Ao saberem as ruínas soavam as cóleras sem arvorarem os motivos; ante as de agrado sucediam-se as festas, as visitas, os cânticos, as preces e o vozear do órgão. Viam-se mais círios acêsos nas capelas de suas devoções.

Buscavam abater o orgulho da cativa; nem a menor letra chegava à sua mão. Ocultando-lhe, cuidadosamente, o que se passava esperavam vê-la súplice a inquirir da sorte dos filhos. Esmacia-se o rosto da prisioneira, porém, o espírito retemperava-se-lhe tanto que parecia resplandecer nas maneiras pelas quais a nobre senhora anunciava que nem sequer seria capaz de pedir uma sêde de água às suas vigilantes fanáticas e menos um consôlo. Odiavam-lhe a altivez. Queriam-na abatida, por terra, inquieta, chorosa. O pranto de seus olhos seria o refrigério dos corações adustos das religiosas.

O rosto da condessa, onde as rugas iam vincando menos a passagem dos anos do que as torturas, não acusava, em presença das monjas, o menor sinal revelador de suas dores. Desconhecia a sorte dos filhos ímpelidos por sua vontade para a pelepas, talvez para a morte.

Um dêles, José, embarcara para o Brasil; apresentara-se ao imperador D. Pedro que o acolhera mandando-o servir na marinha. Luiz já envergara, como o primogénito, a farda do exército liberal que se improvisava entre dificuldades sem par. Francisco não tardaria em seguir a conduta dos irmãos que o viam sempre como criança.

A condessa, porém, não sabia coisa alguma. Com o instinto das presas, adivinhava os bons e os maus acontecimentos pelas manifestações, mesmo as mais exíguas, das carcereiras.

D. Tomaz de Melo, tio dos Ficalhos, também emigrara; o espôso de D. Maria Margarida, D. Tomaz de Mascarenhas, antigo miguelista convertido ao liberalismo, com ardente fé, desempenhava missão de confiança na qual o investira D. Pedro, no Brasil. Estivera em Londres onde encontrara o conde seu cunhado. Encarregado de tratar da parte da diplomacia do partido, mal pudera arcar com o pesado encargo em virtude da sua falta de preparação para tão grandes questões, sobretudo no meio das formidáveis intrigas dos emigrados famintos ou atacados pelo desvairamento das misérias e rivalidades.

Quando o imperador entrou na Terceira para tomar a chefia do movimento liberal o conde de Ficalho foi seu ajudante; D. Tomaz de Mascarenhas, fazia parte do quartel-general; Tomaz de Melo era voluntário e Luiz servia às ordens de Sá da Bandeira bem como seu irmão Francisco. José acompanhara também o imperador. Estavam ali prontos a oferecer seu sangue em holocausto ao juramento feito. O conde distinguira-se brilhantemente na batalha da Praia da Vitória; seu irmão Luiz recebera uma citação na de S. Jorge. Batiam-se muito bem os netos dos grandes guerreiros.

Sua mãe, recolhida no convento de Carnide, não pôde deixar de saber do desembarque do exército liberal no Mindelo, que as freiras anunciavam em clamores vingativos de quem esperava ver espostejados os corpos dos legionários de D. Pedro.

Por aqueles corredores passava, qual vento maléfico, a pestífera exalação de formidável ódio. Os Ficalhos com os seus camaradas, iam prosseguir na sua carreira de excelentes soldados. D. Tomaz de Melo recebera das mãos imperiais a bandeira bordada por D. Maria II, a primeira signa azul e branca implantada no continente.

Coubera tal honra ainda a um Ficalho. Diante das tropas

régias o chefe quisera honrar, dêste modo, o tio daqueles heróicos rapazes, o irmão do bravo de Arapiles, o voluntário da guerra contra os franceses o qual, aos quarenta e seis anos, voltara a sentar praça.

Na tarde do desembarque promoveu-o a alferes.

Emquanto a D. Tomaz de Mascarenhas nomeou-o governador do Pôrto. Nasceria dêste cargo o maior desgosto da vida do fidalgo. Por não ter podido exercê-lo com o ardor preciso, procuraria a morte como seu sogro ao querer rehabilitar-se de culpas que não tivera.

No dia da batalha de Ponte Ferreira, na qual o jovem Francisco de Melo recebera uma citação, o cunhado, ao ter notícia do que se dizia a derrota, quando era a vitória, mandara embarcar apressadamente o que pudera ; partira com as reservas para a Foz, abandonando a cidade. Quando subiram os foguetes e repicaram os sinos, no delírio do triunfo, enoitara-se-lhe a alma. Entrevara-se-lhe a razão. Condenaram-no dizendo-o acobardado ; os que tinham produzido o alarme eram os mais severos para com êle. Demitido rudemente pelo imperador, só buscava um sítio onde acabar resgatando-se. Em Souto Redondo, o conde de Ficalho portara-se como um herói ; Luiz, alferes de cavalaria, igualara-o na bravura ; já luziam nos braços de Francisco os galões da mesma patente. Dir-se-ia quererem resgatar o mal que o cunhado produzira. O Ficalho mais novo seria gravemente ferido batendo-se heróicamente. Passou a tenente de caçadores.

Pedro de Melo Breyner, a-pesar da sua ancianidade, fôra vítima de tormentos na Tôrre de S. Julião. A filha, marquesa de Niza, tentara, por todos os modos, aligeirar-lhe penas e dores. Era entre palavreados ruins e insultos que a nobre senhora passava até ao cárcere de seu pai. Debalde, ela, e a filha da condessa de Subserra, que ia ver a mãe e o padrasto, ali prêsos, reclama-

vam do general miguelista, conde de S. Lourenço, assistência ao menos para não serem insultadas. Enchia de presentes os carcereiros; o próprio filho de Teles Jordão recebera prendas, porém, o trato não se modificara. O ancião sofria de varizes já chagadas; acompanhava-o um velho criado para o cuidar, mas depressa se pensou em lhe roubar a companhia do servidor. Negavam-lhe visita de ciurgião de sua escolha; o que servia na fortaleza, Luz, não se esmerava nas receitas. Os presos desmereciam a seus olhos; nem os considerava doentes, receoso de ser punido por o julgarem, senão carinhoso, ao menos em dever cabal de seu ofício.

O conselheiro de estado finara-se após dolorosa agonia, na prisão onde não deixaram entrar os filhos para lhe receber a bênção. Só puderam beijar um cadáver.

Tudo isto, porém, era ignorado pela prisioneira do convento de Carnide. Suspeitava desgraças a acometerem os seus rapazes e desesperava-se. No olhar das religiosas só luziam sarcasmos, ironias, às vezes, no de algumas, ainda mais perversas, lia fingida piedade.

Era impossível que, entrando em tantos combates, escapassem dos ferimentos os bravos militares cuja mãe, encerrada na cela, só sabia rezar sem exageros ante as monjas que a espionavam. Por cada dia de pelejas, e lutavam já há quatro anos, criara muitos cabelos brancos.

Lembrava-se da grandeza dos seus. Encontrava coragem nos exemplos dos antepassados, mas o amor maternal era mais forte.

Certo dia sentiu-se desfalecer. A voz de uma freira, que a pressentira orando, anunciava a outras: «Morreram os Ficalhos».

«Quais?», interrogava a companheira.

«Parece que dois dêles!»

Luiz fôra trespassado por uma bala; Francisco recebera um



ferimento, mas estavam salvos. A notícia terrível corria por conta das reclusas do convento tornado cárcere.

Cravavam uma punhalada funda no peito daquela mãe. Volvia seus olhos para o Senhor dos Passos do altar, que a contemplava transfigurado a seus olhos crentes, e, baixinho, em fé ardentíssima, prometia a sua maior oblata ao bom Jesus que tanto sofrera. Arrastar-se-ia de joelhos até à sua igreja da Graça, de rôjo, magoada, inútil como uma folhinha morta, se seus filhos estivessem vivos. Desde pequenina que afirmava a sua devoção por aquela imagem; bastas vezes fôra, em criança, com sua mãe, desde o palácio de Santa Clara até à capela onde o adorara. Deus, era testemunha do seu pensamento. Iria de joelhos desde cá de baixo ao tôpo da riba, como uma desamparadinha, humilhada, em agradecimento.

— De rôjo, Senhor, de rôjo! Senhor dos Passos, salvai meus filhos!

Erguia-se mais consolada. As vozes das religiosas não a deixavam em paz. Anunciaram, durante muito tempo, a morte dos Ficalhos. Ela volvia-se para o Crucificado. O tormento continuava. Diziam-nos mortos, após ferimentos graves; juravam ser esta a verdade. Não se sumia o horror.

Dobavam-se os dias, as semanas, os meses e a condessa, amortalhada no seu luto, que para lá levava e jâmais deixaria de usar, ocultava as lágrimas diante das torturadoras. Eram as algozes do seu coração maternal; plantavam nêle mais espinhos do que os pregados pelos fariseus na corôa de Jesus.

Uma tarde, ao fim de meses, escutou outra voz. Era a de um padre que a sentira ali perto.

« — Então que me dizem? — perguntava para as freiras. — Aqueles homens têm pacto com o demónio! O Francisco Ficalho foi atravessado por uma bala, mas o diabo não o quis! O conde lá desembarcou no Algarve com o duque da Terceira! »

Entre invectivas e raivosas palavras, que eram de fingido ódio, o reverendo, anunciou àquela mãe desditosa não só a vida dos que lhe eram queridos, mas a aproximação de um dêles. Repetira não terem morrido os outros: « aqueles malditos, aqueles patifes, aqueles « malhados » !

A condessa de Ficalho compreendera que os furiosos apodados envolviam a sua consolação. Eram como cardos venenosos ressumando doces bálsamos.

Graças, meu Deus !

De joelhos, diante do Senhor dos Passos, ela orava.

As religiosas espionaram-lhe no rosto a alegria, que também faz chorar, mas julgá-la-iam ainda tristeza e sofrimento.

\*

\* \*

D. António de Melo, conde de Ficalho, pedira uma mercê ao imperador. Era seu ajudante de campo desde o comêço da guerra, ganhara a Tôrre e Espada nas batalhas com os galões de tenente e, como se estivesse mais ávido de honrarias, apparecera a requerer. Solicitara, porém, o contrário do que podia considerar-se prémio. Desejava acompanhar o duque da Terceira na expedição ao sul. D. Pedro IV atendeu-o ; o chefe das forças destinadas ao Algarve nomeou-o official às ordens. Confessara-se feliz e grato.

A marcha formidável, desde o Alentejo a Almada, ao fim da qual Lisboa caíra nas mãos constitucionais, fizera-a o jovem fidalgo em constante fervor de bom soldado. Cada golpe despedido sôbre o inimigo, cada passo nas estradas que conduziam ao Tejo mais o aproximava da prisioneira do convento de Carnide.

Comprendera a aspiração do seu general; os soldados tinham-na secundado no delirante entusiasmo de quem entrevê a felicidade :

A Lisboa ! A Lisboa ! gritaram ao verem o duque da Terceira ordenar as avançadas sôbre Alcácer do Sal.

O liberal queria a cidade emancipada como uma sultana livre de um harém corsário. O filho almejava apertar a mão contra o peito, sentindo-a salva do cárcere onde a sabia aferrolhada.

Lisboa fôra abandonada pelos miguelistas consumidos de terror.

O gentil e bravo tenente estivera sempre de espada nua em pelepas e reencontros.

Desembarcara, no Terreiro do Paço, no estado-maior do vencedor ; vira as bandeiras azues e brancas esvoaçando na capital que deixara de noite, havia cinco anos, foragido à plebe vil, disposto a bater-se ou a ficar no exílio, quasi mendigo, os bens sequestrados, longe dos seus affectos.

Os oito mil homens que defendiam a causa de D. Miguel tinham fugido ante os mil e duzentos constitucionais e êle, volvia-se ao burgo que lhe parecia mais belo nesse Julho engalanado de rosas. É que estava desagrilhoado e a liberdade alinda. Acolhiam-nos entre vivas e palmas ; o povo tomava nos braços os barbaçudos soldados que, cheios de canseira, pareciam mais necessitados de leitos que de rancho. Acalentava-os como a crianças e ia fazer as suas guardas, deixando-os a dormir.

O filho da condessa de Ficalho fugiu da apoteose. Mandara aprontar uma sege, e, de uniforme roto e enxovalhado, a barba crescida, ordenando a correria desabalada, partiu para Carnide.

Já as tropas absolutistas, enorme reptil em estertor, se

contorciam pelos caminhos. Desmoralizadas e envilecidas, em breve recobriariam ânimo.

Atrás das fôrças, ou no meio delas, em êxodo cobarde, iam frades e monjas, ministros e magistrados, fidalgos e caceteiros, dizendo-se foragidos ao cólera mas na verdade ao arranco dos soldados de D. Pedro.

A casa religiosa estava quási vazia; desapareciam diante do fidalgo as aterradas freiras que o mêdo ou a doença ligara ao convento. Quantas vezes o tinham dado por morto e aos irmãos a fim de magoarem a infeliz mãe, sua vítima!

Grassava o cólera; elas sobrepassavam o flagêlo.

D. Eugénia teve ânimo e sorriu entre lágrimas, ao encontrar-se, soluçando, nos braços do estremecido filho. Ouvira-o falar-lhe dos irmãos que em seus postos combatiam e, rejubilante, cobrira-lhe a face, erriçada de barba, com os beijos destinados a Luiz, a José, a Francisco, militares como êle, heróis nascidos de grandes exemplos.

A verdadeira heroína, porém, fôra a aristocrata que soubera substituir, em hora trágica, o carinho pelo estoicismo. Nenhum dos seus rapazes sofrera como ela porque por cada lágrima de um filho vertem as mãis caudais e ante as suas minguadas amarguras trespobram os males maternos como se voltassem a dar à luz os frutos de seus amores, cada vez que os sentem queixosos.

Ao sair daquela porta conventual, atravessando as floridas azinhas, no carro veloz, não podia desamplexar o soldado que a beijava com a saúde de cinco longos anos de ausência e de tormentos.

Para ser completamente feliz faltavam-lhe ali os outros filhos e que em Portugal houvesse paz.

Êles estavam longe. A guerra prosseguia, passada a primeira surpresa, o inicial alarme, o enorme terror.

\*

\* \*

A calçada que vai à Graça, a abrir-se da Carreirinha do Socorro pela rua dos Cavaleiros, apinhara-se, rapidamente, de povo.

As tropas de D. Miguel em breve avançariam sobre Lisboa onde D. Pedro entrara.

Uma mulher de joelhos, rastejando, ia subindo a ladeira íngreme: o seu grato calvário. Movia-se, devagar, rasgados, nos joelhos, os vestidos humildes. Deslizava sem olhar os circunstantes, levada por alguma sublimidade que dir-se-ia soerguê-la para longe da terra. A condessa de Ficalho pagava a sua promessa ao Senhor dos Passos.

Durante o cativo no convento, onde tanto sofrera, jurara à divina imagem, que, rojando-se, mesquinha e vencida, como uma folhinha morta, chegaria junto do seu altar. Avançava sobre as rótulas chagadas, na sua oblata fidalga, sacrificando o orgulho e o aprumo mas só em holocausto a Deus.

De quando em quando, arquejava. As janelas enchiam-se de senhoras que olhavam como a uma santa a heroína que votara seus filhos à Liberdade.

Rostos encortiçados de avós, cabeças loiras de raparigas, faces rosadas de crianças assomavam e lavavam-se em lágrimas de súbita comoção ante aquele corpo arrastando-se a caminho de um templo.

O povo afastava-se respeitosamente como se a condessa, na sua humilhação, fôsse uma rainha sagrada sob um rútilo diadema.

Prosseguia na sua vereda de peregrina.

— « Deixai passar ! É a mãe dos Ficalhos ! Deixai passar ! »

Dêste modo falavam as gentes ante aquele vulto que se movia a custo. Avançava muito devagar, no seu dolorosíssimo movimento, o rosto bagado de suor, a mantilha negra a soltar-se da cabeça encanecida na cela do convento.

As vozes malévolas das freiras tinham-na crucificado a dizerem seus filhos mortos ; vovera-se para o altar, e, baixinho, fizera a sua prece. Mais do que um círio colossal ela dava-se, a si própria, ardendo em fé.

— « Meu Deus ! Meu Deus ! Salvai os meus filhos ! »

Viviam. Cumpria o voto abençoando-o.

— « Deixai passar ! É a mãe dos Ficalhos ! Deixai passar ! »

Noutra hora envaidecer-se-ia ao ouvir aquela admiração pelos seus heróis. No momento que decorria ofertava tudo a Deus e ao Senhor dos Passos. Dava-lhes em agradecimento a sua dolorida via-sacra, de joelhos em sangue e de alma grata, ao decair de uma tarde lisboeta, quando ainda durava a guerra.

— « Deixai passar ! É a mãe dos Ficalhos ! Deixai passar ! »

Bendita ela era, a heroína, igual às do passado.

Tudo sacrificara pela Pátria. Achava, agora, dulcíssima a penitência.

\*  
\*   \*  
\*

Novo luto envolvera o brasão dos Ficalhos. O general D. Tomaz de Mascarenhas, espôso de D. Maria Margarida, acusado de não ter defendido o Pôrto, tentara morrer, expondo-se em vários combates. Afastavam-no ou defendiam-no. Julgava

que os seus camaradas não queriam acabar junto dêle em comunhão derradeira.

Na manhã de 5 de Setembro de 1833 as baterias miguelistas varejavam terrivelmente as trincheiras abertas, desde Campolide às terras do Vaía, onde comandava o genro da condessa de Ficalho.

O quartel-general de Saldanha fôra atravessado por muitas balas. Dir-se-ia investido por vespeiro enfuriado.

As tropas inimigas lançavam-se contra Palhavã. O imperador apresentava-se sereno. O rosto e a farda, tinham sido salpicados pelo sangue de um soldado caído à sua beira ao apontarem uma peça.

A cavalaria adversária, sob o comando do bravo e moço marquês de la Rochejaquelin, arremetera para o parapeito onde D. Tomaz de Mascarenhas aguardava a bala que o devia matar ressuscitando-lhe a honra. Julgara-a manchada, limpava-a.

No mais vivo do tiroteio, deu um passo; mostrou-se no extremo do bastião, destemidamente, desdenhando a morte. Baqueara na terra já empoçada pelo sangue dos seus soldados.

Por êle se vestiu o novo luto na casa de Ficalho.

Era como se o bravo, caído em Arapiles, ainda desse exemplos dentro da sua campá.

\*

\*     \*

D. Filipa de Vilhena fôra marquesa de Atouguia e D. Mariana de Lencastre marquesa de Castelo Melhor. D. Eugénia de Melo recebeu igual dignidade; a de marquesa de Fica-

lho. Seu filho primogénito usou o título; a Luiz coube o de conde de Sobral e a seu irmão Francisco o de conde de Mafra. José morreu cedo. Revestira as insígnias de cavaleiro da Ordem de S. João de Jerusalém.

Em 14 de Maio de 1836 a rainha quisera honrar a grande fidalga, que votara os filhos à Liberdade, nomeando-a duquesa de Ficalho e camareira-mór.

Não cabem, porém, heroínas em gaiolas, por mais doiradas, e os paços régios nem sempre são viveiros de pombas. A política do reinado de D. Afonso VI imolara a defensora de Monção no seu cargo; uma intriga da côrte de D. Maria II obrigaria a sair de junto do trono, com sua filha e seu cunhado, o camarista D. Tomaz de Melo Breyner, a dona ilustre consagrada por tanto estoicismo.

Recolheu-se à sua casa de Serpa. Envergava o capote e o lenço usuais na época; vestia-os qual uma mulher do povo como para se esquecer do cerimonial pação mas sem olvidar as ingratidões.

Finou-se, aos setenta e cinco anos, em dois de Janeiro de 1859. Extinguiu-se com a nobilíssima senhora o título de duquesa de Ficalho, mas ficou em sua casa o brio e o valor de que dera provas recordando sempre o exemplo do espôso ao ser ferido de morte, sob as balas francesas, abraçado à bandeira do seu regimento.

Como êle lhe rogara, conseguira imprimir o culto do dever no coração dos filhos, porém, gravara-o, igualmente, no seu, como boa mãe, transmitindo-lhes gloriosa herança.

Camarate, 17 de Agosto de 1933.





## ÍNDICE

---

I — D. Filipa de Vilhena. . . . .	5
II — D. Mariana de Lencastre, Defensora de Monção . . . . .	45
III — A Duquesa de Ficalho . . . . .	83





